

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)
CAMPUS ROLIM DE MOURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
(PGEEN)
MARCÍLIO ALVES ABIDIAS

**O ACAMPAMENTO CHE GUEVARA DE ALTO ALEGRE DOS PARECIS-RO: UM
OLHAR SOBRE O MODO DE VIDA CAMPONÊS E A CIÊNCIAS DA NATUREZA**

ROLIM DE MOURA -RO
2022

MARCÍLIO ALVES ABIDIAS

**O ACAMPAMENTO CHE GUEVARA DE ALTO ALEGRE DOS PARECIS-RO: UM
OLHAR SOBRE O MODO DE VIDA CAMPONÊS E A CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Rondônia, na área de Ensino de Ciências da Natureza, Linha de pesquisa 2 Formação docente, culturas, saberes e prática das territorialidades e diversidade da Amazônia.

Orientadora: Dr^a. Adriane Pesovento.

ROLIM DE MOURA -RO
2022

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

A148a Abidias, Marcilio Alves.

O Acampamento Che Guevara de Alto Alegre dos Parecis-RO: um olhar sobre o modo de vida camponês e a Ciências da Natureza / Marcilio Alves Abidias. - Rolim de Moura, 2023.

104 f.: il.

Orientador: Adriane Pesovento.

Dissertação (Mestrado). Graduação em Ensino de Ciências da Natureza (PGEEN). Campus de Rolim de Moura. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Ensino de Ciências. 2. Camponês. 3. Acampamento. I. Pesovento, Adriane. II. Título.

Biblioteca Fernando Pessoa (BS05)

CDU 55-057.2

MARCÍLIO ALVES ABIDIAS

O ACAMPAMENTO CHE GUEVARA DE ALTO ALEGRE DOS PARECIS-RO: UM OLHAR SOBRE O MODO DE VIDA CAMPONÊS E A CIÊNCIAS DA NATUREZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Rondônia, na área de Ensino de Ciências da Natureza, Linha de pesquisa 2 Formação docente, culturas, saberes e prática das territorialidades e diversidade da Amazônia.
Orientadora: Dr^a. Adriane Pesovento.

Nota: _____

Data: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a. Adriane Pesovento
Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir)

Prof.^a Dr.^a. Kachia Hedeny Téchio
Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir)

Prof. Dr.^o. Ronaldo Eustáquio Feitoza Senra
Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG), parcerias estratégicas nos Estados, apoio aos programas de Pós-Graduação emergentes e em consolidação em áreas prioritárias nos Estados, Edital CAPES Nº 18/2020.

RESUMO

A pesquisa objetiva identificar se houve por parte dos Egressos dos cursos de Educação do Campo em Ciências da Natureza, Ciências Humanas (2016) e Pedagogia da Terra (2003), a aplicação do conhecimento adquirido no Tempo Comunidade (TC) e Tempo Universidade (TU) em conformidade com os saberes populares no desenvolvimento da produção camponesa do Acampamento Che Guevara município de Alto alegre dos Parecis-RO. O estudo parte do princípio de que os saberes-fazeres camponeses no Acampamento dialoga com elementos próprios de uma educação do campo que unifica a realidade dos conhecimentos científicos com as ações agrossilvopastoris nesse espaço-tempo. Para dar conta da orientação teórica da pesquisa buscou-se suporte em Carvalho (2004), Marx e Engels (2011), Freire (2011), como base para discutir a temática. Ao concluir a pesquisa descobriu-se que a educação do Ensino de Ciências da Natureza não influencia no modo de produção desenvolvido pelas famílias camponesas no Acampamento Che Guevara, mas aparecem nas atividades educacionais desenvolvidas pelos egressos no Acampamento Che Guevara, como os projetos de Educação de Jovens e Adultos (Ciências Humanas), Quintal Ecológico (Ciências da Natureza) e Ciranda Infantil (Pedagogia da Terra).

Palavras chave: Ensino de Ciências; Campesinato; Acampamento.

ABSTRACT

The research aims to identify if there was on the part of the Graduates of the courses of Countryside Education in Natural Sciences, Human Sciences (2016) and Pedagogy of Land (2003), the application of knowledge acquired in Community Time (CT) and University Time (UT) in accordance with popular knowledge in the development of peasant production of the Che Guevara Camping in the municipality of Alto Alegre dos Parecis-RO. The study starts from the principle that peasant know-how in the Camping dialogue with elements typical of a countryside education that unifies the reality of scientific knowledge with agrosilvopastoral actions in this space-time. To give account of the theoretical orientation of the research, support sought in Carvalho (2004), Marx and Engels (2011), Freire (2011), as a basis for discussing the topic. Upon completion of the survey, it was found that the education of the Teaching of Natural Sciences does not influence the mode of production developed by peasant families in Che Guevara Camping, but appear in the educational activities developed by the graduates at the Che Guevara Camping, such as the Youth and Adult Education projects (Human Sciences), Ecological Backyard (Natural Sciences) and Children's Ciranda (Pedagogy of Land).

Keywords: Science Teaching; Peasantry; Camping.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 A Dialética do Camponês no Brasil	25
1.2 Ciclo Espontâneo de Resistência do Campesinato no Brasil 1500 – 1918..	26
1.2.1 Um exemplo de resistência: a Guerra de Canudos.....	32
1.2.2 O primeiro ciclo de luta organizada pela terra no Brasil, 1918 a 1964	35
1.2.3 O segundo ciclo de luta organizada pela terra no Brasil.....	38
2 A MIGRAÇÃO DOS CAMPONESES PARA O TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA NAS DÉCADAS DE 1970 À 1980.....	42
3 QUANDO MORIMOTO VIRA CHE GUEVARA.....	62
3.1 Da Cinza, da Garapa, do Frango na Panela, do Biofertilizante: ciências da natureza.....	87
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

1 INTRODUÇÃO

O estudo em pauta, parte do princípio de que os camponeses pobres na luta pela terra têm como objetivo primordial conquistar um espaço para retirar o sustento familiar. É necessário avaliar que após a consolidação desta primeira etapa, ou seja, a posse da terra, o desafio se caracteriza em garantir a permanência das famílias no campo desenvolvendo formas de produção e comercialização que atendam aos anseios de preservação e sustento familiar.

Diante desse contexto, é necessário que os camponeses construam mecanismos ancorados na coletividade que se caracterizam com a produção sustentável, livre de produtos químicos, produzindo alimentos saudáveis e utilizando como referência a diversificação da produção. Nesse sentido, esse modo de manuseio do solo tem como meta a defesa do meio ambiente, isto é, ver a terra como um bem finito que precisa ser preservado.

Para compreender a história de vida desses camponeses em estudo é necessário fazer uma retrospectiva para conhecer as questões objetivas, responsáveis pelos processos de migrações, e assim, elencar as principais causas do deslocamento de milhares de famílias camponesas de uma região para outra em busca de um local onde possam sobreviverem.

A partir disso, buscamos verificar se os saberes que dialogam com elementos próprios de uma educação que margeia o fazer-viver camponês, agregado ao saber científico, são praticados com o objetivo de respeitar e conservar o meio ambiente no Acampamento em estudo.

Pode-se afirmar que a opção pelo tema “O Acampamento Che Guevara de Alto Alegre dos Parecis-RO: um olhar sobre o modo de vida camponês e a Ciências da Natureza,” está arraigado na história de vida de minha família, de origem camponesa que sempre lutou e resistiu às imposições dos poderosos, tendo como instrumento primordial a luta coletiva.

Meus pais migraram do município de Caicó, localizado no interior do Estado do Rio Grande do Norte, para o Território Federal de Rondônia em finais da década de 1970, fugindo das opressões sofrida pelas mãos dos fazendeiros em um local castigado pelas fortes estiagens seguidas de misérias e fome. Uma terra, que para Carvalho (2011, p. 44), “[...] seca e pedregosa, está falando da terra que poderia ser partilhada [...],” para que famílias camponesas pudessem viver um “[...] sonho concreto do chão que se deixa trabalhar, do mistério da semente e fecundação, dos ritos propiciatórios da colheita [...],” mas são impedidos de viver devido as ações violentas dos latifundiários poderosos que retiram o direito das famílias camponesas de terem acesso a um pedaço de chão para retirar a própria sobrevivência.

Essa família de camponeses pobres, sempre viveu na região Nordeste em situações precárias sem ter um lugar no campo onde pudesse plantar, colher e criar os seus animais, livres das opressões do proprietário, que sempre a impediam de colocarem em prática os saberes populares adquiridos ao longo da sua história de vida campesina.

Vivendo nesse contexto, foi importante os debates, as rodas de conversas entre familiares e vizinhos que enfrentavam problemas semelhantes, esses encontros foram fundamentais para cultivar a esperança de conquistar uma fração de terra, mesmo que fosse em outro local distante, ou seja, em outra região do país.

Com a explosão de propagandas midiáticas imposta pelos Governos Militares dos anos de 1970, que serviu para impulsionar o processo de migração para a região amazônica, manifestou-se o espírito aventureiro dessa família e demais camponeses. Inicia-se a possibilidade de realização do sonho da conquista da terra para plantar e colher, livres de intimidações de patrões.

E assim, em junho de 1978, deixaram para trás a sua cidade natal, o senhor Francisco (pai), Vilma e Aldeniza (irmãs) e dona Maria (mãe), grávida a espera dessa pessoa que viria décadas mais tarde realizar coletivamente esta pesquisa de mestrado, ou seja, Marcilio Alves Abidias. O primeiro destino, foi no município de Pedro Gomes Estado do Mato Grosso do Sul, minha família conseguiu um local para trabalhar de meeiro, e plantar uma lavoura de arroz, com o objetivo de conseguir recursos para continuar a caminhada e chegar ao seu destino final, que era o Território Federal de Rondônia. Após realizarem a colheita de arroz, em fevereiro de 1979, foi possível dar continuidade a sua caminhada chegando em seu destino final.

Ao chegarem em Rondônia, em uma viagem de ônibus em estradas em péssimas condições, com muitos atoleiros, as águas dos rios em determinados locais passando por cima das pontes, era preciso esperar por horas ou até dias para que diminuíssem o fluxo para prosseguir viagem, dentre outros inúmeros percalços, a viagem durou aproximadamente um mês até a cidade de Pimenta Bueno - RO, local escolhido para dar início à luta para adquirir o tão sonhado pedaço de terra.

Ao chegarem em Pimenta Bueno, o primeiro passo, foi a busca por uma casa para alugar, em um bairro distante do centro da cidade, mas era o espaço que poderia pagar o aluguel, pois as condições financeiras não eram favoráveis uma casa no centro da cidade. Após esse primeiro momento, o passo seguinte foi procurar a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que contava com uma estrutura organizada, segundo Lima (2001, p.166) com “[...] residências dos técnicos, alojamentos para funcionários solteiros, casa de trânsito para hospedar visitantes, posto de saúde, garagem,

oficina e escritórios, que ocupavam uma área e possuía ruas de terra com paralelepípedos “[...] água encanada e energia elétrica por quatro horas por dia [...],” para realizar uma inscrição e aguardar a convocação para receber um sítio de 21 (vinte e um) alqueires de terra em um local que os representantes do INCRA determinassem, no entanto, o prazo para os camponeses pobres serem contemplados, isto é, receberem o sítio, variava entre 2 (dois) meses a 2 (dois) anos, aguardando ansiosos na fila de espera.

Nesse contexto, sem perder as esperanças, os camponeses pobres se viam obrigados a trabalharem nas fazendas próximas à cidade de Pimenta Bueno, realizando vários tipos de atividades como: construir cercas, roçar pastos, fazer derrubadas com machados e plantações de capim. Nesse cenário de miséria, meu pai, assim como os demais camponeses pobres, se vira obrigados a trabalharem para os inimigos do campesinato que são os latifundiários, ou seja, os verdadeiros “grileiros¹” das terras que deveriam ser expropriadas para fins da Reforma Agrária.

No final do ano de 1980, próximo de completar 2 (dois) anos de espera por um pedaço de terra, fomos contemplados com um sítio de 21 (vinte e um) alqueires, distante do município de Pimenta Bueno, aproximadamente 150 (cento e cinquenta) quilômetros, região localizada no Regional Zona da Mata², onde atualmente é o município de Alto Alegre dos Parecis - RO.

Não haviam estradas que desse acesso à propriedade, mas era necessário fazer este trajeto pelo menos a cada 3 (três) meses, lembrando que dos 150 (cento e cinquenta) quilômetros de distância, entre o sítio e a cidade em que morávamos, só havia estradas em apenas 10 (cem) quilômetros, nesse trajeto era possível pegar carona com os caminhões que trafegavam constantemente puxando toras de madeiras para a cidade, no restante só existiam picadas³ no meio da floresta e a única alternativa era fazer os 50 (cinquenta) quilômetros à pé, carregando um cacaió⁴ de aproximadamente 15 (quinze) quilos de mantimentos para garantir alimentação durante o percurso da viagem e os dias que fossem trabalhar no sítio.

O primeiro trabalho na propriedade foi realizado de maneira coletiva, onde em grupos de dez a quinze camponeses um ajudando o outro, superando as dificuldades, pois, fazer esses trabalhos individualmente, corria um sério risco, tendo em vista que os latifundiários locais

¹ Grileiros são pessoas que se envolve com práticas criminosas como invadir, ocupar, lotear e obter ilicitamente a propriedade de terras públicas sem autorização do órgão competente e em desacordo com a legislação. Colocado de forma simples: é a invasão de terras públicas para apropriação particular, por meio de desmatamento e violência, com ou sem fraude documental.

² O Território Rural Zona da Mata - RO está localizado na região Norte e é composto por 7 municípios: Alta Floresta D'Oeste, Alto Alegre dos Parecis, Castanheiras, Nova Brasilândia D'Oeste, Novo Horizonte do Oeste, Rolim de Moura e Santa Luzia D'Oeste.

³ Trilhas estreitas no meio da floresta.

⁴ Alforje ou saco de viagem, preso com atilhos por baixo dos braços e pendurado nas costas.

contratavam jagunços para impedirem a permanência dos camponeses pobres nos sítios, mesmo que adquiridos pelo INCRA.

E cada camponês fez nesse primeiro momento a derrubada de aproximadamente um alqueire de floresta, após a realização da queimada, a construção de um barraco cercado por pranchas e cobertas por tabuinhas retiradas de maneira artesanal utilizando o “facão de tirar tabuinhas⁵,” em cada sítio.

Mas diante da situação de pobreza, a ausência de incentivos por parte do Estado, só foi possível minha família e demais camponeses mudarem para as suas respectivas propriedades no ano de 1982, quando os madeireiros iniciaram o processo de extração de madeiras, haja vista, que a região onde hoje é localizado o município de Alto Alegre dos Parecis, encontravam-se nas florestas, madeiras procuradas pelos donos de serrarias como Mogno e Imburana, e para retirarem era necessário fazerem estradas para realizarem o transporte dos troncos de madeiras em caminhões.

Surge a partir desse momento, a oportunidade para as famílias camponesas mudarem para seus sítios, alugando caminhões para transportarem as mudanças de três famílias por cada frete, conseguindo desta maneira, chegarem às suas propriedades e iniciarem o cultivo na terra, estreando um novo ciclo na vida das famílias camponesas.

Ressaltando que a semana das mudanças foi marcada pela alegria no rosto de cada um, caracterizando o momento histórico, onde muitos camponeses não acreditavam que seria possível conquistar uma fração de terras para trabalhar livremente, e finalmente havia se concretizado, estavam de posse da terra para cultivar e criar animais para o sustento da família.

Ao chegarmos para a nossa terra, iniciamos os primeiros passos com as divisões das atividades entre os componentes da minha família, sendo organizadas da seguinte maneira: as filhas ajudariam nas atividades da casa e eu o único menino da família, nesse período com apenas 4 (quatro) anos de idade teria como tarefa ir juntamente com a mãe levar o almoço na roça para o pai que sempre trabalhava um pouco distantes da casa. E isso aprendi com a minha mãe, a disciplina, ou seja, a compreender a importância de cumprir o horário do almoço, tendo em vista que na lavoura, o trabalho exige muito esforço físico, então todos os dias por volta das dez horas da manhã deveria estar com o almoço no “pé do eito⁶,” sem nenhum atraso.

⁵ Uma ferramenta de fabricação artesanal, com uma lâmina de aço de aproximadamente cinquenta centímetros de comprimento, oito centímetros de largura e um centímetro de espessura. Em uma das extremidades era feito uma abertura com quinze centímetros de diâmetro para adaptar um cabo de madeira com um metro e meio de comprimento. Um dos lados da lâmina era afiado para adentrar na madeira com mais facilidade.

⁶ Local do trabalho, ou seja, em meio as carreiras de lavouras de milho, arroz, feijão café dentre outros, onde os camponeses realizam o trabalho como capinar, roçar, isto é cuidar da roça.

Os conhecimentos tradicionais do campo são utilizados também, no que se refere a alto defesa, lembrando que no caminho da casa até a roça era em meio a floresta, sendo comum os camponeses avistarem onças, porcos do mato e antas, e para afugentar esses animais selvagens, meu pai ensinou um artifício eficaz, colocar pedrinhas ou grãos de milho dentro de uma lata pequena que ao chacoalhar produzia um enorme barulho que afugentava os animais.

Após realizar essa primeira etapa de trabalho diário, ao retornar para casa tínhamos como tarefa debulhar o milho para tratar das galinhas, porcos e patos. Terminando essa atividade era o momento de ir para o rio pescar e tomar banho, em uma cascata próxima da casa, eu gostava de ficar observando os peixinhos nadando naquelas águas cristalinas correndo em meio às pedras.

Mesmo vivendo nesse reino encantado, algo tirava o sossego das famílias dessa comunidade, nos anos 1982 a finais de 1985, que era a falta de escolas para os filhos estudarem, diante dessas circunstâncias, eu, como inúmeros filhos de camponeses, só sabia o que era escola por meio das conversas de minhas irmãs, que por serem mais velhas, já haviam estudado no município de Pimenta Bueno, e trouxeram alguns livros e realizavam leituras, destacando os panfletos de Literatura de Cordel.

As lideranças da comunidade em que vivíamos, estavam sempre se reunindo na busca por alternativas, e no ano 1984, chegou para a região uma família de camponeses e a mulher havia concluído o Magistério no Estado de Goiás e se prontificou a ministrar aulas na Comunidade. Na semana seguinte, reuniram-se os pais e deram início a construção de uma Escola. A futura professora recolheu a documentação das crianças e foi para a cidade de Alta Floresta Doeste para dar andamentos na parte burocrática. Porém, não foi possível a professora concluir o seu trabalho, pois o seu esposo em um ataque de fúria causado por ciúmes assassinou-a com disparos de arma de fogo, tirando uma vida e destruindo dezenas de sonhos de crianças camponesas.

Continuou a luta, e no ano 1985, eu prestes a completar sete anos de idade, mudou-se para a região uma família advinda do estado do Paraná, e o líder dessa família, em meio a uma reunião, prontificou-se em colocar seu nome à disposição da Comunidade para ajudar na construção de uma escola e trabalhar ministrando aulas, tendo em vista que tinha experiências na área docente, por ter trabalhado como educador em escolas rurais no Estado do Paraná.

E para adiantar os trabalhos, as famílias definiram utilizar a estrutura da Igreja, para não atrasar o início das aulas. A “Escolinha⁷” que foi a própria estrutura da Igreja Católica,

⁷ Forma carinhosa de os camponeses homenagearem o primeiro professor, o camponês Quirino Luiz Alflen dando à Escola o nome do seu município pátrio Escola Multisseriada Capitão Leônidas Marques.

em poucos dias confeccionaram as carteiras com tabuas extraídas com facão de tirar tabuinha e com uma semana estava pronta para o início das aulas. A Escolinha ficou com o nome de Escola Capitão Leônidas Marques, nome do município pátrio do camponês educador Quirino Luiz Alflen (in memoriam).

Então chegou o tão sonhado dia! A Escolinha que tinha capacidade para 50 (cinquenta) alunos ficou repleta, composta por alunos do 1º e 2º ano das séries iniciais, o professor organizou a sala da seguinte forma: do lado direito do professor os alunos do 1º ano e do lado esquerdo os alunos do 2º ano.

Atrás da Escolinha tinha uma cobertura com um grande fogão à lenha, onde era cozinhado a merenda e quem preparava era o professor, em determinadas situações, ele elegia dois alunos e duas alunas, mais velhos, para ajudar na organização da alimentação.

Com o início das aulas, a minha vida muda completamente, pois, agora era necessário dividir o tempo em estudar, ajudar o pai na lavoura, cuidar das criações e também se divertir aos finais de semanas na Comunidade.

Essa Comunidade era composta pela Escolinha, que era o mesmo local da Igreja Católica, um Campo de Futebol que se transformou no ponto de encontro dos camponeses que residiam nesse espaço, formando uma população de aproximadamente 40 (quarenta) famílias.

O trabalho realizado com o meu pai na lavoura era gratificante, pois, o mesmo ensinava as técnicas necessária para o preparo das ferramentas que, na primeira lua cheia do mês de agosto era a data correta para cortar os cabos de ferramentas como: enxadas, foices, machados dentre outros. No mês de setembro iniciava-se o preparo do solo para realizar o plantio, logo que comesçassem as chuvas.

O cuidado com a seleção das sementes era feito da seguinte forma: no caso do milho, colhíamos as melhores espigas e armazenávamos em um paiol coberto com palhas de coqueiros. As sementes eram selecionadas de seguinte maneira: debulhava o meio das espigas, que são os grãos com maior índice de germinação e realizávamos o plantio. O feijão por sua vez era colhido os melhores pés, ou seja, os que tinham a melhor quantidade de vagens e secado apenas no período do sol da manhã, isto é, até as 10 (dez) horas do dia e depois armazenados em saco de estopa⁸, onde colocava uma camada de areia fina retirada do riacho, e outra camada de feijão e assim ate completar a quantidade necessária.

Para a criação de porcos, era necessário alimentá-los pela manhã e ao entardecer, com uma alimentação diversificada a base de milho, abóbora, mandioca e mamão todos

⁸ Saco feito de um linho especial usado como recipiente e pano de limpeza.

produzidos no sítio. A construção de chiqueiros era em locais estratégicos, onde fosse possível fazer o encanamento de água por meio de bicas⁹ feitas do caule de coqueiros, e os animais adultos eram separados dos pequenos.

No que se refere a galinhas, patos e marrecos eram criados em um espaço formado por um cercado feito de ripas e cobertos por palhas de coqueiros, que continha chocadeiras, um espaço para separar os frangos para o abate, outro espaço reservado para os patos e marrecos para protegê-los dos predadores como jacarés e lontras que atacavam constantemente. No tocante a prevenção de doenças desses animais, minha mãe, organizava os remédios caseiros como: melão-de-são caetano¹⁰, limão misturado com milho, pó de café, mastruz¹¹, alho amassado junto com pimenta malagueta dentre outros. Todavia, a produção era para o consumo próprio da família tanto da carne quanto de ovos, haja vista que, neste período não era possível comercializar na cidade, devido à falta de estradas.

Com o passar do tempo, no ano 1987, com o início da venda da produção de café e feijão, conseguimos comprar os primeiros lotes de gado leiteiro e um cavalo, que servia como meio de transporte para locomoção no sítio e na cidade. O nosso Sítio, por ser localizado em uma região montanhosa, meu pai resolveu adestrar bezerros para bois de carro, para transportar os produtos da roça como: feijão, milho, arroz, mamão, abobora, mandioca e lenha.

Eu fui aos poucos aprendendo com o meu pai as técnicas camponesas para amansar os bois de carro para o trabalho e puxar palanques e lascas de madeiras, para a construção de cercas no sítio.

É importante mencionar que durante esse período, as atividades da escola coadunavam com os aprendizados advindos do compartilhamento das experiências passadas pelo meu pai e minha mãe no cultivo da lavoura, no armazenamento de sementes, no cuidado da saúde dos animais com base nos conhecimentos populares, isso se resumia em um trabalho arraigado na teoria e prática.

Ao completar 11 (onze) anos, terminei a 4ª série e devido à falta de oportunidades foi necessário me afastar da escola e aprofundar no trabalho da roça, nesse período ingressei-me na luta junto a meus pais, e com apenas 14 (quatorze) anos já era coordenador de grupo de reflexão da comunidade Santo Antônio localizada na linha P40 Km 10, seguindo a Teologia da Libertação. Já intensificavam-se os debates na luta pela implantação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Alto Alegre dos Parecis, que naquele momento só tinha sede em

⁹ Cano, tubo, ou telha de onde escorre água.

¹⁰ O melão-de-são-caetano, também conhecido como melão amargo, erva-de-são-caetano, fruto de cobra e melãozinho, é uma planta medicinal com ação cicatrizante e antimicrobiana

¹¹ O mastruz é uma planta medicinal, também conhecida por erva de santa maria ou chá mexicano.

Alta Floresta D'Oeste.

Participamos dos debates, eu, minha família e demais camponeses para implantação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) em Alto Alegre dos Parecis que ocorreu no ano de 1994. Com o STR, em Alto Alegre dos Parecis formou-se uma movimentação liderada pelo movimento sindical e Igreja para a mobilização em massa da população pela emancipação de Alto Alegre dos Parecis.

Esse trabalho foi eficiente para que em 22 de junho de 1994 fosse realizado um plebiscito, que de acordo com a prefeitura de Alto Alegre (2022), compareceram para a “[...] votação 1.502 eleitores, dos quais 1.457 votaram pelo sim, 26 votos decidiram pelo não, 09 votaram em branco e 10 anularam o voto. Esses 1.457 votos legitimaram a criação do município, o conferindo o status de município e a independência política municipal [...],” se caracterizando como uma grande conquista dos trabalhadores.

Mesmo com a emancipação de Alto Alegre dos Parecis ocorrida no ano de 1994, a oportunidade de jovens e demais pessoas para o acesso à educação no campo, só foi possível no ano de 1997, quando eu iria completar 19 (dezenove) anos de idade, surgiu em meio as pressões dos camponeses organizados a implantação do projeto reconhecido como Pró Campo que atendeu naquele momento as necessidades de vários municípios do Estado de Rondônia no que se refere a educação básica para filhos de camponeses.

O município de Alto Alegre dos Parecis - RO, foi contemplado com essa modalidade Pró-Campo, e mais um desafio para mim, conciliar a educação formal com as atividades da roça. A Escola que fui estudar nesse período era distante da nossa casa aproximadamente 12 (doze) quilômetros, e as aulas aconteciam todas as segunda-feira e fazíamos este trajeto a pé, levando conosco a nossa própria alimentação o que nos concedeu o título de estudantes boia-fria, e diante de todos esses obstáculos concluí no ano 2000 o Ensino Fundamental.

O Ensino Médio, realizei por meio do ensino modular, ou seja, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA) conhecido na época por Ensino Supletivo, por ser a oportunidade de conciliar o trabalho na roça e demais atividades. No ano 2002, o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) estava forte no município de Alto Alegre dos Parecis com muitas mobilizações dos camponeses e com várias pautas de reivindicações como: crédito rural, educação, estradas, transporte, dentre outras.

Eu, fazia parte do Conselho da Comissão Pastoral da Terra (CPT), e no final do ano de 2002, fui indicado por meio de uma assembleia para fazer parte da coordenação regional do MPA, e continuei estudando por meio do EJA. No ano 2003, com aproximadamente um ano e meio de estudo no EJA, consegui concluir o Ensino Médio.

Nesse período, engajado na luta por melhores condições de vida no campo através do

MPA, STR e CPT, os debates aconteciam relacionados à construção de projetos para melhores condições de vida no campo, dentre eles pode-se destacar a luta por Moradia (credito habitação) Educação do Campo (em regime de alternância) e linhas de créditos como Pronaf Custeio e Pronaf Investimento.

Em meio a efervescência da luta pela agricultura camponesa, no ano de 2003 casei-me com uma camponesa com a história de vida semelhante à minha, e no ano de 2004, chega o nosso primeiro filho, um camponezinho para alegrar nossa casa e me dar a oportunidade de defender a continuidade na luta pela sobrevivência no campo.

Nesse mesmo ano realizei um concurso público para a função de técnico de auxiliar de serviços gerais para trabalhar na horta da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Artur da Costa e Silva. Porém, trabalhei na horta da escola por apenas 2 (dois) meses e fui transferido para o setor de prestação de contas onde fiquei por aproximadamente 7 (sete) anos.

O ano de 2009, foi marcado por algo superimportante para mim, nasceu a minha filha, uma camponesa para no futuro defender o interesse feminino e somar na luta em defesa das causas camponesas.

Através do MPA e CPT, trabalhamos na construção de um coletivo de comunicação popular conquistando um espaço na Rádio Comunitária de Alto Alegre dos Parecis, e após várias reuniões decidimos em Assembléia juntamente com camponeses atribuir o nome a este coletivo de Sabadão Camponês, um programa que vai ao ar aos sábados desde janeiro de 2014, com os seguintes locutores: Sebastião Felix Firmino (Maxixe), Elenilton Luiz Ferreira (Goiano), Fabiano Mariano Penna (Gordo), Marcilio Cesar Santos Abidias (Neguinho) e eu Marcilio Alves Abidias (Cabeça Quadrada).

A conquista de um espaço na Rádio Comunitária de Alto Alegre dos Parecis, transformou-se em um instrumento primordial de divulgação da implantação do curso de Educação do Campo, na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Rolim de Moura. E por ter participado das lutas por meio da CPT e MPA, na defesa da Educação do Campo e poder fazer parte dos debates junto a professores da UNIR que defendem a Educação do Campo, foi uma conquista quando por meio do vestibular específico, ingressei-me na primeira turma do Curso Educação do Campo no ano de 2016, concluindo em finais de 2019.

Ressaltando que, no ano 2013, ingressei no curso de história em uma universidade privada, onde a modalidade se caracterizava como semipresencial e após concluir, concorri por meio do concurso público estadual uma vaga para professor da área de humanas (História) para ministrar aulas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Juscelino Kubitschek, localizada no município de Santa Luzia Doeste, sendo aprovado e empossado em

07 de abril de 2017.

No dia 02 de maio de 2015, sofri o maior golpe na minha vida, perdi meu querido pai, o camponês Francisco Abdias Filho, uma grande liderança que lutou bravamente contra um câncer por aproximadamente cinco anos, vindo a perder esta batalha. Perdi minha fortaleza, meu líder e revolucionário camponês nordestino, que sempre defendeu a luta por uma sociedade sem opressores e oprimidos deixando um legado que seguirei enquanto viver.

Enquanto professor de História e Filosofia do Ensino Básico de filhos de camponeses, militante do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), conselheiro da Comissão Pastoral da Terra (CPT), coordenador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), de Alto Alegre dos Parecis-RO, egresso do Curso de Educação do Campo: Filosofia e Sociologia, comunicador popular, seguidor do legado do meu saudoso pai e da minha família foram primordiais para o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza.

Para compreender a luta dos camponeses pobres no Brasil, pela terra, é necessário fazer uma breve retrospectiva que se inicia com a chegada dos europeus em finais do século XV. Durante cinco séculos, a formação da classe camponesa em meio à opressão, resistências enraizadas na organização coletiva, buscou respaldo na formação de grupos comunitários contra colonizadores organizando-se por meio de comunidades em parceria com povos nativos, em determinadas situações organizados como nômades, outras vezes ocupando um território fixo em uma luta pela sobrevivência (SANTOS, 2015).

Diante deste cenário, pode-se afirmar que o processo de colonização da Amazônia e consequentemente do Estado de Rondônia, na segunda metade do século XX, teve um aumento significativo da população em decorrência do processo de migração formado por pessoas que vinham em busca de grandes extensões de terras para a implantação da monocultura, e eram incentivados pelo governo militar, de acordo com Picoli (2006, p.57) formaram “os núcleos de colonização [...]” objetivando “ [...] atender aos interesses capitalistas, tornando a terra uma forma apenas especulativa, nas mãos de verdadeiros barões da terra na região”.

Os camponeses pobres que tinham como finalidade adquirir uma fração de terra para o sustento familiar, ao terem acesso a terra, descobriram que a mesma não era apropriada para o cultivo de lavouras do tipo arroz, feijão, milho e outros, pois seria necessário o uso de insumos para correção do solo, que é necessário recursos financeiros, no entanto, não tiveram os incentivos como os barões da terra, isto é, direito a condições básicas como estradas, educação e saúde, conforme afirma Picoli (2006, p.58) o “[...] projeto da ditadura militar, bastava facilitar a aquisição da terra para os assentados, já que oferecer estrutura para a

fixação do homem na terra não se fazia necessário,” não se caracterizando como um projeto de agricultura familiar.

Em decorrência da falta de políticas públicas voltada para os camponeses pobres, cuja responsabilidade é do Estado, representado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o governo esperava, conforme afirma Picoli (2006, p.57), que os camponeses tornassem a terra “[...] produtiva, ainda que sem estrutura para tal. No entanto, transformá-la em terra fértil e permanecer na área sem as condições mínimas necessárias era o grande desafio”.

Após os primeiros anos da “conquista da terra,” boa parte dos assentados nos municípios localizados no centro do estado de Rondônia se viram obrigados a migrarem para o interior do Estado na busca por terras apropriadas para o cultivo. O Regional da Zona da Mata se transformou em um local propício, tendo em vista que a terra adequada para o cultivo de lavouras como café, arroz, feijão, milho dentre outras, acabaram sendo ocupados por imigrantes, que segundo Matias (1998, p. 125), para tentar solucionar o problema “[...] o INCRA criou, o PIC Gy-Paraná, [...] esse projeto contribuiu decisivamente para a criação de núcleos populacionais, [...] como Rolim de Moura, Santa Luzia d’Oeste e Nova Brasilândia d’Oeste [...] e apoiar a ocupação de terras devolutas¹² mais no interior”.

É possível afirmar que os municípios que compõem o Regional Zona da Mata foram palco de formação de grandes latifúndios, nesse espaço geográfico vários fatores foram responsáveis pelo avanço dos grandes produtores de monocultura, podendo destacar: terras adequadas para o plantio do capim, criação de boi e florestas com árvores centenárias como o Mogno que foram extraídas pelas grandes empresas madeireiras (BARROS; VERISSÍMO, 2002).

A partir destas circunstâncias, o município de Alto Alegre dos Parecis, passou a fazer parte dos planos da elite agrária para a formação dos grandes latifúndios, observando que nessa região sempre predominou o domínio dos grandes grupos econômicos representados pelos denominados “barões da terra” (PICOLI,2006), que se intitulavam os donos do poder.

Ressalta-se o cenário de devastação do Território Federal de Rondônia na segunda metade do século XX, provocado pelas práticas utilizadas pelos latifundiários, como o desmatamento em grande escala acompanhado das grandes queimadas para a consolidação da monocultura com a intenção, Stedile (2003, p. 27) de “[...] produzir produtos agrícolas para exportação[...]”, tendo como consequências graves a expulsão de famílias do campo.

¹² Segundo o Decreto-lei Nº 9.760/1946, esse diploma normativo, no que pertence ao conceito de terras devolutas, manteve o critério legal adotado pela Lei de Terras, denominando-as como sendo aquelas que, embora não sendo aplicadas a algum uso público federal, estadual ou municipal, não foram incorporadas ao patrimônio particular.

A importância desse trabalho está nas contribuições relacionadas às dimensões pedagógicas advindas de dois cursos da Universidade Federal de Rondônia (UNIR, 2022), que são eles: o Curso de Licenciatura em Educação do Campo em Ciências da Natureza e Ciências Humanas, criado e autorizado pela portaria do Ministério da Educação nº 646 de 30 de outubro de 2014 e publicada no Diário Oficial da União no dia 03 de novembro de 2014, curso sediado no Campus Rolim de Moura- RO que iniciou o funcionamento no segundo semestre de 2015, por meio de vestibular específico e o curso itinerante de Pedagogia da Terra, (UNIR, 2022) implantado no Campus Rolim de Moura em parceria com o INCRA e financiado pelo PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) no ano 2003.

Nesta pesquisa será identificado se houve por parte dos egressos dos cursos de Pedagogia da Terra (2003) e Educação do Campo em Ciências da Natureza, Ciências Humanas (2016), aplicação do conhecimento adquirido no Tempo Comunidade (TC) e Tempo Universidade (TU) em conformidade com os saberes populares no desenvolvimento da produção camponesa do Acampamento Che Guevara, município de Alto Alegre dos Parecis - RO.

Esse objeto de estudo tem como recorte geográfico o Acampamento Che Guevara localizado no município de Alto Alegre dos Parecis-RO e o marco temporal em estudo corresponde ao período de 1997 a 2022.

A metodologia adotada corresponde inicialmente à perspectiva preconizada por Lakatos; Marconi, (2015) podendo ser identificado em três vertentes: a vertente do método de abordagem, o materialismo histórico e o método de procedimento.

Pela vertente do método de procedimentos optamos pelo estudo das concepções embasadas na educação formal e os saberes que margeiam os fazeres-viveres camponeses, que são inseridos por meio da prática no cultivo da terra pelas famílias camponesas que residem no Acampamento Che Guevara desde o período da ocupação da Fazenda Morimoto.

A outra vertente, diz respeito a abordagem dialética, que se faz pertinente pelo próprio objeto de estudo se fazer compreensível pelo materialismo histórico, ou seja, constantemente por meio de técnicas adquiridas com base nas experiências e as teorias desenvolvidas nas comunidades e o ensino das ciências do curso Educação do Campo: Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Pedagogia da Terra.

Para desenvolver o estudo nos baseamos em André; Lüdke (2015), que utiliza uma variedade de instrumentos de coletas de dados, que permiti o estudo aprofundado de uma microsituação, no caso no contexto político, social e econômico do país e do mundo e as múltiplas determinações que são inerentes a esse contexto.

Que mudanças foram proporcionadas pelos conhecimentos científico advindo da educação formal do Curso de Licenciatura em Educação do Campo em Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Pedagogia da Terra agregadas ao conhecimento popular que margeia todo o fazer-viver camponês na construção da luta pela conquista da terra e na produção e comercialização de alimentos do Acampamento Che Guevara?

Os egressos não desenvolveram o Tempo Comunidade como o previsto no Projeto Político do Curso (PPC) Educação do Campo, pois, não houve na prática nenhuma ação desenvolvida no Acampamento associando a teoria à prática. Talvez, em decorrência de o edital do processo seletivo não exigir a formação específica dos docentes na área da Pedagogia da Alternância, pois, na seleção para compor o quadro efetivo do departamento de Educação do Campo, foram empossados professores com titulações de doutores, mas sem experiências práticas necessárias para a execução do projeto proposto pelo curso.

As lideranças locais dos movimentos sociais se omitiram, não realizaram as devidas cobranças, os estudantes se acomodaram predominando na diversificação dos produtos os saberes populares, mas foram arrastados para o uso de agrotóxico por meio das instituições se distanciando da política do campesinato. Os cursos de Educação do Campo agregaram conhecimentos teóricos, entre eles análise de solo, controle de gastos, manejo, conhecimentos técnicos para abertura de cooperativas e outros, porém não houve avanços nas inovações esperadas no combate ao uso de agrotóxico na produção do Acampamento Che Guevara.

Apesar de não ter sido implementado os conhecimentos no Tempo Universidade durante o curso, nesse espaço tempo do fim do curso Pedagogia da Terra (2009) e Educação do Campo em Ciências da Natureza e Ciências Humanas (2021), dois anos após o término do curso os egressos estão aplicando teorias somadas aos saberes populares como: Alfabetização de Jovens e Adultos, Quintal Ecológico e Ciranda Infantil.

A abordagem geral adotada na investigação é a do Materialismo Histórico e Dialético (MHD), que contempla obras dos clássicos de Marx e Engels, (2011) e teóricos que se orientam por essa abordagem, dentre eles Horn e Germinari, (2010) demonstram que as categorias tempo e trabalho abarcam os conceitos necessários à apreensão da síntese da história da humanidade envolvendo o passado, o presente e o futuro:

[...] verifica-se que a cronologia e o trabalho são categorias temporais da história e não é possível pensá-las separadamente. [...] o tempo-medida (relógio) e o tempo-trabalho, nasceram simultaneamente, mas, se analisados no sentido epistemológicos do materialismo histórico, o segundo tem primazia sobre o primeiro, porque constitui, por excelência, a base de toda vida humana. (HORN; GERMINARI, 2010, p. 50).

A história do campesinato observada a partir do surgimento do modo de produção capitalista foi caracterizada ao longo de sua existência pela construção de uma nova

composição de classes sociais, cujo sistema tem por objetivo extrair a matéria prima para fortalecer a exploração da mais-valia. Ressaltando que para a consolidação com êxito deste projeto foi necessário ocorrer uma mudança estrutural, e em consequência dessas políticas implantadas, o primeiro passo foi expulsar a maioria das famílias do seu local de origem, dando início ao fenômeno denominado de êxodo rural, que foi primordial para o aumento da população das grandes cidades e o fortalecimento da mão de obra barata no setor urbano.

Para atingir o seu auge, o modo de produção capitalista coloca em prática projetos que têm como objetivo eliminar de forma gradativa o campesinato enquanto classe, sendo que a tática utilizada neste período foi à descaracterização do setor rural impondo uma transformação da seguinte maneira:

O paradigma da metamorfose do campesinato surgiu na última década do século XX e é uma espécie de “terceira via” à questão do campesinato. Acredita no fim do campesinato, mas não no fim do trabalho familiar na agricultura. Desse modo utiliza o conceito de agricultor familiar como eufemismo do conceito de camponês. A partir de uma lógica dualista de atrasado e moderno, classifica o camponês como atrasado e o agricultor familiar como moderno. Essa lógica dualista é processual, pois o camponês para ser moderno precisa se metamorfosear em agricultor familiar. (CARVALHO, 2004, p. 18).

Esse processo de transformação ocorre por meio da construção de instrumentos ideológicos que são responsáveis por uma mudança radical, ou seja, um modelo pensado para ser desenvolvido a curto, médio e longo prazo:

Aos fundamentos em debate nessa controvérsia geral sobre o campesinato e o capitalismo foram acrescidos, no Brasil, temas como o campesinato e os modos de produção, os resquícios do colonialismo e do escravagismo no campo, a expansão da fronteira agrícola, a reforma agrária e o papel do Estado na reprodução do campesinato. (CARVALHO, 2004, p. 14).

Segundo Carvalho (2004), percebe-se que neste contexto são destacadas as leituras históricas da natureza e caráter do campesinato no Brasil, que foram marcadas em graus de intensidade distintas, isto é, sempre foram definidas pelo ‘determinismo econômico’. Ainda que essas controvérsias sejam observadas no que se refere à maneira como são implantadas e de acordo com o aumento da opressão vão surgindo os mecanismos para ampliar a resistências tendo como meta inserir o campesinato no modo de produção vigente, independente se estes movimentos sociais e sindicais sejam universais ou locais.

Compreende-se que historicamente no Brasil e em qualquer região dominada pelo atual modelo de produção sempre prevaleceu as ideias da classe dominante, haja vista, que foi sempre confrontada com as reivindicações advindas das organizações desenvolvidas pelos trabalhadores que compõem a população menos favorecida e, defendem seu modo de vida demonstrando na prática da produção o zelo com o meio em que vive. Diante deste cenário:

A revivificação dos conceitos de camponês e campesinato propõe resgatar e afirmar a perspectiva teórica da reprodução social do campesinato na sociedade capitalista a

partir das teses da centralidade da reprodução da família camponesa e da sua especificidade no contexto da formação econômica e social capitalista. Objetiva, deveras, abranger nesses conceitos a totalidade das formas de reprodução das unidades de produção familiar no rural brasileira. (CARVALHO, 2004, p. 16).

A luta intensa dos camponeses no Brasil ao longo da sua trajetória sempre esteve voltada para a conquista de um território em disputa, buscando a sobrevivência em um espaço que lhes foi negado pela elite dominante e que inclui o seu modo de produção, sua cultura com a tentativa de eliminação de uma tradição milenar que tem como base primordial o convívio na coletividade e o cuidado com a terra:

Uma das dimensões mais importantes das lutas dos camponeses brasileiros está centrada no esforço para constituir um “território” familiar, um lugar de vida e de trabalho, capaz de guardar a memória da família e de reproduzi-la para as gerações posteriores. Paradoxalmente, a perseguição deste objetivo supõe muito frequentemente, a extrema mobilidade do agricultor, que se submete a longos, constantes e sucessivos deslocamentos espaciais. (CARVALHO, 2004, p. 32).

O Brasil é um país com extensão continental, possui uma área que segundo (CARVALHO, 2004), seria de aproximadamente 850,2 milhões de hectares e deste montante no ano de 2003, contava com aproximadamente 199,2 milhões de hectares de terras devolutas. É perceptível que o problema atribuído ao agricultor não se resume apenas na falta de terras, pois é visível de acordo com os números das pesquisas citadas que a quantidade de hectares de áreas públicas já comprova que seria o suficiente para assentar toda a população pobre do campo, que vivem na constante busca por um local para tirar o seu sustento.

Após ocupar a terra, as famílias camponesas ampliam as construções de mecanismos para a permanência no campo. No entanto, pode-se afirmar que uma das ferramentas principais se caracteriza pela implantação de uma educação voltada para a realidade camponesa que segundo Freire, (1996, p. 47-48), não se caracteriza “[...] apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da teoria, o discurso sobre a teoria deve ser exemplo concreto, prático, da teoria.” A partir deste cenário Caldart, (2004, p. 319), dialoga confirmando que “[...] é nesse contexto de discussão pedagógica que abre espaço para se refletir sobre a dimensão do trabalho, mas também da produção cultural [...] e dos processos tecnológicos”.

Uma das pilstras de sustentação do campesinato está caracterizada na Educação Popular que nas palavras de Ammann (1985, p. 23) “[...] para isso, necessário se faz tomar como ponto de partida o “senso comum”, ou seja, a filosofia espontânea das massas [...]” deixando clara a importância das experiências que são repassadas de geração em geração. Ressaltando que, essas comunidades assentadas, são organizadas como instrumentos de resistências ancoradas nas experiências dos ancestrais visando perpetuar a cultura adaptando-as às condições locais. (AMMANN, 1985).

A pesquisa de campo iniciou-se no dia 20 de janeiro de 2022, com a observação no espaço do Acampamento Che Guevara, na sequência o roteiro de entrevistas e perguntas fechadas através de questionário com questões sócio educacionais aplicado de forma presencial, questões abertas por meio de entrevistas para os egressos do curso de Educação do Campo: Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Pedagogia da Terra e os demais camponeses residentes no Acampamento e finalizou no dia 09 de novembro de 2022.

Os critérios utilizados para o desenvolvimento da pesquisa foram os seguintes: foi aplicado um questionário contendo 30 (trinta) perguntas fechadas com os 16 (dezesseis) primeiros líderes do Acampamento, 10 (dez) mulheres da associação e com todos os egressos do curso de Educação do Campo: em Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Pedagogia da Terra, com um total de 30 (trinta) pessoas, ou seja, representa 10% (dez) por cento da população distribuídas em 6 (seis) glebas residentes do Acampamento Che Guevara.

A pesquisa busca elucidar a dialogicidade do fenômeno em suas proximidades e contradições com vistas a compreender a realidade educativa que reflete na produção camponesa do Acampamento em estudo, com o objetivo de descrever sobre as ações adotados no cotidiano das famílias camponesas relacionadas ao uso da terra. Houve mudanças na produção agrícola a partir das práticas utilizadas pelas famílias que trouxeram consigo os princípios básicos para o trabalho ancorado no zelo pela terra, a diversificação da produção se distanciando da monocultura, o que garante a produção saudável sem uso de agroquímicos. A ação dos camponeses com a ocupação do latifúndio no município de Alto Alegre dos Parecis ocorreu uma metamorfose onde a Fazenda Morimoto passa a ser o Acampamento Che Guevara.

A pesquisa se divide em três tópicos: o primeiro descreve a história dos camponeses pobres no Brasil, delineada a partir de um olhar camponês, apresentando os desafios enfrentados pela classe menos favorecida por aproximadamente cinco séculos. Nesse sentido, destacam-se a resistência da classe trabalhadora do campo, que ao longo deste período foram construindo coletivamente instrumentos de resistência em meio a privações de direitos, almejando a elaboração de um projeto de vida que pudesse atender coletivamente as demandas gerais do campesinato.

O segundo tópico relata como ocorreu o fluxo migratório na segunda metade do século XX, por famílias camponesas vindas de outros estados para Rondônia em busca de um pedaço de terra para cultivar e retirar a sobrevivência. E na sequência a história da luta pela terra no Acampamento Che Guevara, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), trazendo como objetivo principal a luta pela conquista e permanência na terra, enfatizando que, para compreender a resistência dos camponeses no Acampamento em

estudo, é necessário conhecer o histórico dos movimentos sociais do campo, que tiveram suas raízes advindas das organizações voltadas para a Igreja Católica por meio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), inspirada no movimento Teologia da Libertação.

O terceiro tópico trata dos aspectos necessários para compreender a contextualização do Acampamento Che Guevara, para isso, descreve-se a realidade das famílias camponesas que residem no Acampamento, onde a divisão das terras aconteceu por meio da Reforma Agrária Popular no ano de 2009, no entanto, não houve o processo de regulamentação das propriedades. Após a divisão de terras, a produção de alimentos no Acampamento Che Guevara é responsável por um percentual significativo do PIB municipal de Alto Alegre dos Parecis- RO. As atividades desenvolvidas pelos camponeses no Acampamento Che Guevara, mantém os saberes populares que são responsáveis por perpetuarem as técnicas camponesas utilizadas no manuseio da terra.

1.1 A Dialética do Camponês no Brasil

A história dos camponeses pobres no Brasil descrita a partir do olhar camponês necessita-se de uma retrospectiva apontando os ciclos do campesinato, durante um período de aproximadamente cinco séculos, marcado por lutas e resistências contra as políticas da classe dominante.

Para compreender os desafios enfrentados ao longo deste período, no que tange a temática de resistência, é importante ressaltar as contribuições de grandes intelectuais que surgiram em meio a classe trabalhadora, dedicando partes de suas vidas, construindo um aporte teórico para a história da evolução de instrumentos utilizados pela ação do camponês, na construção de um projeto de vida, com o objetivo de atender as demandas gerais, respeitando as peculiaridades locais e período histórico:

O processo de formação do campesinato remonta à gênese da história da humanidade. Essa leitura histórica é importante para a compreensão da lógica da persistência do campesinato nos diferentes tipos de sociedades. A existência do campesinato nas sociedades escravocratas, feudal, capitalista e socialista é um referencial para entendermos o sentido dessa perseverança. (CARVALHO, 2004, p. 17).

O período colonial no Brasil, com a chegada dos europeus no século XV, a classe camponesa passou por diversas formas de resistência, sendo possível mencionar a quilombagem como uma das primeiras formas de enfrentamento aos senhores de engenhos no Brasil (MOURA, 2021).

Nesse sentido, as transformações ocorridas de maneira gradativa, ocasionadas pela opressão contra os trabalhadores, que foram se adaptando e conquistando espaço com luta e

resistência, ampliando as primeiras lutas camponesa para a conquista da terra no Brasil coincidiram com o fim do Império e o nascimento da República (MARTINS, 1981).

Para compreender a dialética camponesa, realizou-se uma síntese sobre o percurso histórico do campesinato brasileiro, que faz parte do modo de produção capitalista seguindo as exigências mundial, cumprindo as etapas determinada pela burguesia, que segundo Marx (2008, p. 13), em sua obra o Manifesto do Partido Comunista corrobora, “[...] cada uma dessas etapas de desenvolvimento da burguesia foi acompanhada por um progresso político correspondente acompanhando as mudanças que ocorreram com o avanço do modo de produção capitalista [...],” ou seja, independente do continente e país, as exigências impostas pelo modo de produção capitalista, precisam ser cumpridas.

Apresenta-se a seguir, as etapas da invasão ocasionadas pela chegada dos europeus que ocorreu em abril de 1500, e se arrastou até os anos de 1918, marcado pela quilombagem, movimentos messiânicos e a construção do Partido Comunista Brasileiro-PCB, influenciado pelos ideais da Revolução Russa de 1917. Em seguida, a história teve um período marcado por enfrentamentos da classe trabalhadora com o início das organizações sindicais no governo Vargas, o surgimento das Ligas Camponesas no Nordeste, movimentos liderados pelas ideologias marxistas leninistas e trotskistas, (GOMES, 2006), enfrentando a ditadura do Estado Novo prosseguindo até o ano de 1964, que foi marcado pelo Golpe Civil-Militar.

A partir desse período até os dias atuais, uma etapa caracterizada pela construção de instrumentos capaz de unificar as demandas do campesinato: a Teologia da Libertação, a Comissão Pastoral da Terra-CPT, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, dentre outros que compõem a Via Campesina.

A seguir serão abordadas as primeiras tentativas de resistência camponesa, no início da primeira metade do século XVI no Brasil, que persistirá por aproximadamente três séculos, com o surgimento da mão de obra escrava, seguindo até as primeiras décadas da República, caracterizado como um período de resistências espontânea.

1.2 Ciclo Espontâneo de Resistência do Campesinato no Brasil 1500 – 1918

Para compreender a temática resistência do campesinato é necessário fazer uma retrospectiva do processo histórico de colonização do Brasil a partir do século XV. Com a chegada dos europeus ao Continente Americano inicia-se o processo de exploração de matérias primas, como: pau-brasil, drogas dos sertões dentre outras, e posteriormente a implantação do cultivo de produtos tropicais de forma lucrativa para o comércio europeu. O Brasil, passou a ser caracterizado como um celeiro valioso para Portugal, tendo em vista que,

a lucratividade da empresa colonial agrícola estava assentada em três elementos principais, que garantiam os baixos custos de produção: a monocultura, o latifúndio e o trabalho escravo (DANTAS; SANTOS, 2009).

A colonização realizada pelos europeus é resultado segundo Fausto (2006, p. 19), das “[...] transformações ocorridas na Europa Ocidental, a partir de uma data situada em torno de 1150 [...]” que se configura com a expansão das grandes navegações no período mercantilista a partir do século XV. As grandes transformações do continente europeu como foram mencionadas acima, abriram espaços para a consolidação da monocultura nas colônias como foi o caso do Brasil.

Em consequência disso, após três décadas de devastação, provocada pela extração do pau-brasil, surge a monocultura da cana-de-açúcar, para atender os interesses dos países europeus, que faz o uso da mão de obra escrava. Diante deste cenário, Portugal cria mecanismos para dar suporte ao novo ciclo econômico e divide o Brasil Colônia através das Capitânicas Hereditárias:

[...] o rei de Portugal decidiu lotear a colônia e implantar um modelo de colonização já experimentada com sucesso nas ilhas do Atlântico: o sistema de capitânicas hereditárias. A partir desse modelo, o governo português dividiu os encargos financeiros de promover a colonização, ao mesmo tempo em que todos os esforços para efetivar o povoamento e a exploração econômica através da cana-de-açúcar ficavam sob a responsabilidade de quem recebesse a doação de terras. Com objetivos imediatistas e buscando lucros, além de garantir a posse da terra, como convinha a um Rei de uma nação mercantilista, D. João III não levou em consideração elementos primários como localização, extensão da colônia, distância com relação à Europa e a necessidade de realizar grandes investimentos. Além disso, contou como problemas na implantação: a resistência indígena ao colono português que cada vez mais deixava claro seu interesse pela apropriação da sua mão-de-obra. (SOUZA, 2007, p. 28).

Durante esse período dominado pelo modelo mercantilista representado no Brasil pelo sistema de Capitânicas Hereditárias, os europeus mudaram a forma de “negociar” com os indígenas que nas primeiras décadas de exploração utilizavam a política da boa vizinhança, e não aceitaram o trabalho escravo. E os mesmos começam a luta pela construção de instrumentos de resistências, tendo em vista que, a comercialização por meio de escambo dava claros sinais de esgotamento:

A necessidade da mão-de-obra indígena nos canaviais e na produção de açúcar leva o colono a transformá-los em escravos, inviabilizando a continuidade da satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência, ao mesmo tempo em que impediam seu acesso às cobiçadas ferramentas e armas novas. Se não havia como obter bens desejados, os indígenas não viam porque trabalhar no ritmo mercantilista, o que os levou a desenvolver várias estratégias de resistência ao processo de dominação. (SOUZA, 2007, p. 30).

Com o desenvolvimento da economia mercantilista no Brasil, devido a resistência indígena, ocorreu uma mudança no tocante a mão de obra, ou seja, Portugal voltou a atenção

para o Continente Africano, iniciando as práticas de aprisionamentos dos africanos para serem escravizados nos canaviais e em outras atividades no Brasil Colônia. No entanto, com a chegada de escravizados no Brasil, surge também a resistência ao processo escravocrata:

A resistência revelou-se desde a recusa vã em deixar suas terras, famílias, culturas e histórias na África, passando pela rebelião durante a insalubre travessia do Atlântico, até às formas mais radicais, como assassinato de seus escravizadores, nos locais de trabalho forçado. No entanto, são os movimentos organizados durante o processo de escravização- fugas e formação de quilombos - que revelam a dimensão da resistência à escravidão. Assim como os movimentos ocorridos depois da Abolição, são os que melhor explicam a luta dos ex-escravos por liberdade, respeito, dignidade e direitos no Brasil. (LEITE, 2017, p. 65).

Conforme descrito acima, o Brasil desde o período colonial, sempre foi conduzido por políticas que representam a classe dominante, mesmo sem inclusão o campesinato permanece existindo, com uma concepção diferenciada, que atravessa gerações contrapondo aos grandes projetos agrícolas:

As Populações Tradicionais vêm reafirmando a tipificação segundo a sua identidade camponesa por meio da organização política e de ações articuladas com base em sua etnia. Como exemplo de Populações Tradicionais hoje organizadas no Brasil, pode-se citar os: Faxinalenses, Os Quilombolas, os Ciganos, os Pescadores Tradicionais e Artesanais, os Ribeirinhos, os Caiçaras, as Quebradeiras de coco, os Cipozeiros, Seringueiros, Geraizeiros entre outras Populações Tradicionais que cada vez mais se apresentam organizadas na sociedade brasileira. (FIDELIS; BERGAMASSO, 2011, p. 114).

A luta pela terra se caracteriza em duas modalidades, com dois projetos em disputa: um voltado para o uso sustentável da terra, praticado pelos povos tradicionais e a outra, utilizada pela classe dominante, com fins mercadológicos ancorado na monocultura e a exploração da mão-de-obra, que se define com a luta de classes, que varia de acordo com cada época:

A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito. (MARX; ENGELS, 2020, p. 10).

As primeiras organizações camponesas de resistência no Brasil, que marcaram o período que se compreende entre os anos de 1500-1918, se caracterizaram com as formações dos Quilombos, que se consolidou como um instrumentos de resistências que tinham como objetivo principal, escapar dos maus tratos dos senhores de engenho, Saldanha (1996, p. 8), explica “[...] quando os navios negreiros chegavam a essa costa [...] e subiam os rios rumo aos engenhos de açúcar e fazendas de algodão, aconteciam a fuga de muitos negros pro campo, em busca de liberdade.”

Os Quilombos se transformaram historicamente em um símbolo de resistência do campesinato brasileiro de acordo com os seguintes aspectos: a produção diversificada, o

respeito aos conhecimentos tradicionais, o zelo pela terra vendo-a como mãe e não como uma propriedade, a valorização dos recursos naturais respeitando-os como fonte de vida, necessários a preservação. (SALDANHA, 1996).

Em decorrência dos grandes enfrentamentos, os Quilombos, são considerados historicamente o embrião da construção dos organismos de resistência camponesa no Brasil, Santos (2015, p. 48) enfatiza que “[...] essas comunidades, pelo grau de enfrentamento que ofereceram aos colonizadores, ganharam repercussão histórica até os dias atuais.”

Mesmo com o enfrentamento dos escravizados, devido às questões objetivas não foi suficiente para o campesinato por meio das organizações quilombolas naquele momento desenvolver uma organização política unificada, isto é, capaz de construir um projeto que tivesse a estrutura suficiente para agregar as demandas de lutas dos escravizados enfrentadas nas diversas regiões do Brasil.

No período colonial, com as opressões impostas pelo capitalismo no campo, representado pelos “senhores de terras e de escravos”, atingiam toda a classe camponesa o escravizado buscava sua liberdade, o camponês pobre seu pedaço de terra e ambos, devido à falta de acesso à formação, não possuíam compreensão da história da luta de classes:

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito. (MARX, 2008, p. 10).

As comunidades quilombolas, serviram de inspiração para a organização de inúmeras revoltas regionalizadas contra a opressão da classe dominante que historicamente sempre foi formada por uma pequena parcela da sociedade, que representa os interesses do grande capital e recebem apoio das superestruturas do Estado, Marx & Engels (2001, p.30), que “[...] indicaram a vinculação do Estado aos interesses de determinada classe social, isto é, aos interesses da classe dominante [...],” que durante esse momento histórico era responsável pela exploração do trabalho escravo nas grandes extensões de terras para o abastecimento das grandes potências econômicas.

É evidente o anseio dos Camponeses em permanecerem em seu local de origem enfrentando durante todo este período histórico a falta de acesso a formação, contribuindo para que enfrentassem os problemas com ações totalmente isoladas, só vindo a consolidar um planejamento unificado a partir das primeiras décadas do século XX.

Na segunda metade do século XIX, ocorreram várias mudanças estruturais no Brasil, tendo como primeiro passo a preparação para a substituição da mão de obra escrava pelos imigrantes europeus. Dentre essas mudanças foi promulgada a Lei nº 601 de 18 de setembro

de 1850 que determina em seu (BRASIL, 1850) “Art. 1º Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra.” Com a promulgação da Lei nº 601, ou seja, a Lei de Terras é retirado definitivamente o direito dos Camponeses pobres a terem acesso a Terra.

Só aproximadamente três décadas após a promulgação da Leis de Terras que foi sancionada a Lei Áurea, oficialmente Lei n.º 3 353 de 13 de maio de 1888 onde a: “Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte: Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil”, dessa maneira aboliu-se a escravidão no Brasil.

Conforme Galeano (1978, p. 61) “em 1888, aboliu-se a escravidão no Brasil. Porém não se aboliu o latifúndio[...] que continuou explorando a mão de obra “não escrava” adaptando-se às exigências do mercado interno e externo:

A Abolição não era uma solução econômica, desde que não havia condições para que o mercado de trabalho absorvesse a massa antes escravizada. Era uma solução política que correspondia a liquidar um instituto anacrônico, sem prejuízo para a classe proprietária, tomada em conjunto. Tanto não houve, em conjunto, o prejuízo, que as previsões catastróficas não se realizaram. O fardo da escravidão foi largado na estrada pela classe dominante. Tornara-se demasiado oneroso para que ela o carregasse. (SODRÉ, 1962, p. 253).

Agindo em conjunto, a elite europeia e brasileira encontrou na imigração, a oportunidade de solucionar o problema econômico nos pós libertação dos escravizados, e ao mesmo tempo, continuar lucrando com a monocultura, acompanhando o desenvolvimento do capitalismo para sua fase superior: o imperialismo:

O imperialismo é, pois, o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos trustes internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes. (LÊNIN, 2011, p. 218).

Diante deste cenário político inicia-se o período que ficou marcado pelo fenômeno da imigração europeia:

Com o fim da escravidão, as classes dominantes tomadas por ideais evolucionistas e eugênicos, fruto da impregnação positivista no campo ideológico, vislumbram que há a necessidade de se resolver o problema da mão de obra. Opera-se, dessa forma, uma política de imigração europeia largamente financiada pelo Estado para atender às demandas econômicas das elites regionais, ou seja, do capital agrário-exportador[...]. (OLIVEIRA, 2017, p. 25).

No entanto, a abolição da escravidão foi o estopim para a derrocada final do Império, Sena Júnior (1983, p. 102) destaca “[...]a Abolição, afinal decretada em 1888, em nada contribuiu para reforçar as instituições vacilantes [...] serviu a Abolição apenas para alienar do trono as últimas simpatias com que ainda contava,” ou seja, o imperador com esta ação (Lei

Áurea), acabou perdendo apoio dos últimos aliados que eram responsáveis pela sua permanência no trono. A Europa, exigia a modernização no setor econômico e para isso, era necessário mudanças na forma de exploração da classe trabalhadora:

Nos fins do século XIX – princípios do século XX o capitalismo ingressou na fase superior e última do seu desenvolvimento, o imperialismo, cuja particularidade distintiva fundamental é o domínio do grande capital monopolista nas esferas econômica, política e ideológica. (BURLATSKI, 1987, p. 251).

Para o avanço tardio do capitalismo no Brasil, viu-se necessário naquele momento, uma tomada de decisão que foi a implantação do Governo Republicano, isto é, a queda do império era inevitável e necessária para o avanço do capitalismo:

Em primeiro lugar, o Império era, sem qualquer dúvida, a representação, no Brasil, de uma velha estrutura, que já não tinha condições de vigência, pelo menos nos moldes tradicionais em que se anquilosara. Gerado das imposições da classe dominante que empresara a autonomia, e que a desejara com o mínimo de alterações, já não satisfazia, numa fase em que profundas alterações tinham lançado raízes no país. A ideia republicana estivera presente em todos os movimentos de rebeldia ocorridos aqui, antes e depois da autonomia: na Inconfidência Mineira, na Inconfidência Baiana, na Revolução de 1817, na Confederação do Equador, na Revolução Farroupilha. (SODRÉ, 1962, p. 293).

O fim do Império, fazia parte das estratégias de bastidores da classe dominante inglesa, que tinha pressa em colocar em prática para defender os seus interesses políticos e econômicos:

A mecânica das operações comerciais setoriais, dos investimentos capitalistas particulares, precisa ser racional aos olhos dos capitalistas, precisa ser inteligível e seus termos precisam estar dispostos de maneira a permitir que seus resultados sejam previstos e seguramente calculados. A totalidade da economia capitalista, porém, está sujeita a um sistema de leis qualitativamente diverso do sistema de leis que se verifica nas suas partes. E, deste modo, a totalidade da economia capitalista se torna ininteligível até para os seus beneficiários. (KONDER, 2009, p. 131).

Com a segunda Revolução Industrial, o Brasil consolida-se como fornecedor de matérias prima, com um maior percentual para o ramo alimentício:

Com a República, assistimos, realmente, ao apogeu da estrutura colonial de produção: o Brasil é um dos principais supridores de matérias-primas do mercado mundial e o seu produto fundamental é o alimentício que figura em maior volume nas correntes de troca, com a particularidade de fazê-lo ainda sem concorrência. Isto acontece quando o mundo assiste a um extraordinário surto do comércio internacional, decorrente do crescimento vertical da produção capitalista que, com o surto demográfico, invade mercados e destrói velhas relações. (SODRÉ, 1962, p. 296).

Com a implantação da República em finais do século XIX, a situação da classe trabalhadora não mudou, a justificativa de que a queda do Império seria a solução para os problemas da classe trabalhadora. De acordo com Heller (2012, p.195), “[...] o Império ignorava os sertanejos, absolutamente desassistidos, sem médicos, sem escolas, sem nada. Uma terra de ninguém onde as menores desavenças eram resolvidas na bala [...],” o que existe de fato é a preocupação da classe dominante em manter seus privilégios.

No tocante ao combate à exploração da classe trabalhadora, a burguesia afirma segundo Heller (2012, p.195), “[...] que estes e outros melhoramentos viriam com a República, mas esta só agravou os seus sofrimentos.” Na prática nada mudou, o Camponês pobre permaneceu privado do direito de possuir a terra, obrigado a trabalhar de meeiro, arrendatário, comodatário e parceiros para os grandes proprietários.

O escravizado recém liberto tomara novos caminhos, com alguns permanecendo no mesmo local, trabalhando de empregado nas fazendas do seu ex-dono, e outra parte procurou refúgio estabelecendo-se nas periferias das grandes cidades dando início as favelas. O capitalismo, segundo Marx (2008, p.18), ao atingir o imperialismo “[...] aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos.”

A maioria dos ex-escravizados buscou trabalho no setor industrial, passando a fortalecer o exército de desempregados, alimentando as inúmeras filas nas portas das fábricas em busca de uma vaga de emprego. Segundo Marx (2008, p.26) “[...] a burguesia submeteu o campo à cidade. Criou cidades enormes, aumentou prodigiosamente a população urbana em comparação com a rural e, dessa forma, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida do campo.”

Após a abolição da escravidão no Brasil, ocorrida na segunda metade do século XIX, em decorrências das transformações do modo de produção capitalista, surgiu uma nova modalidade de luta pela terra, com início na região nordeste do país, conhecidas como lutas messiânicas que coincidiu com os primeiros anos da República.

1.2.1 Um exemplo de resistência: a Guerra de Canudos

Com os primeiros passos da República, em finais do século XIX e início do século XX, surge em meio ao campesinato brasileiro uma nova forma de resistência camponesa, denominado de movimentos messiânicos, que conforme Moura (2000, p. 1), é um “Movimento social dos mais significativos, é visto ainda ou através de uma manifestação de religiosidade popular, ou como um simples episódio de misticismo no qual as populações sertanejas expressaram os seus sentimentos de fanatismo religioso,” se caracterizando com um protesto radical da massa camponesa por melhores condições sociais.” (MOURA, 2000).

As ações dos coronéis, com seus grupos de jagunços, perseguindo, torturando e até mesmo assassinando os camponeses que não se curvassem as suas vontades, somados aos longos períodos de fortes estiagens foram os principais fatores responsáveis pela busca por melhores condições de vida, que se define com a luta permanente pela conquista da terra.

A revolução de Canudos ocorrida em finais do século XIX, no sertão nordestino, passou

a reunir milhares de camponeses atraídos por Antônio Conselheiro, que se destacava pelo seu discurso contra a opressão da classe dominante.

Porém, a única maneira dos senhores de terras denegrirem a imagem da liderança Antônio Conselheiro, por meio de críticas, afirmando que o mesmo era um ferrenho defensor do Império. Quanto a abolição da escravidão:

Dizia Antônio Vicente Mendes Maciel, referindo-se à Abolição e ao trabalho escravo: É preciso, porém, que não se deixe em silêncio a origem do ódio que tendes à família imperial, porque sua alteza a Senhora Dona Isabel libertou a escravidão, que não fez mais do que cumprir a ordem do Céu; porque era chegado o tempo marcado por Deus para libertar esse povo de semelhante estado, o mais degradante a que podia ser reduzido o ser humano; a força moral (que tanto a orna) com que ela procedeu a satisfação da vontade divina, constitui a confiança que bem tem Deus para libertar esse povo [...]. (MOURA, 2000, p.73, *apud* NOGUEIRA, ATALIBA, p. 47).

Antônio Conselheiro se caracterizava como uma liderança messiânica, alguém totalmente resiliente que esperava a vontade de um ser transcendente, ou seja, os desígnios de um ser supremo, acreditando fielmente como ele mesmo propagava em seus discursos esperar no tempo de Deus.

A justificativa utilizada pelo Estado, de que ele era o inimigo número um do governo republicano e defendia a volta da monarquia, não surtiu o efeito esperado, em meio a classe camponesa, ocorreu o efeito contrário, pois, ao invés de reduzir os seguidores aumentou a mobilização ocasionadas pela sua retórica convincente.

O que levou Antônio Conselheiro a se posicionar contra a República foi as perseguições sofridas, seu sonho de liberdade, a busca por uma sociedade igualitária e as oposições por parte de sacerdotes e de políticos. Um episódio da vida de Conselheiro, foi o caso da vila de Itapicuru de Cima, na província da Bahia, registrado até na célebre folhinha Laemmert, do Rio de Janeiro, em 1877, Antônio Vicente Mendes Maciel é preso e remetido para a capital, acusado de assassinar a mãe e a mulher, no percurso sofreu agressão de policiais e a imprensa instiga o povo que o maltrata por onde é conduzido. Ao ser remetido para o Ceará, a investigação chega ao seu desfecho final, provando que as acusações são fantasiosas: sua mãe morrera quando tinha seis anos de idade e sua mulher estava viva no Ceará (NOGUEIRA,1978).

Diante dessa situação, Antônio Conselheiro passou a propor para seus seguidores a formação de um movimento camponês que peregrinassem pelo sertão nordestino com objetivo de buscar espaço para produção coletiva. Esse movimento formado por camponeses pobres que se auto-organizaram na busca de uma vida comunitária autônoma (MOURA, 2000).

Após longa peregrinação pelo Nordeste, no ano de 1893, pelo interior da Bahia e de

Sergipe por aproximadamente duas décadas, Antônio Conselheiro forma uma comunidade com milhares de seguidores, numa antiga fazenda abandonada, em um vale rodeado por colinas, com acesso a várias estradas às margens de um rio intermitente o Vaza – Barris, na região Nordeste da Bahia, no povoado de Canudos, que passa a ser chamado de Belo Monte. (COSTA, 2017).

Nesse local, os seguidores de Conselheiro instalaram-se e adotaram como forma organizativa a vida em comunidade, a organização interna deste movimento que foi tão temido pela burguesia agrária caracterizava-se da seguinte forma:

Em Canudos não existia efetivamente uma estrutura partidária que aglutinasse o movimento, muito menos um projeto para o conjunto da nação. Mas tanto na teoria como na prática criou-se uma comunidade de pessoas que elaboraram sua própria definição para a educação, para a moral, para a religiosidade, para o trabalho, para a defesa etc. (MOURA, 2000, p. 7).

Pode-se afirmar, diante do contexto político da época, que o maior problema de Belo Monte ao olhar da classe dominante, encontrava-se na maneira como esse coletivo formado por camponeses pobres organizavam-se economicamente:

Desenvolvia-se, assim, uma economia comunitária e alternativa autossuficiente bem superior nas suas relações sociais e na distribuição da sua produção aquela latifundiária baseada na exploração camponesa do resto da região. Daí o ódio e o temor dos fazendeiros e das autoridades ao seu crescimento e ao nome do seu líder Antônio Conselheiro. Para o latifúndio Canudos era um exemplo desafiador e perigoso. (MOURA, 2000, p. 40).

A cada dia que passava chegavam notícias sobre a independência daquele coletivo organizado por camponeses simples e humildes chamado pelos latifundiários de ignorantes. O Arraial de Canudos, diferente das notícias que se espalhavam por parte dos latifundiários, transformou-se em um reduto campesino alto sustentável:

Além da carne para a alimentação dos seus habitantes, criou-se uma indústria de couro que dava para ser largamente exportada. Os curtumes localizavam-se às margens do rio Vaza-Barris, ao lado das roças de legumes, cana-de-açúcar, batata, feijão, mandioca, melancia que eram cultivadas nas terras que os sertanejos recebiam [...] quando chegavam ao arraial. Havia também atividade metalúrgica fabricando-se no arraial machados, facas, foices para serem usadas nas atividades agrícolas e possivelmente militares. Fabricavam também a pólvora com o salitre local, o enxofre próximo do São Francisco e relativamente próximo a Canudos e a galena argentífera do Assuruá. (MOURA, 2000, p. 39).

Com essa situação política, a classe dominante ancoradas nas superestruturas do Estado Republicano, dá início a um forte combate militar, travando uma guerra sangrenta contra os camponeses pobres organizados, com objetivo de aniquilar a organização para defender os interesses da burguesia agrária:

Os capitalistas não partilham o mundo levados por uma particular perversidade, mas porque o grau de concentração a que se chegou os obriga a seguir esse caminho para obterem lucros; e repartem-no “segundo o capital”, “segundo a força”; qualquer outro processo de partilha é impossível no sistema da produção mercantil e no capitalismo. (LÊNIN, 2011, p. 198).

O início do período republicano é marcado pela destruição, ceifando as vidas de milhares de Camponeses que fugiam das opressões e buscando refúgio em terras abandonadas pelos próprios latifundiários da região, Heller (2012, p. 77), afirma que os mesmos “[...] não representavam perigo algum as instituições, nem deveriam receber a pecha de fanáticos e bandidos.”

Dessa maneira, o Estado, utilizando seus mecanismos, passou a acusar camponeses pobres de terem praticado inúmeros crimes, quando eram apenas trabalhadores que, segundo Heller (2012, p. 77), na realidade, “[...] apegando-se a ao conselheiro que lhes falava com bondade, sonhavam com a utopia da cidade santa, onde todos seriam irmãos e irmãs e viveriam felizes para sempre, indo além do latifúndio e das oligarquias que o oprimiam, [...]”

Vale ressaltar que o trabalho em Canudos era baseado em um conjunto de valores, e tinha como objetivo a luta pela sobrevivência fora do jugo opressor, Moura (2000, p. 48), e em pleno sertão nordestino, “[...] Canudos, mesmo com o atraso tecnológico que existia, a produção era suficiente para suprir os seus habitantes do necessário e ainda comercializar excedentes, porque a distribuição era feita de forma comunitária, [...]” mantendo vivo os costumes e tradições camponesas.

No entanto, essa atitude independente dos camponeses de Canudos, provocou uma inquietação na elite burguesa, que sobrevive da exploração da mão de obra da classe trabalhadora, que temendo esse modelo organizacional dos Camponeses, espalhassem pelas demais regiões do país, e viram como solução a eliminação de todos os habitantes do Arraial de Canudos em 05 de outubro de 1897.

1.2.2 O primeiro ciclo de luta organizada pela terra no Brasil, 1918 a 1964

No Brasil, a classe trabalhadora passou por diversas formas de exploração de mão de obra, nas primeiras décadas de colonização ocorreu escravização indígena, escravização africana, e a partir da segunda metade do século XIX a exploração por meio da imigração europeia. No que se refere à formação política, até as primeiras décadas do século XX o número de lideranças era reduzido em decorrência de vários fatores: dentre eles o fato de o Brasil ser um dos últimos países a abolir o regime escravocrata, e a educação institucionalizada direcionada a classe dominante.

Diante desses fatores mencionados, o processo de formação política dos trabalhadores aconteceu de maneira gradativa:

O problema é que a intelectualidade brasileira da época, além da fraqueza teórica decorrente de uma sociedade ainda fortemente vinculada à escravidão, sem tradição

de ensino superior e de mercado editorial, carecia do respaldo de um forte movimento operário e os conhecimentos sobre o marxismo também eram bastante precários. (VIANA, 2016, p. 36).

Os percalços enfrentados pelos trabalhadores no processo organizativo, estava relacionado ao fato de os camponeses não terem acesso à educação institucionalizada que os permitissem identificar os problemas interno e externos para a construção de um instrumento capaz de unificar a classe trabalhadora.

Em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, o mundo estava mergulhado em uma crise política e econômica, e a preocupação do governo brasileiro era garantir o aumento da produção de café. Os grandes proprietários, pouco sofreram, pois tiveram grandes incentivos por meio de financiamentos, os governadores dos Estados buscaram alternativas para manterem segura a produção interna, contraindo grandes empréstimos internacionais ancorados na primeira Constituição da República:

A primeira Constituição da República inspirou-se no modelo norte-americano, consagrando a República federativa liberal. A chave das autonomias dos Estados – designação dadas às antigas províncias – estava no artigo 65, § 2º da Constituição. Aí se dizia aos Estados direitos e deveres que não lhes fossem negados por dispositivos do texto constitucional. Desse modo, os Estados ficaram implicitamente autorizados a exercer atribuições diversas, como as de contrair empréstimos no exterior e organizar forças militares próprias: as forças públicas estaduais. Tais atribuições eram interesses dos grandes Estados e, sobretudo, de São Paulo. [...] a possibilidade de contrair empréstimo no exterior seria vital para que o governo paulista pudesse pôr em prática planos de valorização do café. (FAUSTO, 2006, p. 249).

O setor cafeeiro foi o responsável pelo maior percentual da economia do país, Fausto (2006, p.273), afirma “ao longo da República Velha, o café manteve de longe o primeiro lugar na pauta das exportações brasileira, representava em média 72,5% das exportações”.

Houve um aumento gigantesco das grandes plantações de café nos anos seguinte ao final da Primeira Guerra Mundial:

Entre 1918 e 1924 o número de pés de café ascende de 828 para 949 milhões. Até 1925, as oscilações na produção são compensatórias, inclusive as que derivam da influência de fenômenos meteorológicos, como a geada de 1918; daí por diante começam os excessos permanentes. A política de valorização por retenção de safras chega a um impasse. Fôra mantida, em grande parte, pelas emissões, que agravavam as condições de vida das classes menos favorecidas e das regiões que não estavam ligadas à economia de exportação. Estas, entram, definitivamente, na fase de empobrecimento ostensivo, marginalizadas do desenvolvimento, submetidas a uma desigualdade gritante. Os cafezais, no entanto, continuam a ampliar-se: em 1930 haverá mais de 1.150.000 pés de café. As dívidas para manter os preços haviam sido feitas à base de empréstimos de condições onerosas. (SODRÉ, 1962, p. 318).

Os camponeses pobres ficaram à mercê da própria sorte, pois, não tiveram a garantia do Estado e muitos camponeses que trabalhavam nas grandes fazendas de café organizaram, segundo Fausto (2006, p.273), os “[...] movimentos sociais no campo tem como exemplo mais expressivo as greves por salários e melhores condições de trabalho ocorridas nas

fazendas de café de São Paulo.” É relevante ressaltar que a população brasileira, em sua maioria, residia no campo, o que permitiu as construções de movimentos sociais para enfrentar as ações dos latifundiários. Em decorrência dessa conjuntura a evolução do operariado industrial brasileiro ocorreu de maneira lenta e gradual se comparadas aos dos países europeus:

Ao tratarmos da classe trabalhadora nas primeiras décadas de sua formação, é preciso ter em conta o peso relativamente pequeno do operariado industrial típico no conjunto da força de trabalho. Era ainda muito pequeno o espaço da indústria na economia brasileira de então. A produção industrial respondia por cerca de 5% da população empregada no país em 1872, chegando a 13,8%, em 1920. Nessa primeira fase, a indústria crescia a partir do investimento de capitais acumulados em outros setores, considerados, então, mais dinâmicos, como era o caso do comércio importador e atacadista, no Rio de Janeiro, e do complexo cafeeiro em São Paulo. (MATOS, 2009. p. 36).

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, conforme o censo de 1920, a maioria da população residia no campo:

No curso das últimas décadas do século XIX até 1930, o Brasil continuou a ser um país predominantemente agrícola. Segundo o censo de 1920, dos 9,1 milhões de pessoas em atividade, 6,3 milhões (69,7%) se dedicavam a agricultura, 1,2 milhão (13,8%) à indústria e 1,5 milhão (16,5%) aos serviços. Devemos notar que “serviços” engloba atividades urbanas de baixa produtividade, como serviços domésticos remunerados e “bicos” de vários tipos. (FAUSTO, 2006, p. 281-282).

É possível afirmar que o Brasil estava na contramão no que se refere ao projeto capitalista em sua fase imperialista, pois, o objetivo desse modo de produção só é possível se consolidar com a expulsão da maioria da população do campo. A estratégia utilizada pela burguesia para o êxodo rural ocorre por meio da “supervalorização” do setor urbano utilizando uma das principais ferramentas que Althusser (1999, p.103), define como “[...] Aparelho Ideológico de Estado – AIE da informação: a imprensa (os diferentes jornais ou Grupos de jornais, [...])” e uma quantidade de publicações, que aceleraram o processo de urbanização:

Acentua-se ainda mais a desproporção entre o desenvolvimento da agricultura e o da indústria, desproporção que é característica do capitalismo em geral. A situação privilegiada da indústria mais cartelizada, a que se chama indústria pesada, particularmente a do carvão e do ferro, determina nos demais ramos da indústria [...]. (LÊNIN, 2011, p. 135).

Na medida em que os camponeses migram para o setor urbano, tem como consequências, a consolidação do operariado brasileiro formado por Camponês, que deixaram o campo, unindo-se aos imigrantes de outros continentes. Nesse contexto político, inicia-se as formas de resistências construídas pelos trabalhadores com a definição das classes antagônicas do modo de produção capitalista, conforme Marx; Engels (2008, p. 11), “[...] nossa época – a época da burguesia – caracteriza-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. Toda a sociedade se divide, cada vez mais, em dois grandes campos

inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas: a burguesia e o proletariado.”

A esse fenômeno, Sodré, faz a seguinte caracterização:

Quando termina a primeira Guerra Mundial, a presença das novas forças é de uma clareza inequívoca. No quadro externo, por outro lado, as consequências do largo conflito, ou os acontecimentos que se seguiram ao seu fim, foram importantes e refletiram-se em todos os cantos do mundo. O mais grave daqueles acontecimentos foi, sem dúvida, o aparecimento de uma área socialista, com a revolução de 1917 na Rússia. (SODRÉ, 1962, p. 316).

Com a consolidação do proletariado industrial brasileiro, surgiram as ideias socialistas da Revolução Russa, permitindo a construção do Partido Comunista para contrapor as políticas burguesas. Com a fundação do Partido Comunista do Brasil-PCB, que se caracterizou como a fusão de anarquistas, comunista, socialistas dentre outros, destaca-se que:

Os fundadores do Partido Comunista do Brasil vieram todos do anarquismo revolucionário, influenciados pela Revolução de Outubro na Rússia, convencidos de que uma forte organização política era indispensável para a concretização da revolução socialista. Diferiam dos anarquistas tanto nesse sentido como no que diz respeito da aceitação de hierarquias e autoridades que comandassem e coordenassem não só a vida partidária, mas a organização da futura sociedade socialista. Por outro lado, sem o traço do reformismo socialista, que buscavam fundamentalmente seguir pelas vias legais para a chegada ao poder, os comunistas admitiam a participação nas eleições. (SENA JUNIOR, 2016, p. 51).

As formações organizadas pelas lideranças do recém-construído PCB no Brasil, iniciaram a construção da aliança operária e camponesa, inspirada no exemplo da participação camponesa que foi decisiva para o triunfo da Revolução Russa:

O proletariado russo não hauria em si mesmo sua audácia revolucionária. Sua situação de minoria no país mostra de início que não poderia dar a luta tão grande amplitude nem tampouco assumir a direção do Estado, se não tivesse encontrado apoio nas mais densas camadas das massas populares. Foi a questão agrária que lhe assegurou este apoio. (TROTSKY, 1977, p. 57).

Com o fim do período do governo ditatorial de Vargas, surgiu a mobilização Camponesas na maioria dos Estados brasileiros. Naquele período, o PCB, por ser a única organização que se dedicava às massas rurais, ao contrário das demais agrupações políticas se limitavam ao simples e periódico manejo eleitoral dos camponeses, empregando, para isso, a estrutura de poder político dominado pelos grandes latifundiários (MORAIS, 1997).

Na década de 1940, o PCB organiza as Ligas Camponesas – LC, na região nordeste do país enraizada nas ideias sobre, segundo Bastos (1984, p.36) “[...] a consciência da desigualdade entre o camponês e o dono da terra,” ou seja, o camponês pobre trabalha, mas não tem direito de usufruir da produção e nem sequer tem autonomia para optar pelas maneiras de manejar os recursos naturais e defender a sua própria cultura.

1.2.3 O segundo ciclo de luta organizada pela terra no Brasil

Na década de 1960, no auge da Guerra Fria, o continente Sul-americano vivenciou intensos golpes militares financiados pelos EUAs, tendo como objetivo estancar uma avalanche de ideias caracterizadas pelos capitalistas como comunistas e socialistas. A elite burguesa temia que os países da América do Sul seguissem o exemplo da ilha dos irmãos Castros, via-se necessário conter o avanço dessas organizações caracterizadas como subversivas ou terroristas:

Em meados da década de 1960, três golpes militares de significativa importância mudaram a história da América do Sul. Nos três foi visível a influência determinante da diplomacia norte-americana. A tensão internacional – Estados Unidos *versus* URSS ou “comunismo *versus* mundo livre” - forneceria justamente o alibi ideológico para os golpes militares, que afirmaram com unanimidade ser a democracia “incapaz de conter o comunismo.” (COGGIOLA, 2001, p. 11).

É inegável historicamente a forte influência norte-americana na concretização dos golpes militares em cada país Sul-Americano. Os EUAs, que liderava o bloco capitalista, via a necessidade de garantir esse espaço territorial, e para manterem o domínio sobre o Continente Sul-americano foi preciso financiar os golpes militares com o objetivo de garantir o comando hegemônico do capital financeiro:

A caracterização do imperialismo como superestrutura necessária do capitalismo monopolista, que tem sua base de sustentação social na hegemonia do capital financeiro e na emergência de uma aristocracia operária, decorre da lógica de conquista econômica e territorial que se impõe como padrão de relacionamento entre os cartéis internacionais e as potências capitalistas que disputam o controle da economia mundial. Em relação às formas de conquista e dominação de outras épocas, a especificidade do imperialismo moderno está associada às forças motrizes que o impulsionam, isto é, à forma que assume a disputa entre os cartéis internacionais e entre os Estados rentistas pelo controle das oportunidades de negócios no mundo. (LÊNIN, 2011, p. 42).

Diante da importância econômica e demográfica do Brasil na América do Sul, o golpe militar que derrubou o regime civil brasileiro foi considerado decisivo para as estratégias dos EUAs, caracterizado na época como o mais importante do Continente, (COGGIOLA, 2001).

Com a implantação dos golpes militares pela América do Sul, era preciso eliminar todo tipo de resistência, iniciando a caçada implacável de lideranças, e, qualquer pessoa era alvo das perseguições. Durante um período de aproximadamente duas décadas, inúmeros trabalhadores foram torturados, aprisionados e até mesmo assassinados:

Entre as décadas de 1960 e 1980, os opositores políticos ao regime militar — nos seus mais diversos matizes — enfrentaram as forças tremendamente superiores e melhor organizadas da ditadura. Forças que não hesitavam em usar todas as armas — a prisão arbitrária, o assassinato, a tortura, o banimento — contra aqueles que as desafiavam. Nesse contexto, a morte, a prisão, a clandestinidade e/ou o exílio tornaram-se os destinos quase certos dos militantes políticos envolvidos em movimentos de resistência à ditadura. (ARAÚJO; SILVA; SANTOS, 2013, p. 213).

Diante dessa turbulência que abalou o mundo com a bipolarização em meio a opressão de classe, esse momento histórico foi marcado pela construção de três movimentos

simultâneos de resistências na América Latina.

Os movimentos intelectuais surgidos na América Latina, nas décadas de 1960 e 1970 foram: Filosofia da Libertação (Dussel), Teologia da Libertação (Gutiérrez), e Pedagogia do Oprimido (Freire). Esses intelectuais encontravam-se distantes dos seus países de origem, vivendo exilados em outros países da América Latina e Europa, fugindo das atrocidades cometidas pelos chefes militares.

Com o início da Guerra Fria, a partir da década de 1940, surgem várias contradições no campo, com a expansão capitalista que, nesse período já apontava para o aumento da miséria diante das condições precárias de trabalho, o aumento da concentração fundiária pilares de sustentação historicamente inalterável do sistema político brasileiro desde a fase da colonização (CUNHA, 2012). Nesse período, vários fatores determinaram a intensificação da repressão contra as lideranças:

O agravamento da Guerra Fria e a consequente ilegalidade do Partido Comunista em 1947, bem como a cassação dos registros de seus parlamentares em 1948, tiveram por resultado um cenário explosivo – que não era somente regional, mas nacional –, refletindo no redirecionamento da linha política dos comunistas para uma orientação mais à esquerda. (CUNHA, 2012, p. 147).

Surge Filosofia da Libertação, tendo como idealizador o filósofo Enrique Dussel, que definiu a mesma da seguinte maneira:

Penso a “filosofia da libertação”, como filosofia dos oprimidos e para os oprimidos, não é somente uma tarefa de pensadores dos países de Terceiro Mundo. Pelo contrário, julgamos que se pode exercer a “filosofia da libertação” “em todo lugar e situação onde haja opressão do homem pelo homem. O que acontece é que, dependendo do “lugar” de onde parte o discurso, serão outros os temas relevantes, pertinentes. A “temática pode ser diferente, mas não o tipo de discurso, nem seu método nem suas categorias essenciais. (DUSSEL, 1977, p. 257).

De acordo com Rodrigues (1997, p. 83), a Teologia da Libertação “[...] no Brasil, nasce, no início de 1960, uma grande novidade do ponto de vista organizativo que tem origem na Igreja Católica: as Comunidades Eclesiais de Base (CBES)[...]” que busca um debate em relação a organização dos trabalhadores retomando a discussão sobre a construção da aliança entre campo e cidade.

Com a construção de uma aliança entre campo e cidade nasce o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra o MST. Caldart (2004, p.101), em sua obra Pedagogia do Movimento Sem Terra informa que “[...] o MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra que aconteceu de 20 a 22 de janeiro de 1984, em Cascavel no Estado do Paraná [...]” a partir desse momento os trabalhadores iniciam uma nova forma de luta e resistência na terra e pela terra.

Ressaltando que esse processo ocorre por meio da construção de instrumentos

arraigados na formação coletiva que Marx (2011, p.155) classifica como “[...] a transformação da teoria, isto é, sua transformação de utopia (ou ideologia) em ciência, é a condição indispensável da práxis revolucionária [...],” fica explícito que a teoria e prática são indispensáveis para uma transformação social.

A construção de mecanismos ideológicos por camponeses pobres, que para Marx; Engels (2001, p. 21) caracteriza como “[...] o estudo da origem e das formações das ideias, constituindo-se numa ciência propedêutica das demais[...]”, advém do cotidiano dos camponeses organizados que tem como estratégia adaptar o campesinato às evoluções das tecnologias que vão surgindo no modo de produção vigente.

A essência desse acompanhamento das modificações aos avanços tecnológicos se caracteriza com as propostas que tem como objetivo contrapor as imposições das classes dominante, que segundo Marx; Engels (2001, p. 32), “[...] as ideias dominantes parecem ter validade para toda sociedade, isto é, também para as classes submetidas e dominadas [...].”

Observa-se que a história do campesinato a partir do surgimento do modo de produção capitalista foi definida pela construção de uma nova composição de classes sociais e para manter seu apogeu tem por objetivo extrair a matéria prima para fortalecer o setor industrial.

Para a consolidação do capitalismo foi necessário ocorrer uma mudança estrutural, o primeiro passo foi expulsar a maioria das famílias do campo. A concretização do processo de urbanização, é definido de acordo com Marx (2008, p. 31) como, “[...] a condição essencial para a existência e a dominação da classe burguesa é a concentração de riqueza nas mãos de particulares, a formação e a multiplicação do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado.” O reflexo dessa mudança estrutural foi fundamental para o crescimento da população urbana, que pode ser definido como um inchaço nas periferias das grandes cidades esvaziando o espaço rural, fortalecendo o aumento da mão de obra barata, no setor industrial.

2 A MIGRAÇÃO DOS CAMPONESES PARA O TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA NAS DÉCADAS DE 1970 À 1980

O processo de migração dos camponeses para o Território Federal de Rondônia, ocorrido nas décadas de 1970 e 1980 do século XX, foi impulsionado por medidas implantadas pelo Governo Militar. Os primeiros projetos inseridos foram, Projeto Integrado de Colonização (PIC) e Projetos de Assentamento Dirigido (PAD), ambos executados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no início da década de 1970, caracterizados como ações do governo, responsáveis pelo fluxo migratório, transformando-se em uma explosão demográfica na área do então Território Federal de Rondônia. Ressaltando que o processo de ocupação humana em Rondônia, formado por famílias de outras regiões do país, coincidindo com o Ciclo da Agricultura (MATIAS, 1998).

As implantações dos PIC/PADs, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), divulgados pelos meios de comunicação, com propagandas midiáticas financiadas pelo Estado, Lima (2001, p. 140), ressalta que, “[...] a imprensa incumbiu-se de propagar o *Celeiro do Brasil* surgido no Norte do país através dos projetos de colonização criados pelo INCRA.” Porém, durante esse período, nas regiões nordeste, sul e sudeste, o governo estava sendo pressionado pelas ações dos camponeses pobres que se organizavam por meio das pastorais e dos movimentos sociais, reivindicando o direito a posse da terra.

Lima (2001, p. 141) corrobora “[...] o primeiro projeto a ser criado foi o PIC-Ouro Preto que consistia em observar a situação jurídica das terras a serem distribuídas, delimitando os loteamentos, distribuição das parcelas e fixação dos limites do projeto [...],” os camponeses ao conquistarem esse direito partiam rumo à propriedade.

Sobre o Projeto Integrado de Colonização (PIC) e os Projetos de Assentamento Dirigido (PAD), (COWELL, 1990) em seu documentário intitulado "As cinzas da floresta", faz um acompanhamento do processo migratório ocorrido nos anos 1980, a equipe autora desse projeto de pesquisa, teve como objeto de estudo acompanhar por aproximadamente uma década a trajetória de uma família de camponeses que migraram durante esse período para o Território Federal de Rondônia em busca de Terra para o cultivo e foram abandonadas pelo Estado. O documentário mostra a realidade vivida pelas famílias a partir do desembarque nos povoados no centro do Estado, registrando o espaço geográfico, que segundo Júnior Abdala (2006, p. 3), “[...] os cenários construídos pelos filmes também procuram instaurar uma “ordem natural” das coisas num discurso “hoje inteligível”, como os cenários da História fazem.”

A colonização da região amazônica fez parte do projeto de consolidação do imperialismo nos países fornecedores de matéria-prima. No entanto, o Governo Militar foi pressionado pelos acordos internacionais a construir mecanismos para a implementação do novo modelo de desenvolvimento na Amazônia. Na prática, os projetos do Instituto Nacional de Colonização Rural e Reforma Agrária-INCRA, retiraram a maioria dos camponeses pobres das diversas regiões do país, criando vários lemas “uma terra sem homens para homens sem terra,” “integrar para não entregar,” “o novo Eldorado,” de um mega projeto para desbravar a Floresta Amazônica. De acordo com Paula (2013, p. 225), “[...] trata-se, sobretudo, de um período marcado por uma mudança de enfoque nas abordagens sobre a temática do desenvolvimento na região: ela passa de “inferno verde” a “paraíso” dos verdes.”

A realidade das famílias camponesas ao chegarem aos Lotes adquiridos por meio do INCRA, iniciavam os trabalhos em suas propriedades rurais sem ter qualquer apoio do Estado, sem financiamentos ou acompanhamento técnico. No primeiro momento a meta era jogar a florestas no chão por meio das grandes derrubadas seguidas por imensas queimadas para que nas primeiras chuvas dessem início nas plantações, que sempre resumia no plantio de café, cacau e lavouras brancas do tipo arroz, feijão, milho e outros.

Nem todas as terras eram apropriadas para o cultivo das lavouras que são essenciais para o sustento da família camponesa, sem condições para uma correção do solo, as propriedades foram abandonadas restando apenas a devastação. Os camponeses continuam a busca pela terra dentro do próprio Estado de Rondônia, que era considerado o Eldorado, passam a trabalhar para os minifundiários na condição de meeiros ou arrendatários no cultivo de café, cacau e “lavouras brancas.”

A migração do Estado de Rondônia foi o primeiro passo de um projeto voltado para a consolidação do imperialismo no campo, para que décadas depois o agronegócio se instalasse na região amazônica:

A ideia de modernização em geral e, no caso da agricultura, aquela associada à revolução verde, passa a se constituir em objeto de inúmeras críticas, que acabam repercutindo na formulação e implementação de políticas de desenvolvimento regional. Os impactos ambientais produzidos pelo uso intensivo de agroquímicos, poluição e esgotamento de recursos hídricos, desmatamentos etc., somados, no caso dos países latino-americanos, ao agravamento da concentração de terras e expropriação dos segmentos sociais subalternos no campo, tornaram-se, no plano mais estrito, as bases da crítica a esse modelo. (PAULA, 2013, p. 225).

Os conflitos entre camponeses e indígenas nas décadas de 1970 e 1980, são latentes, são vítimas desse emaranhado, classificado da seguinte maneira: de um lado estão os camponeses pobres vindos de várias regiões do Brasil, do outro lado, os povos originários das florestas defendendo o seu local de origem, atacados em seu próprio território.

Essa queda de braço entre camponeses e indígenas, era defendida pela elite agrária,

que fazia parte das políticas da classe dominante com o apoio do Estado que tinha como objetivo expulsar os indígenas de suas terras próximas às margens da BR 364. No entanto, a distribuição de terras para as famílias camponesas por meio do INCRA, era realizada da seguinte forma: por ordem de chegada eram inscritos e na sequência as entregas dos Lotes Rurais, que oscilava entre dois meses à dois anos.

O incentivo oferecido pelo INCRA para as famílias camponesas permanecerem em suas propriedades, naquele período aconteceu a passos lentos, e uma grande parcela da população por não terem condições econômicas de se manterem no sítio, se vira obrigados a venderem suas terras deixando o espaço livre para a formação do latifúndio. Vale ressaltar que nesse cenário, o Regional da Mata, foi o último regional ocupado por migrantes:

Em meados do ano de 1972, nas localidades de Riozinho e Cacoal, ocorreu grande concentração espontânea de migrantes, o que ocasionou diversos litígios pela posse da terra e ações de empresas particulares de colonização. Para resolver a situação, o INCRA criou, em 17 de junho de 1972, o PIC Gy-Paraná, com sede localizada em Cacoal. Constituído pelos setores Gy-Paraná, Abaiatará, Rolim de Moura, Prosperidade e Tatu, esse projeto proporcionou o ordenamento urbano da cidade de Cacoal e contribuiu decisivamente para a criação de importantes núcleos populacionais, hoje transformados em grandes municípios, como Rolim de Moura, Santa Luzia d'Oeste e Nova Brasilândia d'Oeste além de apoiar a ocupação de terras devolutas mais no interior. (MATIAS, 1998, p. 125).

O Regional Zona da Mata, foi palco de formação de grandes latifúndios com vários fatores responsáveis pelo avanço da monocultura: florestas com árvores centenárias que foram extraídas pelas madeireiras se transformando em um negócio lucrativo, solo adequado para o plantio do capim e criação de gado de corte. O latifundiário, sentindo-se no direito de expulsar as famílias camponesas põem em pratica os métodos já utilizados em outras regiões do país:

Mas há um outro aspecto a ser ressaltado ainda nessas práticas. Ao crescimento das organizações dos trabalhadores correspondeu o desenvolvimento de ações seletivas por parte das milícias privadas. Seu alvo passou a ser as lideranças sindicais, advogados, agentes de pastoral, como caminho para semear novamente o medo e tentar impedir a continuidade das lutas. Esses crimes, inúmeros, permaneceram impunes, embora os mandantes fossem de conhecimento público. Enfim, a violência privada só pode existir com a conivência do aparato judiciário. (MEDEIROS, 1989, p. 158).

É possível mencionar as práticas dos latifundiários, por meio das milicias armadas, na tentativa de sufocar a resistência dos trabalhadores do campo com: assassinatos e tortura de lideranças e expulsão de camponeses de suas terras. Essas ações eram ignoradas pelas instituições do Estado, deixando os criminosos agirem livremente.

Na década de 1980, o fluxo migratório atinge seu auge, com milhares de camponeses pobres em busca de terras. Nesse período inicia-se no Estado de Rondônia, por meio de lideranças populares religiosas vinculadas a igreja Católica e Confissão Luterana a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que caracterizou-se como o primeiro instrumento de construção de

luta organizada, iniciando um novo capítulo na luta pela terra no Estado de Rondônia.

No primeiro momento da CPT em Rondônia, no início da década 1980, buscou dar a resposta, por meio de ações concretas, assessoria jurídica, refúgio aos camponeses que sofria ameaças, agindo de maneira coletiva (CPT,1983).

A CPT, teve um papel fundamental no processo organizativo dos camponeses, na formação das lideranças responsáveis pela organização das primeiras ocupações de terras lideradas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) no Estado de Rondônia:

O MST marca presença pela primeira vez em 1990, com a chegada do acampamento Migrantes na região. Logo em seguida, no ano de 1992, surge o acampamento 14 de agosto, que lutou consecutivamente por 16 anos até a conquista definitiva da terra. Outros dois acampamentos, Novo Amanhecer e o Madre Cristina, depois de anos de lutas, conquistaram a terra mudando a configuração agrária deste município, isto abriu nova fase de reivindicações e avanços, agora no campo das práticas agrícolas, das lutas por educação, e de participação nas organizações sociais já existentes no campo, com destaque para o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). (COSTA, 2017, p. 47).

O MST, avançou com as ocupações de terra para outros municípios do interior do Estado, na segunda metade da década 1990, somando com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), que no ano 1997, período de ocupação da Fazenda Morimoto, estava com a militância organizada no município de Alto Alegre dos Parecis para dar suporte na ocupação deste latifúndio.

O MPA nasceu no ano de 1996, como fruto histórico da crise econômica e social na agricultura brasileira, produto da abertura neoliberal dos anos 90 e do esgotamento do movimento sindical de trabalhadores rurais caracterizado como instrumento de representação e luta dos camponeses brasileiros. Confluíram para formar o movimento militantes oriundos do movimento sindical combativo, da teologia da libertação e do Partido dos Trabalhadores (PT). E assim como um rio, que tem muitas nascentes, o MPA surgiu em vários Estados do país, na mesma época e, pelos mesmos motivos, construído pela força da luta de mulheres e homens, movidos pela vontade de mudar a situação vivida pela classe camponesa. (MPA/BRASIL, 2022).

Apresentaremos a seguir, como ocorreu o processo de organização das lideranças camponesas para mobilizar um número significativo de famílias que culminou na ocupação da Fazenda Morimoto, localizada no município de Alto Alegre dos Parecis - RO. Um trabalho que as lideranças camponesas passaram meses planejando, por ser uma área composta por aproximadamente 3 (três) mil alqueires.

2.1 Contextualizando o Acampamento Che Guevara

A luta pela terra em Rondônia, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que culminou na conquista do Acampamento Che Guevara em Alto Alegre dos Parecis - RO, cumprindo o objetivo da luta pela conquista e permanência na terra.

Assim, Medeiros, destaca as origens, ou seja, o embrião do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, responsável pela organização de centenas de famílias em todo o Brasil e por sua vez o Estado de Rondônia entra também na luta contra o latifúndio e o papel da CPT no fortalecimento desta luta:

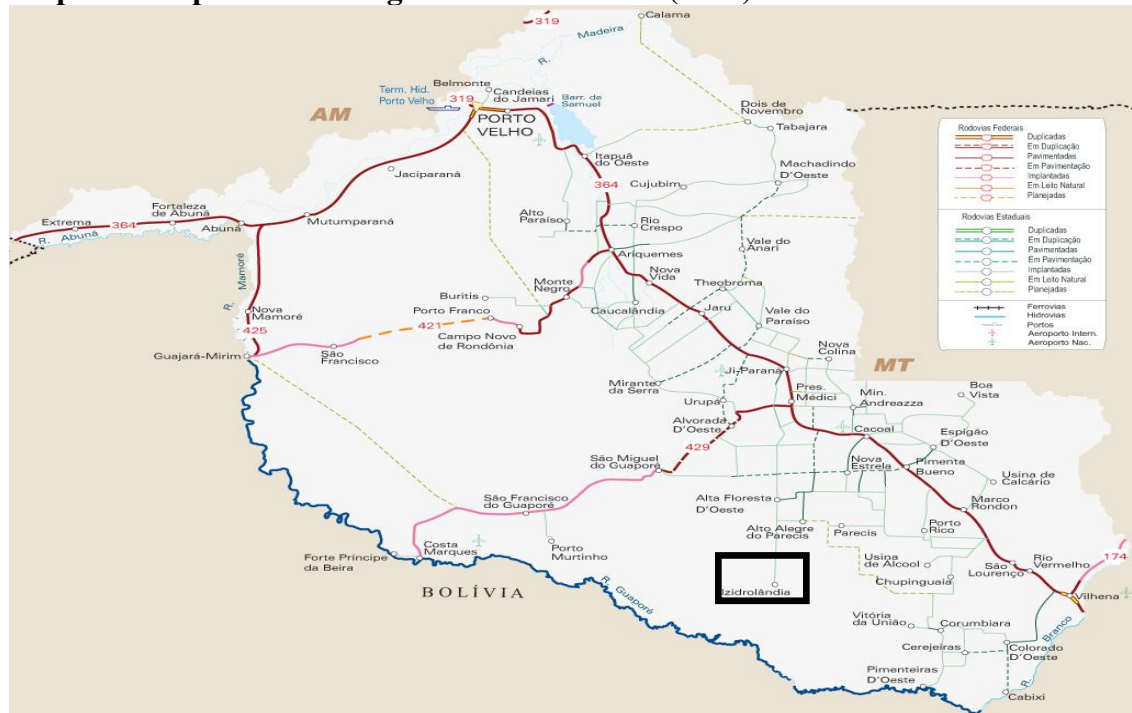
Diversificando suas áreas de atuação, ampliando seu trabalho junto aos pequenos produtores, a CPT manteve sua linha de estímulo a um outro padrão de organização dos trabalhadores, baseado no que chamava de um “sindicalismo de base”: “O movimento sindical não se transformará pela força das posições dos dirigentes sindicais, por mais autênticas que sejam. A raiz da renovação está na classe, nas lutas por seus direitos. Isso demanda a construção de novos canais de organização dentro dos sindicatos, democratização do poder, formação de novas lideranças, formação continuada dos associados. Sem superar o ‘presidencialismo’ reinante nos sindicatos, pouco ou nada se fará. Sem que se articule a força das classes organizadas, pequeno será seu poder político”. Não é difícil perceber como essas concepções acabaram, em diversos locais, por gerar diferentes níveis de tensão com o sindicalismo existente, e um revigoramento das “oposições”. A participação da CPT nas lutas que deram origem ao Movimento dos Sem Terra e nas mobilizações contra as barragens são exemplos típicos dessa tensão. (MEDEIROS, 1989, p. 156).

O MST, que surgiu das organizações orientadas pela Igreja Católica por meio da Comissão Pastoral da Terra – CPT, embasados no movimento da Teologia da Libertação¹³. Leva as famílias camponesas no Estado de Rondônia a ocuparem a Fazenda Morimoto¹⁴ formando o Acampamento Che Guevara, localizado no município de Alto Alegre dos Parecis, situado no Território Rural Zona da Mata - RO.

¹³Um movimento sócio eclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social, buscou auxiliar a classe trabalhadora pobre e oprimida na luta por direitos.

¹⁴ Localizada no município de Alto Alegre dos Parecis-RO.

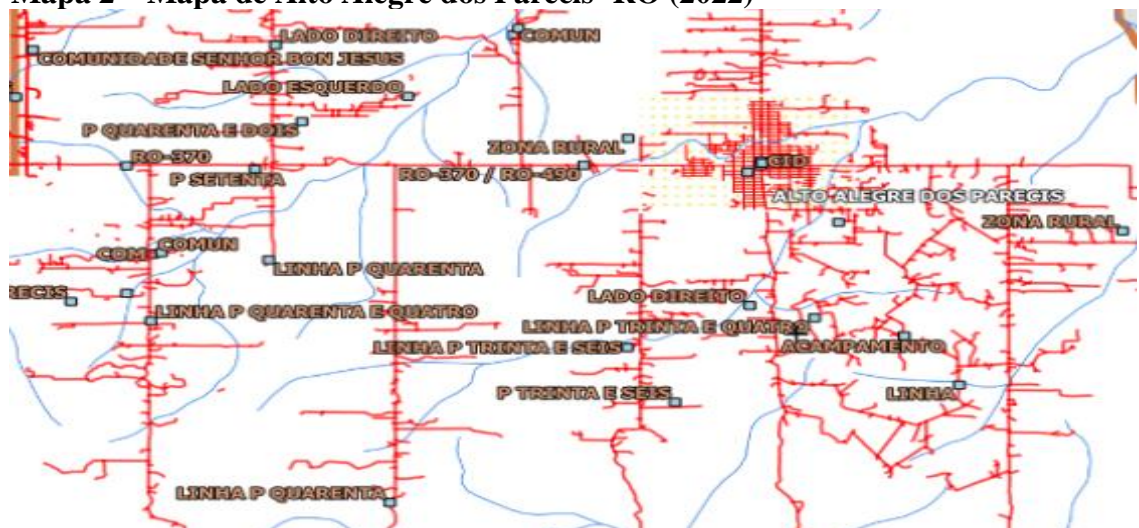
Mapa 1 – Mapa de Alto Alegre dos Parecis -RO (2022)



Fonte: Guia Geográfico. **Mapa do Estado de Rondônia**. 2022. Disponível em: <https://www.brasil-turismo.com/imagens/mapa-rondonia.jpg>. Acesso em: 12 out, 2022.

O Acampamento em estudo está localizado nas extremidades da Linha P. 70, com a Linha P. 80, entre a Linha P. 34 a Oeste e Linha P. 30 a Leste, lado Sul da cidade de Alto Alegre dos Parecis – RO, para quem segue na BR 410 da rodovia que interliga os municípios de Rolim de Moura à Alto Alegre dos Parecis-RO.

Mapa 2 – Mapa de Alto Alegre dos Parecis -RO (2022)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Alto Alegre dos Parecis**. 2022. Disponível em: [Ghttps://geofpt.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/RO/alto_alegre_dos_parecis](https://geofpt.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/RO/alto_alegre_dos_parecis). Acesso em: 10 nov. 2022.

A ocupação da Fazenda Morimoto, teve início de acordo com a Redação da Região Centro-Oeste/MST, (2020), “[...] em 7 de setembro de 1997, com pouco mais de 70 famílias, [...]” organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, que

adentraram na fazenda Morimoto e derrubaram as cercas que davam suporte para o latifúndio, transformando-se em “[...] um dos maiores locais de produção de alimento da reforma agrária no estado, que abastece inclusive grande parte do município [...],” de Alto Alegre dos Parecis.

Fotografia 1 – Construções dos barracos do Acampamento Che Guevara (1997)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

O camponês Adilson Cansado, na época da ocupação (1997), fazia parte da coordenação estadual do MST-RO, relata como ocorreram os preparativos por meio dos debates que se caracterizaram como o período que antecedeu a ocupação da fazenda Morimoto:

[...] todo esse apanhado pra chegar até a ocupação da Fazenda Morimoto né, no caso hoje Acampamento Che Guevara, é, iniciou lá em 97, quando eu tava acampado no, era ainda Acampamento Padre Ezequiel da fazenda Urupá, que hoje é o Assentamento Padre Ezequiel né, eu era um dos acampados, e o Movimento Sem Terra na época em 97, tinha-se a necessidade de se expandir com as ocupações né, é o estado de Rondônia é muita área improdutiva inclusive essa que foi ocupada que era a Fazenda Morimoto né, e eu fui uma das pessoas que fui é, convidada a fazer parte deste trabalho de ocupações aqui na região da mata, que até então é o Movimento Sem Terra aqui na região ainda era muito estudos né, e aí tinha a necessidade de fazer acontecer essa pratica das ocupações levando em conta a improdutividade das áreas aqui né, essa área foi apontada até por ser uma área que ela ta muito próxima da área urbana, no caso praticamente dentro da área urbana, e ela não tem um retorno, não tinha até então um retorno, é um giro de capital né, e aí por isso ela se torna improdutiva e essa foi uma das área apontada. Nós, Movimento Sem Terra, fizemos aí uma mobilização em toda a região, desde Espigão Doeste, Pimenta Bueno, e todos os municípios da região da mata foram, é nossos companheiros militantes conversar com essas pessoas que de uma certa forma foram expulsos de suas terras, esse é o legado que nós temos de fazer com que esses trabalhadores que foram expulsos de suas terras voltassem a produção, que de uma certa forma nós entendemos e é por isso que a gente faz ocupação, que essa ocupação, esse retorno pra agricultura resolve um problema, resolve dois problemas na verdade né, esse inchaço na cidade de muita gente sem trabalho, sem condição de estudo, de saúde é resolvido quando começa a produzir, desincha a cidade,

desmancha esse êxodo rural que foi feito e as terras que não são produtivas passa a produzir [...]. (informação verbal)¹⁵

A ocupação da terra que ficou conhecida como Fazenda Morimoto, marcou a história da luta dos camponeses pobres pela conquista de terras no município de Alto Alegre dos Parecis - RO. A referida fazenda, por ser um latifúndio que pertencia a uma família poderosa do Estado de Rondônia, que não cumpria a função social da terra, como preconiza o Estatuto da Terra no artigo:

Art. 2º É assegurada a todos a oportunidade de acesso à propriedade da terra, condicionada pela sua função social, na forma prevista nesta Lei.

§ 1º A propriedade da terra desempenha integralmente a sua função social quando, simultaneamente:

- a) favorece o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores que nela labutam, assim como de suas famílias;
- b) mantém níveis satisfatórios de produtividade;
- c) assegura a conservação dos recursos naturais;
- d) observa as disposições legais que regulam as justas relações de trabalho entre os que a possuem e a cultivam. (BRASIL, 2016)

A Constituição da República Federativa do Brasil promulgada em 1988, referenda o Estatuto da Terra e determina quais são os critérios estabelecidos para que a terra desempenhe a função social especificados no artigo seguinte:

Art. 186. A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

I – aproveitamento racional e adequado;

II – Utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;

III – observância das disposições que regulam as relações de trabalho;

IV – exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores. (BRASIL, p. 113).

De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil, a Fazenda Morimoto não cumpria a função social da terra, pelo contrário cometia uma série de delitos como devastação das florestas incluindo a destruição das nascentes que constam na terra e colaboram com a irrigação e fertilidade do solo, impedindo o crescimento da própria cidade, haja vista, que a fazenda se iniciava a partir do centro urbano da cidade de Alto Alegre dos Parecis e se adentra nos espaços cultiváveis que hoje abastece a cidade em pauta.

A Fazenda Morimoto vivia sobre forte vigilância realizada com trabalho de jagunços¹⁶ denominado de empregados ou de seguranças, que tinham a função de impedirem o acesso ao interior da mesma. Só após as famílias camponesas ocuparem esse espaço que se tornou público o conhecimento das irregularidades cometidas pelo latifundiário.

¹⁵ Entrevista concedida por Adilson Cansado no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 20 de setembro de 2022.

¹⁶ Criminoso contratado como segurança, guarda-costas, de uma pessoa influente, poderosa; capanga.

Pelo fato de a Fazenda Morimoto ser formada por uma área de aproximadamente 3 (três) mil alqueires de terra e “pertencente” a uma família considerada poderosa, foi necessário que as lideranças do MST, mobilizassem um número expressivo de famílias para ocuparem a área, pois era previsto pela direção que nem todas as famílias mobilizadas participariam da ocupação, temendo represálias por parte dos jagunços contratados pelo latifundiário. O camponês Adilson Cansado, que participou do processo de mobilização e ocupação relata:

[...] nós fizemos uma mobilização de quinhentas famílias, acreditávamos nessa possibilidade de acampar na antiga Fazenda Morimoto com quinhentas famílias, e como a história sempre ensinou pra nós, que nem sempre a expectativa é a realidade, e nós ocupamos a área 2: 00 horas da manhã 07 de setembro de 1997, com setenta e oito famílias, outra coisa que ficou marcado na história, foi que nós fretamos dezesseis caminhões, em Rolim de Moura, que era o ponto de encontro de toda a regional, pra sair pra ocupação da área e nós mandamos quinze caminhões de volta embora, e nós só ocupamos um caminhão em Rolim de Moura, porque nós tínhamos outro que vinha de Alta Floresta com os companheiros de Alta Floresta. Então nós fizemos a ocupação com setenta e oito famílias, em dois caminhões, e o acampamento, ele se deu de uma forma intrigante porque essas setenta e oito famílias, é, na verdade as quinhentas famílias que nós mobilizamos foram, é trabalhadas, e foram mobilizadas e o medo que o agricultor tem de voltar para as suas ocupações ficou entendido nesse momento, porque, as famílias foram mobilizadas, mas por motivo de medo desse sistema capitalista, desse agronegócio, que amedronta os nossos trabalhadores não deixaram eles fazerem essa ocupação [...]. (informação verbal)¹⁷

Freire (1981, p. 34) corrobora “[...] daí a necessidade que tem o trabalhador social de conhecer a realidade em que atua, o sistema de forças que enfrenta, para conhecer também o seu “viável histórico” [...]” Nesse sentido, a formação intelectual das lideranças deve prever os percalços a ser enfrentados em uma ocupação como no caso o Acampamento Che Guevara, Freire (1981, p. 34) “[...] em outras palavras, para conhecer o que pode ser feito, em um momento dado, pois que se faz o que se pode e não o que se gostaria de fazer [...]” Após as famílias ocuparem a Fazenda Morimoto, e construírem o Acampamento Che Guevara, a notícia espalhou-se e as famílias que por medo, não aderiram a ocupação, encorajaram-se como afirma Adilson Cansado:

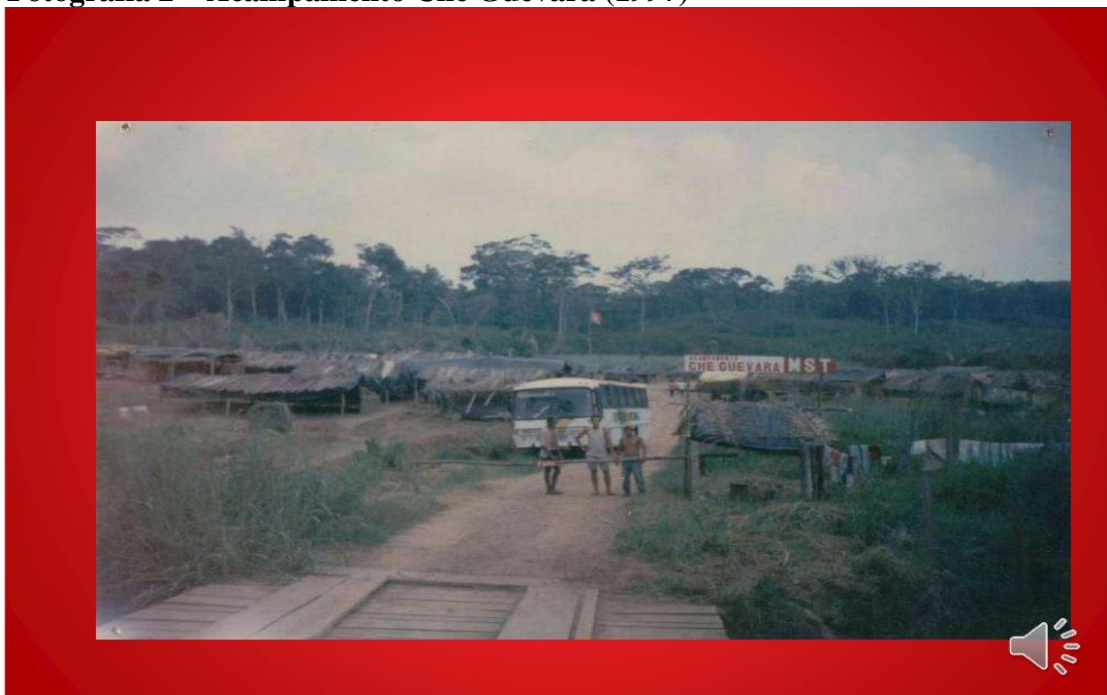
[...] eles vieram depois de um a um, conhecer o que era realmente o Movimento Sem Terra, o que era realmente o que nós tínhamos conversado dentro das mobilizações, e o nosso acampamento, em pouco tempo tinha trezentos e setenta famílias, dentro do Acampamento Che Guevara, que até então era Fazenda Morimoto [...], o sistema capitalista ele dá condições para uma família hoje que tenha posse de terra improdutivo dentro da lei fazer, é uma possível retrucália contra trabalhadores, os posseiros, a gente tá vendo no histórico agrário, os conflitos agrários, é geralmente acontece em terras improdutivas, ou seja, se a terra é improdutivo é uma terra da união não tem porque uma família se colocar dona e atacar trabalhadores que estão fazendo posse pra plantação, pra trabalho né, então porque essas famílias se apoderam dessas terras? Porque o sistema da condição, o sistema da uma condição que não existe, a lei diz que toda terra improdutivo deve estar destinada a Reforma

¹⁷ Entrevista concedida por Adilson Cansado no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 20 de setembro de 2022.

Agrária, mesmo assim o estado apoia e protege as famílias que exploram a terra improdutiva, não produz sonega impostos e ainda ameaça trabalhadores, é o próprio sistema nos coloca numa condição difícil, e aí por isso a coragem dos trabalhadores de enfrentar não só a família que se diz dona, mas o sistema que as protege [...]. (informação verbal)¹⁸

Como estratégia de luta, o instrumento utilizado pelos camponeses para superar qualquer tipo de represália contra as famílias do Acampamento, encontram-se na disciplina na execução das tarefas deliberadas em assembleias, a realização dos trabalhos coletivos no preparo da terra pra o plantio e a estrutura do Acampamento, isto é, os barracos construídos próximos uns dos outros formando uma espécie de agrovila:

Fotografia 2 – Acampamento Che Guevara (1997)



Fonte: arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Os trabalhos internos do Acampamento, como por exemplo, formação das Equipes de Segurança, eram deliberados em assembleias, o camponês para fazer parte da equipe, deveria preencher alguns requisitos: estar mentalmente saudável, ser pontual, permanecer no horário de seu plantão sem dormir, manter a calma caso houvesse algum movimento fora do comum e não ingerir bebidas alcoólicas.

Cada trabalhador da Equipe de Segurança, deveria emitir mensagem de alerta para as famílias, quando houvesse necessidade:

¹⁸ Entrevista concedida por Adilson Cansado no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 20 de setembro de 2022.

Fotografia 3 – Equipe de segurança do Acampamento Che Guevara (2005)



Fonte: arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecís, 2022.

Caldart (2004, p. 162) menciona “[...] a formação do sem-terra como sujeito social é um processo educativo de formação humana. Como tal, vai sendo produzido a partir de experiência humana (de pessoas concretas) [...].” O camponês Ratinho que chegou ao Acampamento Che Guevara ainda criança, corrobora:

[...] eu cheguei com a minha família, meu pai e minha mãe, com cinco anos de idade, dentro do acampamento localizado na linha P 34 km 2,5,[...] a gente foi pegando a experiência logo veio a escola né, de onde a finada professora Maria¹⁹ dava aula pra gente né, e assim a gente tinha os horários, aí tinha os horários estabelecidos, a gente gostava de tomar banho no rio mas não poderia tomar banho no rio em determinado horário, tinha o horário das três horas da tarde até as quatro que era das crianças, aí tinha horário das meninas, e tinha horário das mulheres e horário dos adultos para tomar banho, aí a brincadeira no rio, é o rio raziho na época a gente tinha, poderia brincar. O futebol também tinha os horários deliberado, mas sempre quando os adultos tava na beirada do campo, jogando no campo agente tava na beirada ali brincando, se divertindo né, caçando de estilingue na beirada do acampamento né, que não poderia ir muito longe da segurança né, que tinha segurança que era deliberado pra organizar essas questões, que era para as crianças não se perderem, porque era acampamento uma área até então de conflito a gente tinha que ter este cuidado [...]. (informação verbal)²⁰

Caldart (2004, p. 162), ressalta que “[...] a formação do sem-terra, pois, não se dá pela assimilação de discursos, mas, fundamentalmente pela vivência, pessoal em ações de luta social [...]” esse trabalho educativo construído em um espaço coletivo, “[...] cuja força educativa costuma ser proporcional ao grau de ruptura que estabelece com padrões anteriores

¹⁹ Nome fictício da professora que iniciou os trabalhos no Acampamento Che Guevara, por não ter encontrado os parentes da mesma para autorizar o uso do nome.

²⁰ Entrevista concedida por Ratinho no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecís no dia 26 de setembro de 2022

de existência social destes trabalhadores e trabalhadoras da terra [...]”onde teoria e prática caminham juntas, exigindo “[...] a elaboração de novas sínteses culturais [...]”se adaptando ao ambiente em que vive.

Fotografia 4 – Crianças brincando próximo ao Acampamento Che Guevara (1997)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

O trabalho coletivo das famílias acampadas foi responsável por uma transformação na forma de produção da Fazenda Morimoto, que outrora predominava a monocultura do gado de corte, deu-se espaço para a produção de alimentos como: feijão, milho, arroz, mandioca, cana-de-açúcar dentre outros, e criações de animais: porcos, galinhas, patos, gado de leite dentre outros, da agricultura camponesa.

Fotografia 5 – Produção do Acampamento Che Guevara



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

No primeiro momento, segundo o camponês Adilson Cansado, o cultivo da terra no Acampamento Che Guevara aconteceu da seguinte maneira:

[...] a primeira preocupação né, a partir do momento que você, é traga essas pessoas pra dentro do acampamento a se uma necessidade de como é que vamos, é caminhar daqui pra frente, e aí, como a ação da reforma agrária quando ela não é feita pela justiça, ou pelo governo, quando é uma coisa que nós temos que forçar ela acontecer, então vira uma responsabilidade nossa, e aí, é a gente não tem essa ajuda do governo quando a gente faz isso, e o nosso primeiro passo é a produção mesmo, o modelo como agente ainda não tem topografias nem lotes né, então foi é feito é nos coletivos né, a gente se reunia em coletivo, e marcava meio alqueire, um alqueire, pra cada morador pra que ele pudesse plantar aí a roça branca que é alimentação rápida aí de três a quatro meses né, feijão e milho, essa foi a, o primeiro passo pra gente começar a produzir a própria alimentação dentro do acampamento pra dá sustentabilidade dentro do acampamento [...].(informação verbal)²¹

Observa-se que a ocupação do latifúndio é apenas um item da luta pela terra, pois, na sequência vem os próximos desafios, Carvalho (2004, p. 114) confirma “ [...] ao lutar pela terra e pela posse da terra e pelo uso da terra e o produto do seu trabalho a seu modo, ele está se pondo como um obstáculo à ordem burguesa [...],” mostrando na prática que “[...] a luta pela terra impede ou dificulta a monopolização da terra pelo capital, a sua transformação em propriedade mercantil, o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo na agricultura.”

A organização do Acampamento Che Guevara, no processo eleitoral municipal, indicava-se os nomes para concorrerem ao cargo de vereador. Após apresentação dos nomes realizava-se uma sabatina em assembleia, para a escolha do nome que preenchesse os requisitos definidos pelos camponeses. Após a votação, o nome vencedor estava apto a concorrer ao cargo de vereador nas eleições municipais de Alto Alegre dos Parecis. Caso a pessoa escolhida não preenchesse os requisitos era substituída pelo segundo colocado. O processo de seleção para concorrer ao cargo de vereador no Acampamento Che Guevara, ocorria segundo o camponês Lula do Assentamento da seguinte maneira:

[...] no acampamento nós fazíamos uma prévia sabe, a gente fez várias prévias, quando o Leônidas foi candidato nós ainda era acampado dentro de uma situação do acampamento sabe, e aí o Leônidas foi vereador de 2004 à 2008, então tinha várias pessoas que tinham vontade, era filiada ao partido e tinha vontade de ser candidatos, e na época nós fizemos do Leônidas parece que tinha três pessoas que queriam ser candidatos sabe, e a gente tem algumas normas pra ser discutidas inclusive na época quem ganhou a prévia pra sair candidato foi o finado Bem-te-vi (acampado falecido) [...] dentro da prévia na transição ali pra ser candidato né, a pessoa cometeu uns delitos que a coordenação do acampamento e o pessoal do acampamento disse não, este aí não dá para nos representar né, e aí quem tinha ficado em segundo era o Leônidas, ai automaticamente se reuniram lá o grupo novamente [...] e colocaram o Leônidas e o Leônidas foi eleito o primeiro vereador né, do Acampamento Che Guevara [...] quando dá 2008, nós discutimos aqui no acampamento que nós ia realmente fazer a demarcação dessas terras já chega de ficar debaixo de lona né, e aí

²¹ Entrevista concedida por Adilson Cansado no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 20 de setembro de 2022.

repartimos o acampamento, uma parte aqui na 34, uma parte foi pra 70, outra parte foi pra P30, repartimos e aí veio outra vez a necessidade de fazer outra prévia, que o Leônidas tinha decidido que ia embora do acampamento que não seria candidato a uma reeleição, aí fizemos outra prévia, novamente tinha 4 pessoas que colocavam o nome a disposição, então 2008, quem ganhou a prévia pra ser candidato, inclusive com meu apoio, apoio da minha família apoio da companheirada [...] Maxixe ganha pra ser candidato a vereador do Acampamento [...] disputou as eleições com grande dificuldade mais ficou faltando se não me engano 5 ou 6 votos para ser eleito [...] 2012 o processo democrático continuou, eu dizia que não queria ser candidato, até quando ainda eu não tinha aceitação, eu nunca tinha disputado uma prévia no Acampamento pra ser candidato, [...] em 2012 eu tive a honra da minha família dizer se quiser ser candidato você tá liberado sabe, [...] a gente coloca o nome á prévia do Acampamento sabe, e aí o Maxixe colocou, daí foi eu pré candidato, foi o Darlí pré candidato, o Fumaça, nós tinha 4 pré candidato a vereador, foi disputado [...] eu acabei ganhando as prévias do Maxixe[...] fui candidato em 2012 né, não fui eleito [...] em 2016 né, ocorreu novamente a prévia, aí só tinha eu e Maxixe, o Maxixe continuou insistindo que era candidato, aí eu tornei ganhar dele em 2016, fui candidato e fui agraciado[...] fui eleito e passei 4 anos na vereança quando foi em 2020, aí não teve prévia mais, porque aí como já era vereador eleito né, não teve necessidade de fazer previa, eu tinha prioridade pra poder ser candidato a reeleição, aí candidatei a eleição novamente, novamente a companheirada [...] fui mais votado em 2020 a reeleição e novamente estou aí nessa peleja tentando exercer um trabalho mais coletivo, um trabalho mais popular [...] e agora com mais um cargo aí na vereança do vereador popular do MST, presidente da Câmara de Alto Alegre [...]. (informação verbal)²²

No entanto, essas decisões coletivas relacionadas ao processo eleitoral, sempre predominou as candidaturas de camponeses filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT). De acordo com a entrevista acima, a partir do ano 2004, momento em que foi eleito o primeiro vereador do Acampamento Che Guevara, o Senhor Leônidas Alves Ferreira, a Câmara Municipal de Alto Alegre dos Parecis, só ficou um pleito, ou seja, de 2010 à 2014 sem um vereador eleito que representasse o Acampamento Che Guevara.

Fotografia 6 – Candidatos a vereador pelo PT: período - 2004 a 2020



Fonte: arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Os proprietários da Fazenda Morimoto, não se conformaram com a ocupação liderada pelo MST, buscaram apoio nas instituições do Estado para a reintegração de posse, que

²² Entrevista concedida por Lula do Assentamento no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 26 de setembro de 2022.

aconteceu em 2005, após oito anos de ocupação.

O jornal Redação da Região Centro-Oeste-MST (2020) afirma que, após oito anos de ocupação “[...] em 2005, o acampamento sofreu a primeira ação de despejo [...]” se caracterizando como, “[...] um marco na história da luta por reforma agrária popular e que também marcou a história do acampamento [...]” e do município de Alto Alegre dos Parecis.

Fotografia 7 – Reintegração de posse do Acampamento Che Guevara (2005)



Fonte: arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

A ordem judicial expedida pelo relator, o então ministro Humberto Gomes de Barros-STJ (2005), garantindo “[...] o cumprimento de uma decisão de 1999, que autorizou a reintegração de posse de terras à família Morimoto, em Rondônia, [...]” que a “[...] Corte Especial do Superior Tribunal de Justiça julgou procedente o pedido de intervenção federal no estado, no prazo de 120 dias[...].”

Com a ordem expedida, as lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), mobilizou o poder público Municipal (vereadores e prefeito), Estadual (assembleia legislativa e governo do Estado) e Federal (parlamentares e senadores) e lideranças de várias instituições como Comissão Pastoral da Terra (CPT), Igreja Católica, movimentos ligados a Via Campesina, como Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e a Imprensa.

O objetivo dessa mobilização era buscar uma solução pacífica diante da situação exposta, pois se tratava de cumprir o mandado judicial, o Estado disponibilizou um batalhão de aproximadamente 450 (quatrocentos e cinquenta) policiais, fortemente armados, para retirar os acampados que formavam um público composto por famílias com: crianças, mulheres, inclusive gestantes, idosos, dentre eles vários camponeses com problemas de saúde.

Figura 8 – Audiência Pública Márítom (prefeito) Leônidas (vereador) 2005



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Foram momentos de muita tensão, no Acampamento Che Guevara, todos estavam aterrorizadas e principalmente as crianças, que em meio aquele conflito, não entendiam o que estava acontecendo. O camponês Ratinho, que era um adolescente na época, relata os momentos de terror vivido pelas famílias na reintegração de posse naquele dia:

[...] eu já era adolescente, já conseguia ver, enxergar essa situação, qual situação era essa? Nós tínhamos uma figura pública, se chamava o vereador Leônidas né? A gente tinha autoridade pública dentro do acampamento, nós tínhamos na época o prefeito do município, o Senhor Márítom Benedito de Holanda, na época padre né? Da paróquia de Santa Luzia que também era prefeito, e nós tínhamos vereadores, e alguns deputados né? Que tava, o finado Eduardo Valverde, Neri, que fez uma mobilização muito política pra que o governo do estado na época comprasse dois alqueires de terra nas proximidades da fazenda pra onde essas famílias, nos deslocou pra esses dois alqueires de terra, aí sim eu citei algumas autoridades públicas da época né? Que eu não vou me recordar todas, mas eu sei que esses estavam envolvidos diretamente com a situação de conflitos que na época tava para vim o despejo e já tava o despejo propriamente dito, inclusive tinha nos dois quilômetros de estrada na época, no dia do despejo em si que depois do despejo ficou uma semana duas semanas né? chegou a polícia nós não saímos, esperemos a audiência e aí foi a audiência foi essas autoridades publica, judiciário e tudo mais, pelo que a gente entendia no começo da conversa, pra tentar organizar as famílias não ficassem muito longe, é porque a ideia despejar levar oitenta quilômetros longe da fazenda e a direção junto com essas autoridades públicas, queria que ficassem mais perto possível, aí a gente conseguiu que comprasse estes dois alqueires próximo da fazenda, quase divisa, pra que essas famílias, nós famílias sem-terra fosse pra esse local, e aí deu-se que dentro desta duas três semanas a Polícia Militar mesmo, dando apoio aos funcionários com caçamba e tudo, conseguiu pegar as mudanças dos sem terras de nós sem-terra e levar nesses dois alqueires, propriamente dito, dia 11/06/2005, dia do meu aniversário [...]. (informação verbal)²³

²³ Entrevista concedida por Ratinho no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 26 de setembro de 2022.

Esse fato marcou a vida do camponês Ratinho, foi o dia da reintegração de posse era data de seu aniversário, estava completando 12 (doze) anos, situação semelhantes de centenas de crianças que se encontravam no Acampamento Che Guevara. E essa data que para ele deveria ser comemorada, passou a ter uma lembrança traumatizante, que segundo o mesmo, vai carregar por toda a sua vida, não consegue esquecer o tratamento hostil recebido pelos agentes (policiais militares) do Estado de Rondônia:

[...] a reintegração de posse, aí já vem o fato. Eu já era um adolescente, na verdade eu era criança, com onze anos, no dia da reintegração de posse, eu virei para a minha mãe e falei que era para ser o dia mais feliz da minha vida, né? Aí ela perguntou pra mim porque né? Era o dia feliz? Eu falei: estou fazendo doze anos hoje! Aí ela falou né? falou nossa, filho! Mas nesse momento aí? Eu falei é o dia, (desculpe ... emocionou-se), [...] o dia mais feliz por estar fazendo aniversário naquele dia né, e nesse dia tinha policiais, a gente sendo tratado como, infelizmente a gente sendo tratado como vândalos é, baderneiros no momento. [...]. (informação verbal)²⁴

A participação feminina no processo de negociação com a Polícia Militar, destacou-se em meio ao processo de negociação para a desocupação da área do Acampamento Che Guevara. A camponesa e acampada a senhora Marilde, que fez parte de uma das equipes de negociação no dia da reintegração de posse relata:

[...] no dia lá, a turma que tava mais na frente saiu para ir negociar com o padre Tom na prefeitura né, aí sobrou, eu que fazia parte da militância estadual aqui na Regional da Mata, aí saiu pra encontrar com eles, quando eles (policiais militares) vieram chegando que correram lá e me chamaram, aí eles já estavam chegando ali, aí era do outro lado da ponte, já tava chegando as caçambas, primeiro chegou as ambulâncias né, os para médicos, aí em seguida chegou uma ambulância doo corpo de bombeiro, aí foi chegando as caçambas e atrás das caçambas chegou os trator, foi assim uma emoção tão grande que a gente, o medo fez a coragem né (risos) que no momento assim que eles vieram chegando já apiaram (desembarcaram) já, assim, veio a turma de choque né, inclusive quem chegou bem na frente foi esse nosso governo (atual governador de Rondônia, Coronel Marcos Rocha) eu não me esqueço disso, e veio descendo para chegar e entrar no acampamento aí foi eu e a mãe dessa menina (camponezinha que estava presente) só nós duas, aí o Graxaim (camponês), foi e acompanhou nós, mais ninguém acompanhou nós todo mundo não sei se foi o medo, se foi o susto agente num tava esperando, tava esperando, mas pensava que ia ser de outra forma né [...] a turma tudo armada com choque né, com escudo isso não sai da minha memória graças a Deus que eu não tenho assim muito medo tenho medo, mais assim muito medo naquele momento eu falei tem que ser um ou outro né, aí os homens nenhum quis ir, queria ir que ia fazer conflito não aceitar e ele (Coronel Marcos Rocha) veio de encontro comigo e a menina inclusive ela tinha um menininha(bebê de colo) sentando no braço bem pequenininha[...] chegou e falou que era ele, era o comandante Marcos Rocha, que queria as coisas pacificadas, não queria briga, não queria conflito, não queria sangue, não queria nada disso, aí falamos nós também não quer, queria pedir ao senhor por cariedade, não sei de onde saiu meu palavrado (risos) o senhor esperasse que eles (demais integrantes da equipe de negociação) estão na prefeitura em reunião com o prefeito e mais um grupo de apoio negociando lá na prefeitura. Aí eles pararam, os policiais ficaram lá longe e só ele (coronel Marcos Rocha) que veio mais um outro soldado com ele [...]. (informação verbal)²⁵ (MARILDE. Entrevista, 2022)

²⁴ Entrevista concedida por Ratinho no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 26 de setembro de 2022.

²⁵ Entrevista concedida por Marilde no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

As equipes de negociação das famílias camponesas formada por lideranças (mulheres e homens) conseguiram nesse momento de tensão, avançar nas negociações para a retirada dos camponeses, de forma pacífica, para o terreno cedido pelo Estado do lado da fazenda, apesar de o fazendeiro querer os acampados a 200 (duzentos) quilômetros de distância da fazenda.

Durante esses dias, o fazendeiro reocupou a área, contratando vários homens residentes na cidade de Alto Alegre dos Parecis, para construir cercas nos locais das roças de milho e feijão, que parte das famílias ainda não haviam concluído as colheitas.

A camponesa, Senhora Marilde, juntamente com algumas companheiras do Acampamento Che Guevara, nos dias posteriores a reintegração de posse seguiram até o local da roça, controlado pelos seguranças da fazenda, desafiando os perigos, fez a negociação para retirar, o restante do milho e do feijão:

[...] eu me lembro que a Cícera do Maxixe (companheiros do acampamento) aí criou coragem, aí começou a mim acompanhar né, aí eles (jaguços) fizeram cerca né, fizeram cercas de cima embaixo, tampou aquela beirada de estrada ficou tudo fechada, eu falei Cícera vamos lá conversar com aquele povo, que se não nós vamo ficar sem tirar os nossos feijão né, porque nós não tinha colhido todos os feijão ainda, aí eu falei vamo lá, aí mais ninguém quis vim com nós, aí nós veio, eu falei nós vamo lá conversar, aí chegemo conversamo com o povo, fizemo amizade com o povo aí depois eu pedi o chefe lá, se a gente podia dar uma palestra com ele, aí ajuntou todo mundo né, os companheiro dele, aí , aí nós foi conversar com ele, aí a gente colocou pra ele [...] aí conversei com ele mais eu mais a Cícera, não esqueço disso até hoje, a gente colocou pra ele a realidade o que nós tinha estava pra dentro da cerca, pra fora nós não tinha nada e se no caso deles se alguém chegasse e fizesse aquilo que ele estava fazendo com nós, nossa família reprender nós de tirar nosso sustento pra nossa família o que eles como chefe de família o que eles fazia! Aí um rapaz dele falou assim, ah se fosse comigo eu fazia igual a senhora está falando, eu chegava conversava pacificamente e se eles me obedecessem e deixassem eu entrar para tirar tudo bem, se eles não deixassem eu voltava e juntava o povão e tirava. Falei não, mas não é assim que nós quer, nós queria que vocês parassem de fazer assim eu sei que vocês estão ganhando o dinheirinho de vocês eu não sou contra que a luta é brava tem que lutar né, aí conversei com o cara catou as coisas dele e foi tudo embora, aí nós aproveitou né, já que saiu vamos voltar né [...] [...]. (informação verbal)²⁶

Após retirarem a colheita, as famílias se reorganizaram, trabalhando nas propriedades próximas do Acampamento para retirarem o seu sustento e permanecerem firmes na luta pela terra tendo como proposta reocupar a Fazenda Morimoto. Com aproximadamente 3 (três) anos, derrubaram mais uma vez as cercas construídas pelo fazendeiro que separavam os camponeses da terra, reocupando o espaço que hoje é o Acampamento Che Guevara.

Sobre esse momento histórico de reocupação da Fazenda Morimoto pelas famílias do Acampamento Che Guevara, o camponês Barros, que fez parte dos debates e participou do processo de reocupação da área, relata como ocorreu a retomada da Fazenda Morimoto e mais

²⁶ Entrevista concedida por Marilde no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

uma vez Acampamento Che Guevara:

[...] nesse intervalo de 2006 até 2009, nós estava no acampamento assim que nós estava vendo que tava muito desanimador, as famílias estava já estava si integrando dispersando, uns querendo é..., ir buscar outras fontes outros meios ou trabalhar, teve algumas famílias que foi para Nova Mutum, arrumar emprego lá no agronegócio, naquela parceria lá, outros foram pra Triunfo, outras famílias foram mesmo embora pra os grandes centros, aqui vizinhos né, e ai nós sentimos a necessidade de, senão o acampamento ia acabar, e não tinha mais é, suporte de manter ali, tava dando muitos probleminhas estruturais, ai chegamos numa necessidade de discutir e reavaliar a produtividade né, e ai nesse conceito de debate, tivemos um seminário em 2007 de produção, ficaram muito interessante que a gente conseguiu fazer o diagnóstico, fazer o levantamento da produtividade que nós tinha, nós conseguimos dá uma ênfase na questão da agroecologia, e ai chegamos à conclusão que o necessário era fazer a demarcação para nós inserir outra culturas, que no acampamento não era possível, por exemplo plantar um pé de manga, plantar um café, um cacau né, essas culturas, criar um animal, uma galinha, um porco, no acampamento era impossível fazer isso porque a gente vivia num sistema da cidade rural né, os barracos de lona, tudo ali é, aproximadamente é a metragem três por quatro, uns barracos era maior mas era esse espaço, então nós precisa era ampliar. E aí em 2009, nessa discussão conseguimos convencer a nossa coordenação estadual, e nós conseguimos a fazer a demarcação, e aí que a gente entrou pra dentro e estamos aqui neste patamar que estamos [...]. (informação verbal)²⁷

Trindade (2020), corrobora que “as famílias não receberam documentação para sua legalização enquanto assentamento de Reforma Agrária”, mas a partir de 2009, os camponeses tomaram a iniciativa coletivamente e realizaram a partilha da terra dividindo o espaço geográfico do Acampamento Che Guevara em 6 (seis) setores, denominados pelas famílias camponesas de Glebas²⁸, que foram nomeadas da seguinte maneira: Gleba I, Gleba II, Gleba III, Gleba Luzinei Barreto (in memoriam a um companheiro de luta), Gleba Florestan Fernandes (in memoriam a este companheiro de luta) e Gleba Pequena Vanessa (in memoriam a uma criança assassinada no Massacre de Corumbiara - RO). Esse processo de demarcação ocorre segundo o camponês Adilson Cansado, da seguinte maneira:

[...] nós das direções, agente define isso é..., juntamente com o estado né, com o movimento no estado, e, levando em conta o tempo que a gente já estava produzindo é..., de forma coletiva então a gente tem-se a necessidade de produzir uma cultura mais forte no caso café que é hoje um produto digamos, o eixo financeiro dentro do lote né, e então vem-se a necessidade de fazer a topografia, como essa topografia teria que se partir do Estado, mas uma vez que o Estado não entende a ocupação como uma necessidade do governo, dos trabalhadores, então a gente passa a fazer por conta própria, então é uma topografia popular, a gente contrata o topógrafo, e demarca em forma de agrovilas que é esse o modelo que nos trabalhamos dentro dos movimentos que é uma forma de raio né, de forma que todas as famílias ficam em comunidade numa área social coletiva, então a gente passa nesse momento a discutir como vamos fazer essa topografia pra que as famílias tenha o seu lote a sua demarcação pra que possa produzir com pouco mais de subsistência né [...]. (informação verbal)²⁹

Esta partilha da terra, através da Reforma Agraria Popular, envolve de acordo com o

²⁷ Entrevista concedida por Barros no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

²⁸ Parte do terreno que ainda não foi judicialmente dividida.

²⁹ Entrevista concedida por Adilson Cansado no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 20 de setembro de 2022.

(DOSSIÊ Nº 27, 2020), todos os aspectos relacionados a defesa do campesinato, ou seja, educação, saúde, lazer, construindo uma nova política que possa envolver todas as famílias e discutir um novo modelo de sociedade camponesa:

O conceito de reforma agrária popular vai muito além das questões produtivas. Perpassa também pela construção de novas relações humanas, sociais e de gênero, enfrentando o machismo e a lgbtfobia, por exemplo. Perpassa por garantir o acesso à educação em todos os níveis no meio rural, ao mesmo tempo que tem como propósito construir formas autônomas de cooperação entre os trabalhadores que vivem no campo e na relação política com as massas urbanas. (DOSSIÊ nº 27, 2020).

A Reforma Agrária Popular, segundo o Dicionário da Educação do Campo (2012, p. 662) “[...] consiste na distribuição massiva de terras a camponeses[...],” que se caracteriza pelo sistema de agrovilas que seguem critérios que tem como objetivo beneficiar todas as famílias acampadas, respeitando as diversidades culturais de cada indivíduo. É importante ressaltar que, na medida que intensifica os conflitos seguidos pela repressão na luta pela conquista da terra, os camponeses foram construindo ferramentas que deram condições de permanecerem na propriedade.

O método de diversificação de produção, que se define como o aspecto da Reforma Agrária Popular, que está arraigado na agricultura campesina, para produzir alimentos para o sustento próprio e a comercialização do excedente. O documentário Tecnologia social e reforma agrária popular (2021, p. 41) “[...] não se limita à reformulação do modelo produtivo e tecnológico no campo, mas é proposto como projeto societário de transformação da realidade do campo brasileiro [...]”, e o “[...] avanço está visceralmente ligado à sua relação com a cidade.”

No próximo tópico, veremos como se encontra o contexto histórico atual do Acampamento Che Guevara, após passar por um período marcado por momentos de lutas, desesperos, ocasiões de desânimos superados pela coletividade, e também carregado de conquistas ancorados na resistência.

3 QUANDO MORIMOTO VIRA CHE GUEVARA

O município de Alto Alegre dos Parecis, segundo dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 2010, contava com uma população de 12.816 habitantes. A maioria dos habitantes do município em destaque é de camponeses pobres que sobrevivem da agricultura familiar, responsáveis pelo maior percentual do Produto Interno Bruto - PIB do município.

Enquanto uma minoria da população é formada por fazendeiros que de acordo com Coelho (2015, p. 76) “no Brasil, sempre houve uma clara concentração de terras, em que os pequenos trabalhadores rurais cada vez mais foram perdendo seus espaços, ficando à margem das grandes fazendas,” deixando claro o projeto esmagador do capitalismo representado no campo pelo agronegócio.

Uma das peculiaridades do Acampamento Che Guevara, está relacionado a forma como vivem centenas de famílias que moram e trabalham cultivando a terra retirando o próprio sustento. Por tratar-se de um Acampamento, é comum imaginar que as famílias estejam vivendo embaixo da lona, porém, a realidade dos camponeses que residem no Acampamento Che Guevara é diferenciada, pois, todas as famílias acampadas têm acesso a sua própria fração de terra e sua casa, divisão que ocorreu no ano de 2009 através da Reforma Agrária Popular que segundo o Dossiê nº 27 (2020, p. 22) “[...] traz em sua dimensão não apenas a necessidade de terra para quem nela trabalha, categoria central na década de 1980 e 1990, mas a necessidade de produzir alimentos saudáveis a toda população, adquirindo o caráter popular da reforma agrária[...]”no entanto, a partir dessa data, os camponeses decidiram coletivamente realizar o corte da terra e cada família passou a cultivar em seu próprio espaço.

A produção do Acampamento Che Guevara, de acordo com o jornalista Trindade (2020), em seu último levantamento “[...] feito pelas próprias famílias assentadas foram comercializadas cerca de 4,5 mil sacas de feijão, 10 mil sacas de milho, alta proporção da colheita do café, entre outros [...]” totalizando um percentual de aproximadamente 20% (vinte) por cento de toda a produção agrícola do município de Alto Alegre dos Parecis – RO.

Essa produção, segundo a pesquisa, é desenvolvida por meio dos saberes populares, no que se refere a diversificação da produção e as técnicas ancestrais para o preparo do solo, a seleção das sementes e época dos plantios. A participação da Universidade é determinante para agregar os conhecimentos científicos aos saberes populares e vice-versa, pois por meio desses conhecimentos, os camponeses construiriam instrumentos de resistência contra as práticas da utilização de venenos.

Fotografia 9 – Plantações de café e milho no Acampamento Che Guevara (2022)

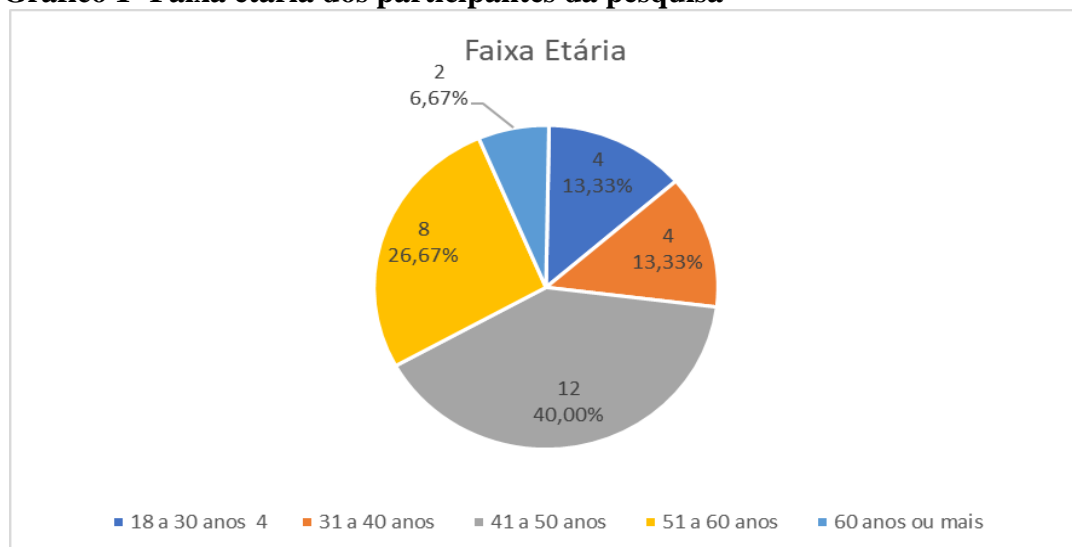


Fonte: ABIDIAS, M. C. S. Lavouras de café e milho. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

A pesquisa em pauta, foi realizada com um público formado por 30 (trinta) famílias participantes, totalizando 10% (dez) por cento das famílias do Acampamento Che Guevara, com 53% (cinquenta e três) por cento dos entrevistados do sexo masculino e 47% (quarenta e sete) por cento com pessoas do sexo feminino.

Os critérios atribuídos para os participantes da pesquisa foram: ser camponês, morar e trabalhar no Acampamento Che Guevara e com idade acima de 18 (dezoito) anos. A seguir, o gráfico apresentará como ficou dividido a participação de cada camponês, levando em consideração a faixa etária, de participantes de todas as Glebas do Acampamento Che Guevara, com idade que varia entre 18 (dezoito) anos e com idade acima de 60 (sessenta) anos:

Gráfico 1- Faixa etária dos participantes da pesquisa



Fonte: ABIDIAS, M. A. Gráfico faixa etária dos participantes. Rolim de Moura, 2022.

Os camponeses entrevistados com 18 (dezoito) anos de idade, na maioria nascidos no Acampamento concluíram o Ensino Médio, os outros acima de 60 (sessenta) anos, que não tiveram acesso à educação formal, mas segundo Zanotto (2015, p. 24), também o conhecimento passado de geração a geração por meio “[...] de observações feitas ao longo de gerações, não obstante, para determinados grupos, se prestam coerentes e fazem sentido, nutrindo vivo “conhecimento” e, desta forma, preservam a história, costumes e tradições locais [...]” Os camponeses entrevistados, têm endereços distribuídos entre as 6 (seis) Glebas que compõem o espaço geográfico do Acampamento Che Guevara.

Quanto ao estado civil dos camponeses, 40% (quarenta) por cento dos entrevistados se identificaram como casados, 34% (trinta e quatro) por cento solteiros, 13% (treze) por cento companheiros³⁰ e 13% (treze) por cento divorciados, totalizando 100% (cem) por cento do público pesquisado.

No que se refere ao nível de escolaridade foi pesquisado por faixa etária, as pessoas acima de 50 (cinquenta) anos, 13% (treze) por cento não tiveram acesso a escola, 13% (treze) por cento iniciaram, mas não concluíram as séries iniciais e apenas 33% (trinta e três) por cento nesta faixa etária acima citada, concluíram segundo informações coletada as séries iniciais.

O alto índice de analfabetismo identificado nos camponeses acima de 50 (cinquenta) anos no Acampamento Che Guevara, não é um fato isolado, faz parte de um modo de produção excludente e a luta dos camponeses pela terra envolve a educação, Gadotti (2008, p. 10) afirma que nenhuma “[...] sociedade resolveu seus problemas sem equacionar devidamente os problemas de educação. Não há países que tenham encontrado soluções para os problemas educacionais sem equacionar devida e simultaneamente a educação de adultos e a alfabetização [...]” esse problema se caracteriza como estrutural, onde esses camponeses, segundo Gadotti (2008, p.28), “[...] adultos trabalhadores lutam para superar suas condições de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo [...]” principalmente na população do campo.

As pessoas com idade entre 30 (trinta) e 50 (cinquenta) anos: 7% (sete) por cento começaram, mas não finalizaram os 2 (dois) primeiros anos do Ensino Fundamental, 33% (trinta e três) por cento com idade entre 20 (vinte) e 30 (trinta) anos concluíram o Ensino Médio e pessoas entre 20 (vinte) e 40 (quarenta) anos de idade apenas 7% (sete) por cento concluíram o Ensino Superior até o presente momento:

No Brasil, a alternativa apresentada à problemática da exclusão das classes populares à educação superior são as chamadas políticas de ações afirmativas, que

³⁰ Pessoa que vivem maritalmente.

buscam incluir os que pelas suas condições concretas de existência não teriam acesso à universidade pública, são eles os deficientes, negros, índios e pobres. Em meio a essa tipologia, encontram-se sujeitos que formam outros grupos de excluídos, como a população do campo, que, ao longo da história da educação brasileira, não consegue garantir o exercício do direito à escolarização, tendo em vista o processo de desenvolvimento do campo e as condições de oferta de educação nesse locus. (FIGUEIREDO; VERAS; LINS, 2016, p. 61).

O problema educacional que não está desvinculado da luta pela terra, aparece nos números da pesquisa, onde, 67% (sessenta e sete) por cento das pessoas participantes têm filhos menores de idade, deste percentual, 60% (sessenta) por cento dos filhos menores que são acampados, estudam em escolas urbanas. A causa de os pais deixarem seus filhos estudarem nas escolas urbanas, porque não tem escola do Ensino Básico no Acampamento Che Guevara.

Mesmo assegurado pela LDB (1996) no “[art. 28. na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região[...],” o município não garante o direito aos filhos dos camponeses acampados de estudarem nas dependências do Acampamento Che Guevara e são transportados em ônibus escolares para as escolas localizadas na cidade de Alto Alegre dos Parecis:

É necessário, porém, que o trabalhador social se preocupe com algo já enfatizado nestas considerações: que a estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isso significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação. Tarefa que lhes exige, durante sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la. (FREIRE, 2013, p. 26).

Das famílias que ocuparam o latifúndio Fazenda Morimoto, em finais dos anos de 1990, permanecem um total de 60% (sessenta) por cento na luta pela conquista da terra no Acampamento Che Guevara, 13% (treze) por cento chegaram há aproximadamente 20 (vinte) anos, 20% (vinte) por cento a 15 (quinze) anos e 7% (sete) por cento vivem a menos de 10 (dez) anos no Acampamento em pesquisa.

A camponesa Cleonice ressalta os motivos que a trouxeram com o seu esposo para o Acampamento Che Guevara, uma história semelhante à de centenas de famílias que lutam para fugir das condições do trabalho de meeiros, arrendatários dentre outros:

[...] Bom nós veio pra cá pro o acampamento em 2006, 16 de janeiro de 2006, porque eu sempre vivi na roça né..., meus pais era camponeses eu cresci, me formei né, tudo o que eu aprendi foi na roça, então quando eu me casei, é... me casei com um... camponês urbanizado (risos) foi dizendo assim, e não consegui me adaptar na vida né, e ai a gente discutimos e preferimos vim pra cá, porque assim, o que eu sei fazer, o que eu gosto de fazer né, eu amo a roça, amo trabalhar plantar a minha comida é..., e a gente não tinha essa opção né, trabalhar na época a rendo, não dava pra nós né, é...Trabalhar de meeiro é um trabalho muito difícil, que o que você planta, o que se colhe é o patrão, você não pode plantar o que você quer porque você tem que plantar o que o patrão quer, e a gente queria diferenciar, a gente queria

ter uma propriedade mais sustentável, então foi esse, foi um dos motivos [...]. (informação verbal)³¹

A camponesa Cleonice relata o problema do acesso à terra pelos camponeses pobres que afetam milhares de famílias. No Acampamento Che Guevara, segundo as informações dos pesquisados, a renda mensal familiar é composta por um público com um percentual de 13% (treze) por cento das famílias sobrevivem com uma média de 0,5 (meio) salário-mínimo, seguido por 67% (sessenta) por cento com uma renda mensal entre 1 (um) e 2 (dois) salários mínimos e por fim 27% (vinte e sete) por cento uma renda mensal de 2 (dois) a 3 (três) salários mínimos. Ressaltando que esse percentual está relacionado a venda do excedente da produção, pois, culturalmente o camponês não inclui na renda familiar o que é utilizado para consumo próprio da família.

A formação do Acampamento Che Guevara, em setembro de 1997, contava com uma estrutura física composta pelos barracos que abrigavam as famílias, uma Igreja Católica que foi batizada pelos fiéis com o nome de Igreja Sagrada Família.

Fotografia 10 – Igreja Sagrada Família (1997)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Após os camponeses realizarem a Reforma Agrária Popular no ano 2009, cada família camponesa mudou-se para o seu pedaço de terra. O Acampamento localizado na beira da estrada na Linha P 34 km 3,5, foi extinto e a Igreja Sagrada Família passou a ter seu endereço na área social, local que outrora era a sede da fazenda da Família Morimoto, que ao ser dividido as terras pelos camponeses, a mesma ficou pertencendo a Gleba I:

³¹ Entrevista concedida por Cleonice no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

Fotografia 11 – Igreja Sagrada Família localizada na Gleba I (2022)

Fonte: ABIDIAS, M. C. S. **Igreja Sagrada Família.** Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Com a divisão dos lotes, no Acampamento Che Guevara, a população dos acampados que é formada por um percentual de 87% (oitenta e sete) por cento católicos, construíram mais uma Igreja Católica, na Gleba II, batizada com o nome de Igreja Nossa Senhora Aparecida.

Fotografia 12 – Igreja Nossa Senhora Aparecida localizada na Gleba II (2022)

Fonte: ABIDIAS, M. C. S. **Igreja Nossa Senhora Aparecida.** Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Conforme apresenta as fotos, as igrejas têm estruturas semelhantes, um barracão para reuniões e organização de festas da comunidade. Em torno destas estruturas, formam-se as comunidades com fortes influências da Teologia da Libertação, Lowy (2016, p. 77) afirma

que os fiéis fazem “[...] uma nova leitura da Bíblia, que dá uma atenção significativa a passagens tais como a do Êxodo, que é vista como paradigma de luta de um povo escravizado por sua libertação [...]”As comunidades são coordenadas por lideranças locais que segundo Feitosa (2014, p. 57), “[...] tem o seu carisma voltado a busca da práxis libertadora, neste estrado, a fé deve ser pensada como fermento de transformação histórica, ou seja, como caridade social [...]”um espaço de encontros e trocas de experiências entre as famílias camponesas.

No entanto, o total de 13% (treze) por cento das pessoas do Acampamento Che Guevara, estão divididos entre várias denominações religiosas como: evangélicas, afro-brasileiras, espíritas, luterana dentre outras. Os fiéis participam dos seus rituais sagrados de suas determinadas crenças, em locais fora do Acampamento Che Guevara, encontra-se apenas uma igreja evangélica em funcionamento, sendo a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, localizada na Gleba III.

Fotografia 13 - Igreja Evangélica Assembléia de Deus (2022)



Fonte: ABIDIAS, M. C. S. **Igreja Evangélica Assembléia de Deus.** Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Os camponeses respeitam a cultura religiosa do outro, fortalecendo o projeto de luta pela terra:

Muitas vezes, é na cultura camponesa que se encontra alguns elementos fundamentais da sua capacidade de luta. A sua língua ou dialeto, religião, valores culturais, histórias, produções musicais, literárias e outras entram na composição das suas condições de vida e trabalho. Expressam a sua visão do mundo. Na luta pela terra pode haver conotações culturais importantes, decisivas, sem as quais seria impossível compreender a força das suas reivindicações econômicas e políticas. (CARVALHO 2004, p. 115).

Quando as famílias camponesas ocuparam a Fazenda Morimoto, se organizaram

coletivamente e construíram próximo as dependências do Acampamento Che Guevara, um campo feito de terra batida para jogar futebol e voleibol aos fins de tarde e aos sábados e domingos.

Fotografia 14 – Campo de futebol no Acampamento Che Guevara (1997)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

No ano de 1999, formaram o primeiro time de futebol para participar dos campeonatos municipais que acontece uma vez por ano. No espaço é realizado as festas nas comunidades católicas com torneios, bailes e brincadeiras. O camponês Lula do Assentamento, relata como foi importante o esporte para a construção de amizades entre os acampados e as demais pessoas do município de Alto Alegre dos Parecis:

[...] o futebol foi o que nos mostrou quem era o MST né? Para as demais comunidades vizinhas aqui do município de Alto Alegre e até mesmo fora do município né? É por que assim, quando nós formamos o time de futebol lá no Acampamento, fizemos o campo de futebol, nós quase não conseguia time pra ir jogar lá no acampamento, porque eles tinham medo, sabe? Do que a mídia dizia que o MST era o bicho papão, o bicho que ninguém conseguia conviver com eles, nós tinha a certeza que o MST era o movimento que fazia amizade, o movimento de comunidade, então assim, quando a gente convidava os times vizinhos aqui da região pra ir jogar lá no nosso campo eles tinham o maior receio né? E quero aqui agradecer, acho que o primeiro time que foi lá no nosso campo jogar futebol foi o time da 80 (região distante 25 km do Acampamento Che Guevara) ali, sabe? Foram lá os companheiros lá, e jogaram futebol, dali pra cá começou, outra hora o Juvenil ia (time de futebol da cidade de Alto Alegre), outra hora outro time ia, e a gente sempre tratou os times de futebol né? No nosso campo, tentar fazer o melhor tratamento possível sabe? Essa é a nossa ética do futebol, então o futebol levou a gente ao conhecimento, o povo conhecer quem era o Lula quem era o fulano, quem era o beltrano, como é que jogador se comportava, ou seja, o futebol ele tem um papel muito importante que é a amizade [...]. (informação verbal)³²

³² Entrevista concedida por Lula do Assentamento no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 26 de setembro de 2022.

Fotografia 15 – Campo de futebol (1999), time de futebol do (1999)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Atualmente o campo de futebol do Acampamento Che Guevara, encontram-se da seguinte maneira:

Fotografia 16 – Campo de futebol (2022)



Fonte: ABIDIAS, M. C. S. **Campo de Futebol.** Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Como falta a documentação dos lotes, as famílias camponesas não conseguem quaisquer recursos para custear as despesas do preparo do solo, as sementes, o cultivo e a colheita dos seus produtos em suas propriedades o que torna difícil a permanência das famílias na propriedade implicando na comercialização de terras dentro do Acampamento Che Guevara. Conforme o camponês Adilson Cansado, o aumento das vendas de terras no

Acampamento não interfere negativamente no número de famílias acampadas, pelo contrário, tem aumentado o número de famílias no Acampamento Che Guevara:

[...] essa questão é... existe um...uma ideia de que a mídia ela trabalha uma coisa e na verdade o que acontece é outra né? É... os meios de comunicação eles falam de vinte por cento de terras que são comercializadas e são vendidas, é...eu não vejo problemas nisso porque além de ser só vinte por cento essas terras elas são vendidas um trabalhador vende pra outro trabalhador, então quando uma família não tem condição de ficar na terra, principalmente a nossa é houve muito isso por quê? Como nós entramos pra dentro da terra só com uma mochila de roupa que é o que nós tínhamos sem ... ferramenta, sem financiamento do governo, sem apoio do governo, então as condições de trabalhar sem apoio, sem nem uma ferramenta elas... é muito difícil, algumas famílias que já tinham uma casinha na cidade ou alguma coisa vendeu e comprou um motosserra, comprou alguma coisa, comprou uma foice, um facão pra começar a trabalhar, uma enxada.... (risos) uh! As famílias que não tinham nada teve um pouco mais de dificuldade de fazer isso, e sem o apoio do governo sem financiamento por falta de documentação e de legalidade... então, é...acontece sim algumas vendas. O importante, e aí eu quero dizer o porquê os meios de comunicação, é... falha é porque eles não dizem que um trabalhador vendeu a terra pra outro trabalhador, então não é um fazendeiro que vai vim comprar terra dentro do acampamento, é um trabalhador que não tem condições de ficar e vai vender pra um outro trabalhador que necessita de produzir [...]. (informação verbal)³³

Houve sim, um aumento significativo no número de famílias, mas esse fato ocasiona a mudança estrutural no Acampamento, pois, a maioria dos compradores não tem conhecimento sobre a luta pela terra, trabalham de maneira individual, tornando-os alvos fáceis para cumprir o objetivo de produzir “muito” em pequenas quantidades de terra, por meio do uso de agrotóxicos.

Nesse sentido, uma das alternativas dos camponeses para o combate aos agrotóxicos na produção é a formação acadêmica, tendo em vista que o papel da Universidade teoricamente é combater a banalização das questões científicas, no entanto, na Matriz Curricular do curso Educação do Campo Ciências da Natureza, tem a disciplina “os agrotóxicos e o meio ambiente” que tem como objetivo desenvolver técnicas sobre “noções de segurança individual e coletiva no uso de agroquímico” que orienta o uso “consciente” de agrotóxico mostrando que os camponeses egressos além de serem atingidos pelos meios midiáticos e instituições estaduais e municipais que incentivam o uso de venenos nas lavouras encontram no curso o reforço para continuar fazendo o uso.

O camponês Ratinho, diz que, o que vários fatores influenciam os acampados nas decisões de produzir com o uso de agrotóxicos:

[...] pra trabalhar com a agricultura familiar hoje né? Marcílio, a gente tem di ter o incentivo... incentivo, o incentivo esse seria... seria da minha parte como cidadão pensar em quem? No governo do estado né, em governo federal, sem esse incentivo ah... acaba criando essa dificuldade aí é onde o agricultor foi pensar não... eu tenho que produzir, e qual a produção o meio mais rápido de produzir? É procurando o agrotóxico né? Limpar a terra pra ele, adubar né? Precisa adubo químico pra que

³³ Entrevista concedida por Adilson Cansado no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 20 de setembro de 2022.

tenha uma produção numa escala considerável pra que ele venda né? Bem pro comércio local né? Que hoje... na época quando eu era acampado, eu até esqueci de citar, pra você né? Na época de acampado, ouvia-se falar que...aí que na época de acampamento, agente teve uma parte, da terra que era liberado um alqueire pra cada requerente produzir, naquela época, ouvia-se dizer que esse acampamento era vinte por cento do PIB do município, naquela época estou falando isso a quase quinze ano atras, hoje com o assentamento né? O corte da Reforma Agrária Popular, no peito, propriamente dito, que os primeiros acampados fizeram, hoje, certeza que essa produção dobrou né? Mas dobrou porque teve o incentivo, teve o aumento exponencial em cima do agrotóxico, mais do que esse lucro esse aumento, que não tem nem um incentivo do governo pra que essas famílias trabalhem na agricultura familiar de fato [...]. (informação verbal)³⁴

O cultivo com a utilização de agrotóxico no Acampamento Che Guevara, tem aumentado conforme os dados pesquisados: 67% (sessenta e sete) por cento das famílias camponesas, plantam 50% (cinquenta) por cento com o uso de agrotóxico, que seria as plantações de café, feijão e milho, e os outros 50% (cinquenta) por cento são cultivados sem o uso de agrotóxicos, que são produtos como, hortaliças, mandioca, banana dentre outras. Já o percentual de 33% (trinta e três) por cento, trabalham com o uso de agrotóxico e sementes transgênicas no total de sua produção.

De acordo com Velho (2009, p 44), “[...] mesmo quando o camponês pode ser considerado livre no sentido de ser o dono dos seus meios de produção, na nossa perspectiva continuará subordinado [...]” eles não são livres das imposições do modo de produção capitalista, por não terem poder aquisitivo seguem os ditames do agronegócio.

Sobre a comercialização, o camponês Barros:

[...] realmente a grande realidade básica, prática, e existe o debate existe uma discussão nós começamos a ah! Comentar a agroecologia, chegamos até a trinta famílias inserida no processo agroecológico, mais aí nós chegamos num... desfecho final que não conseguimos avançar pela questão do mercado, o mercado consumidor é... até que produzir para o consumo das famílias é...é possível mais pra produzir pro mercado nós não conseguimos é ... achar é meios de colocar essa mercadoria nós produzimos na época é... nós chegamos 2009, 2010, 2012 até 2013, é... chegamos com uma excedência de produtividade né? Tanto na hortaliça, como na... outras partes, quando chegava no órgão consumidor nós não se esbarramos, por exemplo o único órgão que poderia é... escoar a nossa produtividade era as escolas através do PNAE ou PAA [...]. (informação verbal)³⁵

A divulgação da produção agroecológica comparada a produzida de maneira convencional é também escassa, as empresas que fornecem os agroquímicos investem em propagandas afirmando que os alimentos produzidos a base de agrotóxicos quando tem acompanhamento técnico não prejudicam a saúde do consumidor.

Os produtos cultivados agroecologicamente são desvalorizados, os consumidores não acreditam que são realmente cultivados sem o uso de agrotóxicos. Mas existe uma

³⁴Entrevista concedida por Ratinho no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 26 de setembro de 2022.

³⁵Entrevista concedida por Barros no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

certificação que segundo o camponês Barros:

[...] as famílias precisavam de uma certificação, e não conseguia simplesmente com aquele, aquela prática que nós tínhamos, sabia que era produto orgânico sem veneno, mas precisava de uma certificadora, ah!... O estado não poderia adquirir nossos produtos como orgânico se não tivesse o processo de certificação e não passasse em toda essa, essa burocracia, então aquilo foi desanimando foi dando um desestímulo né? Produzir sem agrotóxico, sem veneno pra vender a mesmo preço do convencional não era viável, e muita vez as pessoas valorizava mais o convencional do que o próprio produto orgânico, por falta do trabalho de conscientização da sociedade consumidora, que não valorizava nosso produto, nós chegamos ter na feira aproximadamente mais de quinze famílias fazendo a feira em Alto Alegre, nós conseguimos através da Fundação do Banco Brasil é... cinco barraca pra colocar na feira, então mas quando essa família ia pra feira com seus produtos é... orgânico sem veneno a produção a população consumidora ia na barraca do convencional enchia a sua sacola e deixava o nosso, então você perdia o tempo em ir pra feira pra vender seu produto não tinha consumidor[...]. (informação verbal)³⁶

Diante desse cenário político, a produção agroecológica não é valorizada, ao contrário do que acontece com a produção do agronegócio, por se tratar de interesses do grande capital os investimentos, segundo Carneiro (2021, p.187) é “[...] um pacto político-econômico em que predominam os interesses da bancada ruralista, entre os quais a liberalização no trato da questão do uso de agrotóxicos [...]” Carneiro (2021, p. 187) enfatiza que esse apoio envolve os três poderes, “ [...] Legislativo (mais de quarenta projetos de lei nessa direção), do Executivo (pressões sobre órgãos reguladores como a Anvisa), do Judiciário (impunidade nas mortes no campo) [...],” “[...] (mais de 95% dos recursos da Embrapa estão voltados para o agronegócio) e da mídia (o agronegócio possui até canais de televisão).”

A agroecologia é controlada pelas instituições do Estado, que estão a serviço do capital, defendendo o agronegócio definindo-se como o braço do capitalismo no Campo. A produção agroecológica não se resume na produção sem o uso de agroquímicos:

A agroecologia não está restrita aos aspectos técnicos da produção e da conservação ambiental. Como movimento social de abrangência nacional, a construção prática e conceitual desse enfoque tem se mostrado essencial no debate sobre os rumos do desenvolvimento rural, e demonstrado seu potencial para contribuir para que a agricultura cumpra múltiplas funções para a sociedade, entre as quais a produção de alimentos saudáveis; a superação da pobreza rural; a emancipação das mulheres; o estímulo ao protagonismo da juventude; a promoção de maiores níveis de segurança alimentar e nutricional e da saúde da população; a conservação e a não contaminação da terra, da água e da biodiversidade; a conservação de paisagens rurais; a dinamização de mercados locais; a geração de trabalho digno no meio rural e a valorização das culturas e conhecimentos locais. (CARNEIRO, 2021, p. 511).

As famílias do Acampamento Che Guevara, criaram no dia 10 de fevereiro de 2006 a Associação Regional de Cooperação e Agricultura (ARCA), atualmente com sede na Gleba I:

[...] quando a ARCA foi fundada nós tava acampado né? Eee... aí sentiu-se o desejo de formar-se uma associação, aí buscamos o pessoal dos, dos, da direção estadual pra nos ajudar né? E a gente teve uma grande discussão nós temos em ata, aí uma grande discussão, inclusive nossos amigos, saudoso Guerreiro (companheiro de

³⁶ Entrevista concedida por Barros no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

acampamento), que Deus o tenha, que foi uma das pessoas que puxou esta discussão e colocou o peito na frente né? E aí formamos uma diretoria, e... aí eu fiquei, fui votado como o primeiro presidente da ARCA né? Aí ficou eu lembro que era eu, o Jiboia, Jaelson, o Eldo, o Darlí cunhado do Guerreiro, fazia parte da, da direção isso quase todo o acampamento tava envolvido na associação [...]. (informação verbal)³⁷

Fotografia 17 – Ata de Fundação da Associação Regional de Cooperação Agricultura (ARCA)

Ata da Associação Regional de Cooperação Agricultura - ARCA
 Assembleia Geral de Constituinte e Aprovação do Estatuto
 05.06.2006 2

No dia dez, do mês de Fevereiro de dois mil e seis, às oito horas da manhã, no Barracão de Assembleia do Acampamento Che Guevara, localizada as margens do Alto Alegre dos Parecis, Linha P-34, reuniram-se pessoas a fim de constituir uma Associação que tem como finalidade entre outras, habilitar a cooperação agrícola na regional, estimulando o desenvolvimento agrícola comunitário e social e de tecnologia sustentável Alternativa Agroecológica e Agroflorestal, bem como o progresso econômico e cultural das comunidades vinculadas, estimulando o desenvolvimento na forma de cooperação, no habitat e na produção. A assembleia então discutiu o seguinte: Fundação da Associação, bem como aprovação do estatuto, eleição e posse do Diretor e Líder de atuação, entre outros pontos de interesse da categoria. Para coordenar o trabalho, foi eleito o SenhorIVALDO VALENTIM e para auxiliar o Senhor EDSON PEREIRA de Souza. O SenhorIVALDO explicou a finalidade da Associação para interesse e o que da vida. Primeiro agradeceu a presença de todos e todos, por ajudar a fazer parte deste projeto que é de promover e fazer funcionar uma Associação que vai atender ao interesse da comunidade, desde vive os integrantes presentes, continua explicando que para ser formalizado a Associação a mesma precisa de um estatuto que para o documento que vai definir as regras de funcionamento, e que foi preparado um, no qual ele procederá a leitura do referido, onde todos foram ouvidos imediatamente. Diante a leitura o SenhorIVALDO disse que a Associação vai funcionar com alguns pilares: Educação, Cultura, Esportes e Interação comunitária e social que vão atender as necessidades, desde que a comunidade e atender as

³⁷ Entrevista concedida por Maxixe no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 01 de outubro de 2022.

Fotografia 18 – Barracão de assembleia do Acampamento Che Guevara (2000)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Com o passar do tempo, as famílias acampadas foram conquistando através da ARCA, por meio de projetos e Emendas Parlamentares, implementos agrícolas, como a aquisição no corrente ano (2022), de duas estufas metálicas fixas para secagem de café 30.000 L:

Fotografia 19 – Comunicado de recebimento de recurso – ARCA (2022)



Fonte: <https://www.altoalegredoparecis.ro.leg.br/institucional/noticias>. Acesso 17/10/2022.

Atualmente, a ARCA tem uma estrutura formada por um barracão, uma máquina de

beneficiar café, dois tratores com bomba (pulverizador) acoplada para aplicar veneno nas lavouras e duas estufas metálicas que são utilizadas para secagem de café.

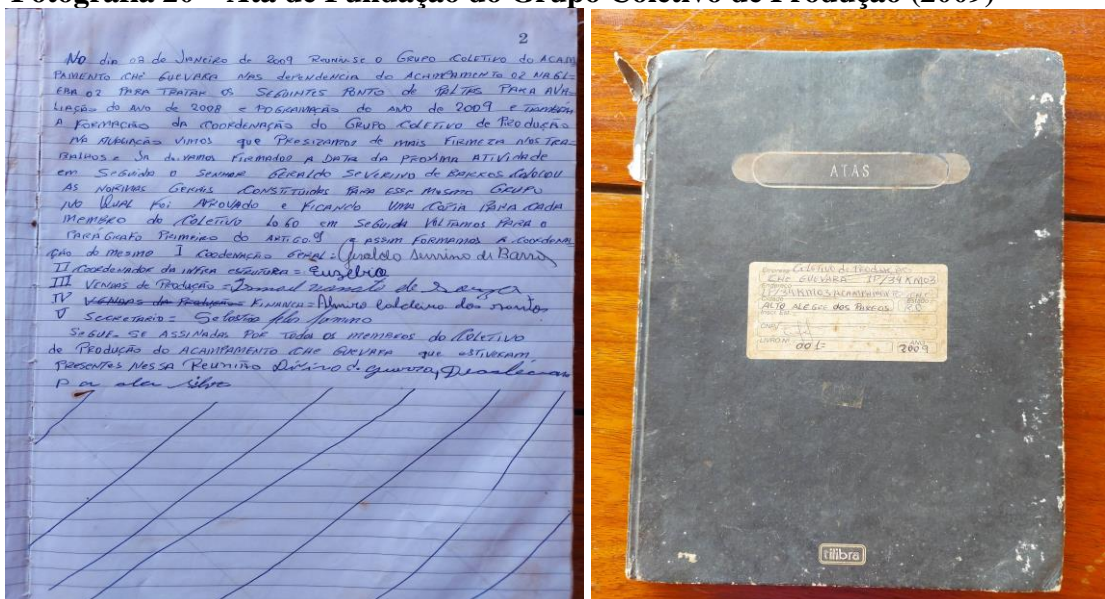
Fotografia 20 - Associação Regional de Cooperação Agricultura -ARCA (2022)



Fonte: ABIDIAS, M. C. S. Fotografia da ARCA. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Com a consolidação da ARCA, um grupo de camponeses decidiram no início de 2009, após vários debates e reuniões formarem o Grupo Coletivo de Produção, que tinha como objetivo trabalhar coletivamente na produção e comercialização de derivados de cana como rapadura, melação e açúcar mascavo de maneira agroecológica.

Fotografia 20 – Ata de Fundação do Grupo Coletivo de Produção (2009)



Fonte: Ata extraída dos arquivos do Acampamento Che Guevara . Alto Alegre dos Parecis, 2022

Após a aprovação em assembleia do Grupo Coletivo de Produção, as famílias

camponesas iniciaram as atividades coletivas no preparo da terra para o cultivo da cana de açúcar:

Fotografia 21 - Trabalho coletivo no preparo da terra para a plantação de cana (2009)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

O trabalho para extrair os derivados de cana de açúcar como melaço, rapadura, e açúcar mascavo, tiveram início utilizando equipamentos simples, como fogão feito de barro e tijolos, adaptados para serem colocados as vasilhas de alumínio embaixo de coberturas dos barracos improvisados. E nessas condições os camponeses do Grupo Coletivo de Produção deram início à produção de derivados de cana de açúcar totalmente livres de qualquer tipo de agrotóxico.

Fotografia 22 - Produção de açúcar mascavo (2009)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

A participação das camponesas na construção do Grupo Coletivo de Produção desde a formação foi importante para o cultivo de variedades de produtos como hortaliça, por meio do projeto de plantação da Horta Mandala. a Camponesa dona Marilde afirma:

[...] as mulheres tinham um coletivo delas se reunir, discutir o que elas achavam que era importante e que não achavam né? Mas assim, trabalho depois que nós voltamos pra área, a gente tentou vários trabalhos, agente plantou mandioca não deu certo de ir pra frente, aí depois reuniu fazer pintura [...] aí as mulheres começou a fazer guardanapinho e vendia pros parentes quando saía para tirar os dias, aí agora organizar as mulher mesmo tá sendo agora, é por que é difícil mulher no acampamento [...] aí depois agora que ficou bom, já está fazendo 5 a 6 anos que elas estão se reunindo, é e fazendo , faz camisetas [...]. Na época, nós se organizamos e veio da Diocese que veio aí fazer uns cursos com nós o irmão do Bandeirinha (camponês acampado), o Chicão, aí ele veio e fizeram umas reuniões foi aonde surgiu a associação né? Trouxe uns projetos pra nós a gente fizemos a associação fizemos também uma Horta Mandala, um projeto da Horta Mandala, aí a gente fez o projeto, [...]. (informação verbal)³⁹

Fotografia 23 – Horta Mandala (2015) - Confraternização das mulheres (2019)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Na medida em que avançou a produção coletiva organizada pelos camponeses que faziam parte do Grupo Coletivo de Produção, foram conquistando de maneira gradativa, por meio de projetos desenvolvidos junto a SEMAGRI, por meio da prefeitura municipal recursos para ampliar as estruturas física do Grupo Coletivo de Produção.

No ano 2017, foi inaugurada a sede da Agroindústria Caldeira, e aumentou a produção de derivados de cana e comercialização na cidade de Alto Alegre dos Parecis.

³⁹ Entrevista concedida por Marilde no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

Fotografia 24 - Agroindústria Caldeira – AC (2017)



Fonte: ABIDIAS, M. C. S. **Agroindústria Caldeira.** Alto Alegre dos Parecis, 2022.

A Agroindústria Caldeira caracterizou-se como uma conquista dos acampados, um dos instrumentos políticos de resistência, construído pelas famílias camponesas, para ser uma ferramenta estratégica para rebater as propagandas difundidas dentro do Acampamento Che Guevara, por grupos representantes do agronegócio, que são bancados por donos de agropecuárias, vendedores de sementes transgênicas, de herbicidas, inseticidas dentre outros, com o objetivo de defender o aumento da produção e manter os altos lucros, sem a preocupação com a qualidade dos produtos que serão consumidos pela população.

Esse projeto voltado para a agricultura de subsistência, de acordo com Altieri (2004, p. 81-82) “[...] encontra-se ancorada na manutenção da produtividade e lucratividade das unidades de produção agrícola, minimizando, ao mesmo tempo, impactos ambientais [...],” é importante destacar que para esse projeto ter êxito é necessário a busca por implantação de políticas públicas por meio da pressão popular, que devem estar voltadas para esta finalidade.

A produção baseada na agricultura sustentável segue critérios, conforme Altieri (2004, p.82) a “[...] atividade econômica deve suprir as necessidades presentes, sem restringir as opções futuras. Em outras palavras, os recursos necessários para o futuro não devem ser esgotados para satisfazer o consumo de hoje [...],” tendo como meta respeitar e fortalecer a política em defesa do meio ambiente.

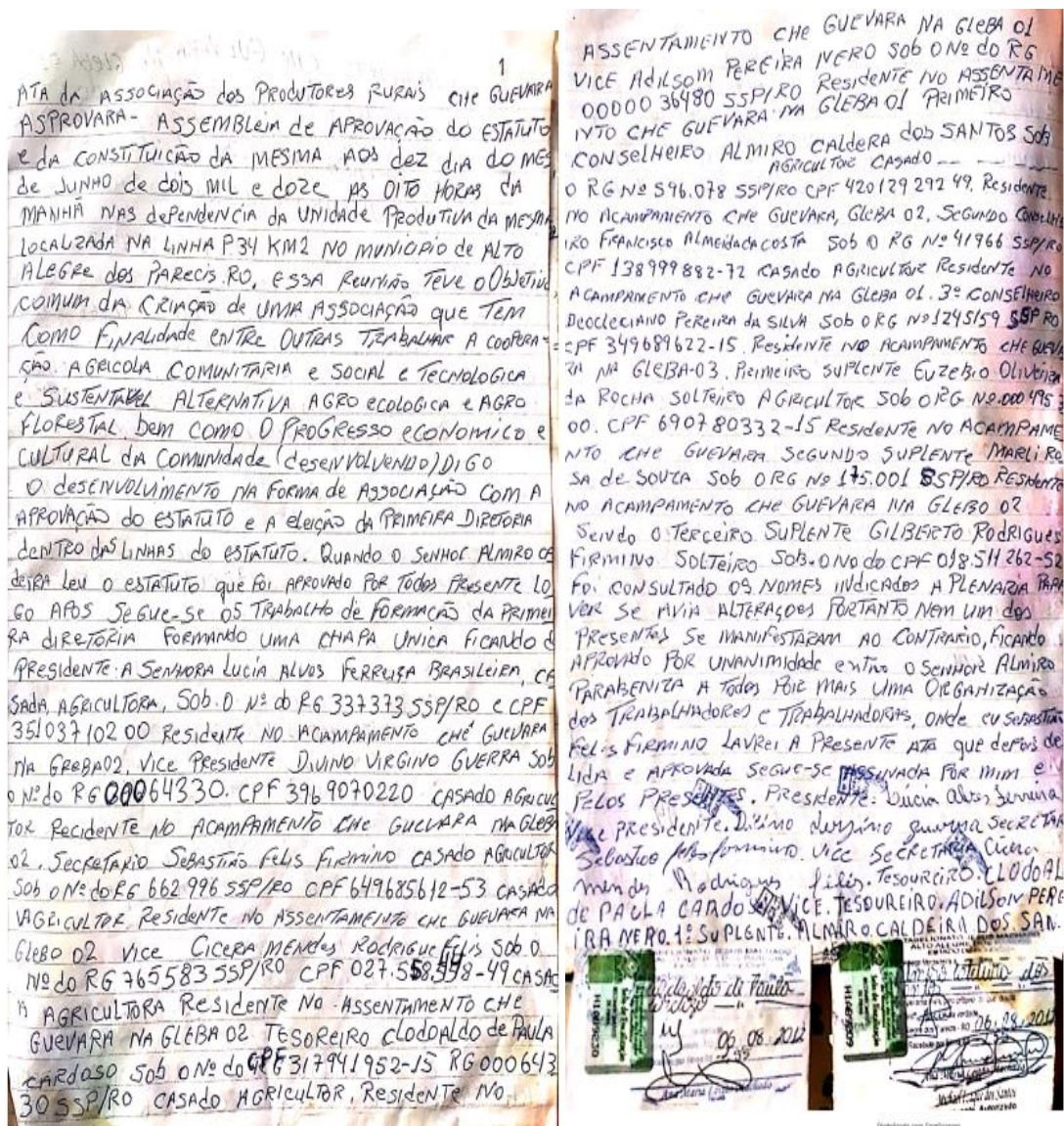
A proposta das famílias faz parte do Grupo Coletivo de Produção, de criarem mais uma associação para comercializarem derivados da cana:

[...] um grupo de pessoas achou que deveria formar um Grupo Coletivo pra fazer uma roça pra um grupo trabalhar né? E tinha pessoas da ARCA [...], aquele Grupo Coletivo foi trabalhando inclusive tinha o Guerreiro como sempre tava junto com a gente ali trabalhando no Coletivo, o Dió, o Almiro,

peças também você conhece o Almiro, o Dió, o Barros também, a Marli, a Cícera, a Lúcia, o Divino, não dá para falar o nome de todo mundo, mais é... inúmeras pessoas, eu acho que formou com quase trinta pessoas o Coletivo, aí formamos o Coletivo pra trabalhar com derivados de cana, eu acho que cê lembra quando a gente fazia rapadura, melado e aí começamos pegar gosto pelas coisas e a organização ajudando inclusive a CPT né? Que ajudou muito a gente vivia ali ajudando a gente, trouxe um engenho pra gente e a gente continuou aquele quando... aí resolveu se formar uma associação, como já tinha uma associação tava superlotada e devido as discussões que tinha vamos montar uma associação pra o Coletivo e nem todo mundo daaa, ARCA faziam parte do Coletivo né? aí formamos a ASPROVARA, no qual eu fui o primeiro presidente eleito pelos membros do Coletivo e agente deu continuidade na ASPROVARA que está até hoje [...]. (informação verbal)⁴⁰

Reunidos em Assembléia no dia 10 de junho de 2012, o Grupo Coletivo de Produção, optaram pela fundação da Associação dos Produtores Rurais Che Guevara (ASPROVARA).

Fotografia 25 – Ata de Fundação ASPROVARA (2009)



Fonte: Ata extraída dos arquivos do Acampamento Che Guevara. Alto Alegre dos Parecís, 2022

⁴⁰ Entrevista concedida por, Maxixe no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecís no dia 01 de outubro de 2022.

No ano 2014, foi construída o primeiro barracão da ASPROVARA, uma construção coberta com Eternit e cercada por tabuas e adquiriram uma máquina de beneficiar café (pilar café) que foi instalada na sede da associação, no mesmo espaço em que eram realizadas as reuniões e assembleias, que era localizada na Linha P-34 Km 3,5, município de Alto Alegre dos Parecis- RO.

Fotografia 26 – Sede da ASPROVARA (2014)



Fonte: ABIDIAS, M. C. S. **ASPROVARA**. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Atualmente, a Associação dos Produtores Rurais Che Guevara (ASPROVARA), muda-se para o endereço na Gleba II, formada por um barracão, um secador elétrico, e uma máquina para beneficiar (limpar, pilar) café.

Fotografia 27 – Sede da ASPROVARA (2022)



Fonte: ABIDIAS, M. C. S. **ASPROVARA**. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

As associações, são ferramentas nas mãos dos camponeses que por meio delas é

possível requerer benefícios para investirem nas lavouras. Segundo o SENAR, geralmente:

[...] o que motiva as pessoas a criar uma associação é o fato de perceberem que sozinhas teriam mais dificuldades em alcançar alguns objetivos. Prosperar, melhorar de vida, realizar empreendimentos, tudo isto é facilitado quando nós nos ajudamos mutuamente. [...] A decisão do produtor rural, do trabalhador rural e de suas famílias, de participar de uma associação representa, antes de mais nada, uma escolha consciente de buscar caminhos próprios que atendam suas necessidades, interesses e objetivos comuns. (SENAR, 2011, p. 8).

O SENAR, está de acordo com as normas imposta pelo agronegócio, que é alterar o conceito de campesinato para produtor rural. O exemplo está no Acampamento Che Guevara, que antes da criação das associações ARCA e ASPROVARA, não era possível conseguir qualquer tipo de investimentos para a produção, esbarravam na burocracia e as famílias não conseguiam acessar qualquer tipo de recursos financeiros, mesmo que fosse para custeio da produção diversificada.

As associações do Acampamento são organizações que buscam investimentos para o incentivo da monocultura de café clonal, de feijão e milho transgênicos, com o uso de agroquímicos. Com essas associações abrem-se as linhas de créditos para custeio e passam a receber apoio da Assembleia Legislativa do Estado de Rondônia, representado por parlamentares, inclusive de extrema direita, defensores do agronegócio.

O camponês Barros fala sobre o histórico das associações, ARCA e ASPROVARA,

[...] na verdade, a nossa associação ela tem até um nome, mais só o nome né? Associação de Cooperação Agrícola com Ênfase na Agroecologia, quando nós a construímos, foi lá em 2007, 2006 eu cheguei, 2007, a construção da ARCA, depois agora ah... a ASPROVARA é recente, ASPROVARA ela, ela nasceu em 2014 pra cá 2015, ih... mais sim elas simplesmente contribuem com a... existência daa influência do Estado né? O incentivo, a... ARCA memo agora parou, mas sempre tava, no início fomentou a venda de agrotóxico, a ARCA inclusive tem uma bomba de passar veneno, extensivo é... e tem é alguns, alguns projetos, agora tem dois secador veio pelo Estado, influência do Estado, atua mais na área da secagem do café, é uma associações como as outras, que existe por aí, não tem diferença nenhuma, não tem é..., a única coisa diferenciada que a ARCA tem é a distribuição de alimentos com a parceria com a Conab, parecido assim como PAA, ela tem esses, nesses trabalhos né? Fez parceria já coordenou dois programas, dois projetos, um na Conab e pega o alimento da agricultura familiar passa pela ARCA e distribui pá...pás famílias na cidade. É... é um ponto positivo, mas aí só fica só nisso não tem uma política diferenciada di...di cooperativismo di coletiva, mais essa situação e a ASPROVARA na secagem de café em si, e é tem participando dos projetos sociais via projeto Padre Ezequiel que é a distribuição de cestas básica para as famílias então os programas sociais diferenciado junta mais porque ela está dentro duma meta de um Assentamento, de um Acampamento né? Tem essas, mas não é diferente das outras não, o processo de eleição é mesma parecido, não tem informação nenhuma pro produtor, não tem não existe, pra ter um conhecimento, agregar um conhecimento na produtividade de café, na produtividade de cacau, na produtividade de leite, simplesmente é um mecanismo que existe pra atender o mercado logística real que existe aí não tem diferença nenhuma [...]. (informação verbal)⁴¹

⁴¹ Entrevista concedida por Barros no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

Como apresentado na entrevista do camponês Barros, as associações rurais do Acampamento têm como objetivo produzir de acordo com o sistema, e ao agir dessa maneira se distancia do projeto de produção agroecológica que está sufocada pelas políticas da classe dominante, o reflexo dessa mudança aparece na redução do número de famílias do Grupo Coletivo de Produção da Agroindústria Cadeira.

O deputado estadual Elcirone Moreira Deiró, filiado ao Partido União Brasil, já pensando na reeleição, destinou recursos por meio de Emenda Parlamentar no mandato de 2018 a 2022, para compra de implementos agrícolas, atendendo dois projetos: um particular, utilizando cartazes com fotos nos próprios implementos adquiridos com as Emendas Parlamentares, afixadas no barracão da ASPROVARA para garantir a reeleição, e o outro, persuadir as famílias camponesas a abandonarem as suas origens, substituindo a agroecologia pelas práticas do agronegócio.

Fotografia 28 - Associação dos Produtores Rurais Che Guevara (ASPROVARA)



Fonte: ABIDIAS, M. C. S. ASPROVARA. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

Conforme a foto acima, esse mecanismo de divulgação (banner com foto), utilizado nas dependências da ASPROVARA não é algo isolado, faz parte de um conjunto de instrumentos da burguesia empregados para defender os interesses do agronegócio, que tem como política o fortalecimento da monocultura, o uso de agroquímicos, divulgando uma imagem de progresso, causando para as famílias que defendem a produção sustentável, uma sensação de atraso.

Atualmente, a produção do Acampamento Che Guevara, na diversificação de produtos, permanece sob a política do campesinato, mas qualitativamente predomina a política do agronegócio que é monocultura com o uso de agrotóxicos.

A comercialização da produção do Acampamento, é feita da seguinte maneira: 87% (oitenta e sete) por cento nas cerealistas, na feira livre, no Programa de Aquisição a Alimentação (PAA) e nos mercados da cidade de Alto Alegre dos Parecis, 13% (treze) por cento vendem parte da produção no comércio local e partes nos municípios vizinhos: Cacoal, Nova Brasilândia e São Miguel do Guaporé.

Fotografia 29 – Vendas de produtos na feira livre de Alto Alegre dos Parecis (2014)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

A feira livre, faz parte do projeto de resistência, pensada, segundo Lucena (2016, p.56), “[...] como formas extraoficiais e abertas de comercialização de produtos diversos contêm traços de universalidade, pois sua presença é um mister em todas as sociedades humanas [...],” “[...] pela diversidade, porque cada cultura lança mão de estratégias diferenciadas acerca do modo de organizá-las e geri-las [...].” Os produtos que são entregues pelas famílias camponesas ao PAA, são, milho, feijão, hortaliças, mandioca, banana e derivados de cana como, melação, açúcar mascavo e rapadura.

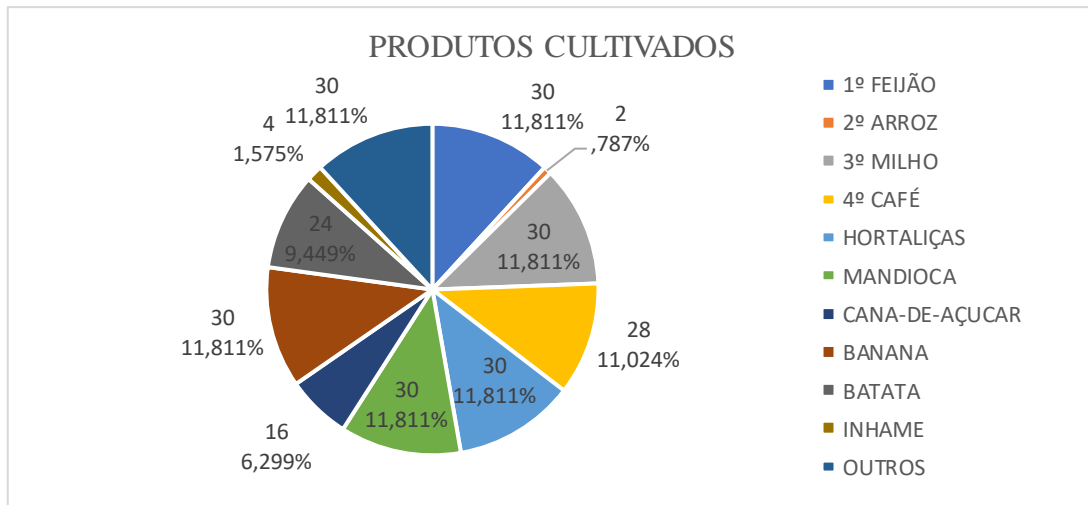
O acesso a água em cada propriedade do Acampamento Che Guevara, 88% (oitenta e oito) por cento da água utilizada nas propriedades são de poços comuns e nascentes dentro da própria propriedade, 12% (doze) por cento de água de rios e represas que são utilizadas para criação de peixes e irrigações das lavouras de café, das hortaliças, o abastecimento de água para o uso doméstico, criações de porcos, galinhas, patos e gado de leite.

A produção diversificada com lavouras perenes⁴², no caso café, que parte dos camponeses beneficiam de maneira artesanal na própria propriedade, e plantas temporárias como: hortaliças, feijão, milho, arroz, amendoim, bananas, dentre outras, que são para a

⁴² Perene significa permanente, contínuo, incessante. No caso das plantas, é a designação utilizada para aquelas que apresentam um ciclo de vida longo, que tem uma durabilidade acima de dois anos.

subsistência da família e comercialização do excedente.

Gráfico 2 – Produtos Cultivados

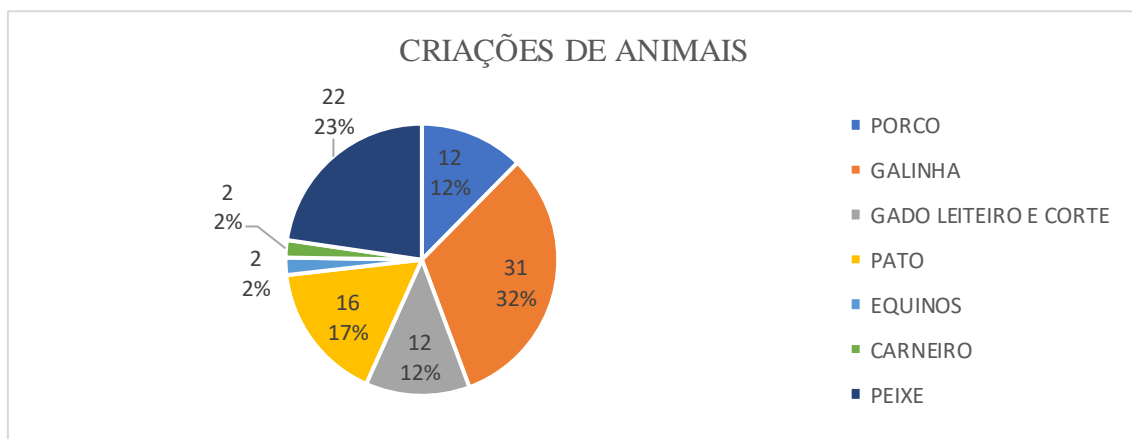


Fonte: ABIDIAS, M. A. **Produtos cultivados**. Rolim de Moura, 2022.

O item “outros” é composto por fruteiras, como: laranja, poncã, mexerica, jaboticaba, jambo, biribá, pupunha, manga, jaca que são utilizados apenas para o consumo interno das famílias e para alimentar criações de porcos, galinhas, peixes e patos.

As sementes para o plantio, são: 60% (sessenta) por cento é armazenado pelo próprio camponês, 33% (trinta e três) por cento compra nas agropecuárias e 7% (sete) por cento adquirir as sementes que são fornecidas pelas associações, Associação Regional de Cooperação Agricultura (ARCA) e Associação dos Produtores Rurais Che Guevara (ASPROVARA), em parceria com a Secretaria Municipal de Agricultura- SEMAGRI de Alto Alegre dos Parecis. Já a criação de animais, o maior percentual da produção é destinado ao consumo das famílias acampadas, os alimentos para alimentar os animais são produzidos na própria propriedade, como: milho, mandioca, abóbora, mamão e frutas.

Gráfico 3 – Criações de Animais



Fonte: ABIDIAS, M. A. **Criações de animais**. Rolim de Moura, 2022.

Na produção de animais, destaca-se a importância da criação de galinhas em torno das

casas, Sales (2005, p. 59) afirma que a associação “[...] entre galinhas, árvores, cultivos de hortaliças semi-selvagens e forragens, o que este autor chama de “pomar tridimensional”, serve para exemplificar a aplicação dos princípios do nada fazer, em que os trabalhos de arar e fertilizar solo, “controlar” insetos e “ervas daninhas” [...],” a criação de galinhas se destaca no acampamento, alguns criam em cativeiro, e outros criam soltas em volta da casa.

Fotografia 30 – Criação de gado de leite e porco caipira (2014)



Fonte: Arquivo do Acampamento Che Guevara e MST. Alto Alegre dos Parecis, 2022.

3.1 Da Cinza, da Garapa, do Frango na Panela, do Biofertilizante: ciências da natureza

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é ciência sem fazer uma ponderação sobre o próprio ser humano, é necessário fazer um estudo filosófico-antropológico, sobre o pensar sobre nós mesmos para encontrar, na natureza do ser humano algo que possa constituir o núcleo fundamental no qual se sustente o processo de construção de ciências (FREIRE, 2013).

O ser humano, historicamente sempre se preocupou em aprimorar as técnicas por meio das experiências adquiridas durante a sua existência, em busca de aperfeiçoar ferramentas para uma transformação no ambiente em que vive e retira o próprio sustento. Ao se falar sobre conhecimentos que margeiam o saber fazer, definido por Nascibem (2022, p.29), como conhecimentos “[...] que as pessoas possuem acumulados durante sua vida e servem para explicar e compreender aquilo que as cercam [...],” é importante lembrar que esse conhecimento deve ser preservado por meio de trabalhos desenvolvidos no caso do Acampamento Che Guevara, junto aos camponeses acampados, que servirão para esclarecer o risco de cair no esquecimento algo vital na preservação da história humana.

Segundo Zanotto (2015, p. 26), “[...] toda a riqueza implícita nos saberes populares,

entretanto, pode perder-se ao longo do tempo, sendo relevante fazer seu registro, como forma de preservar o patrimônio sociocultural de um povo, em determinado espaço e época [...],”.

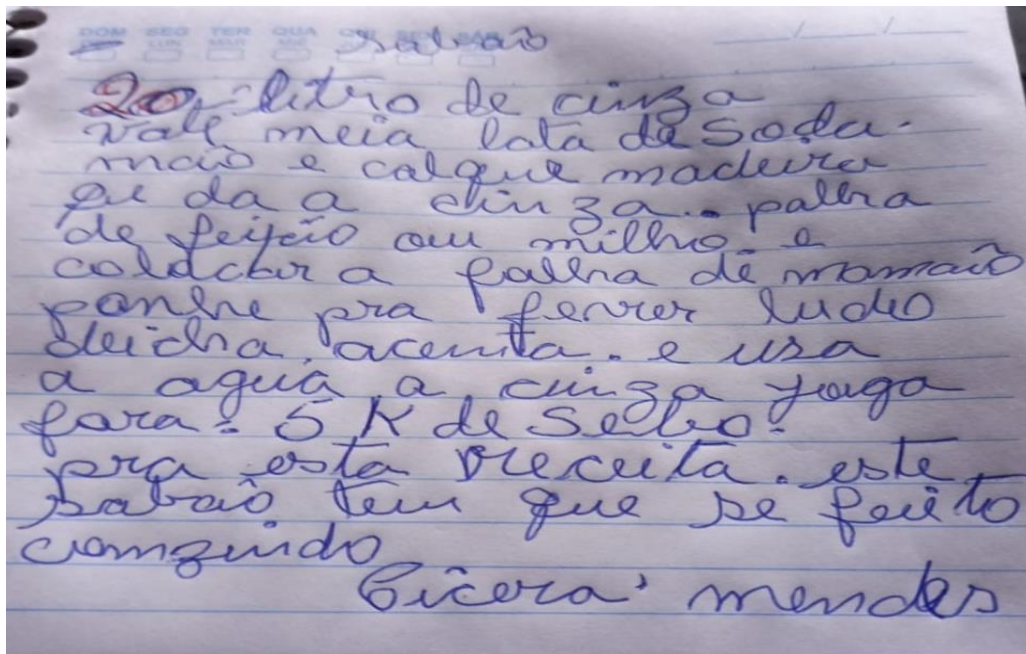
Todavia, reconhecer e registrar os saberes populares é um desafio, interpretado como uma ameaça à classe dominante, que ignora todo o conhecimento tradicional que utiliza métodos dos saberes e da cultura popular.

Existe uma valorização do saber científico pela classe dominante apoiada pelas estruturas do Estado que de acordo com Nascibem (2022, p.23) “[...] por uma comunidade que valida as teorias, possui uma linguagem própria, tem métodos para sistematizar seus conhecimentos, é cética, pois sempre tenderá a duvidar de “verdades” [...]” Esse método utilizado pela classe dominante como algo superior, na tentativa de menosprezar os saberes populares, são ignorados, mas são originados do saber popular.

A partir das entrevistas realizadas com camponeses residentes no Acampamento Che Guevara, compreende-se como iniciou o aprendizado e desenvolvimento de habilidades, por meio de práticas adquiridas e conhecimentos passados de uma geração para outra.

No primeiro momento, entrevistamos a camponesa Cícera, que explicou como apreendeu a fabricar Sabão de Cinzas, ou popularmente conhecido como Sabão de Diquada⁴³:

Fotografia 31 – Receita de Sabão de Diquada (2022)



Fonte: MENDES, C. **Receita de sabão de diquada.** Alto Alegre dos Parecis - RO, 2022.

[...] na minha juventude desde a idade de 12 (doze) anos pra cá, eu comecei mexer

⁴³ No Brasil, Diquada é um composto obtido pela filtragem de cinzas. Enche-se com cinzas uma lata de 18 litros e fazem-se alguns furos no fundo com um prego por onde a água possa escoar dentro de outro vasilhame coletor, aos poucos a água entra em cima em dissolve os compostos químicos contidos na cinza, o resultado é um líquido da cor de café coado, de sabor ácido semelhante à soda cáustica (hidróxido de cálcio), cuja utilidade é na fabricação de sabão caseiro substituindo a soda cáustica.

com fazer sabão né? E... a gente era muito pobre não tinha condições de comprar soda, aí nós fazia da diquada da ... dá cinza, minha finada mãe ela pnhava pra curtir vinte litro di ... di... cinza dava duzentos cinquenta grama de... de soda, maior parte da...dá...soda mesmo que é a diquada dá mesmo firme, é...a palha do feijão e o sabugo também dá muito, dá muita coisa, dá ... a diquada muito boa , e a gente fazia e muita vez que, a gente temperava com mamão verde, ralava colocava dentro i... a folha também ajudava muito, pra fazer o sabão[...]. (informação verbal)⁴⁴

A fabricação do sabão de cinzas, ultrapassa milênios com início através de conhecimentos de pessoas do campo que segundo Fogaça (2022) a fabricação dos primeiros “[...] sabões eram misturas de gorduras de animais (sebo), como o material graxo, com as cinzas de madeiras, que possuem substâncias alcalinas. Se não houvesse cinzas, evaporavam-se as águas de rios que costumavam ser alcalinas, como as águas do rio Nilo, no Egito [...]”.

As descobertas como a fabricação do sabão à base de cinzas pelos ancestrais dos saberes populares, transcorreram um período da história da humanidade e foi apropriado pela classe dominante, segundo Fogaça (2022), “[...] a produção do sabão foi se desenvolvendo cada vez mais e ele passou a ser considerado um artigo de luxo nos séculos XV e XVI. Ele era produzido principalmente na França e na Itália [...]” Após ser transformado em artigo de luxo, foi patentado pela classe dominante, ignorando toda a trajetória histórica de como era fabricado pelos camponeses o produto que atualmente é reconhecido pela população mundial.

Um modelo global, definido como a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas normas metodológicas. (SANTOS, 2008).

A seguir a camponesa Cícera relata como aprendeu o processo de extração dos derivados de cana:

[...] o processo da rapadura é... colocar a... garapa pra ferver e mexer né? E mexendo, mexendo i... é 20% (vinte) por cento em um taxa de [...] 600 (seiscentos) litros nós pnhava 30 (trinta) quilo de qualquer coisa, o jaracatiá, o amendoim, e o... mamão, i... cheguei fazer do leite e do feijão também cozido, feijão cozido também dá uma rapadura muito boa[...], olha um dia aconteceu, uma vez só eu fiz o açúcar branco, um dia eu levantei de manhã [...] e falei pra minha mãe, mãe eu vou cortar uma cana pra fazer um melado, e no intervalo que eu fui pegar o..., a gente tinha um burro pra tocar o engenho, o burro escapou, e eu não consegui pegar, i eu fui lá na casa da mãe e falei, mãe o burro escapou, vamos lá que eu vou puxar o engenho, aí a minha mãe falou você é doida, e aquilo ela pnhava 2 (duas) cana, e era 6 (seis) cana pra puxar com o burro, i ela pnhava 2 (duas) cana e eu saia correndo com o engenho rodando, rodando, aí levantava a perna o engenho me levava, e aquilo foi uma festa, ai eu consegui moer a cana i ela foi cuidar do serviço e eu coloquei a garapa pra ferver, pra fazer quando ela chegou lá ela falou assim, filha aqui não vai dar nem rapadura nem melado, mais, colocou num saco de estopa, colocou outro saco por cima, colocou bastante areia molhada, buscou numa mina(nascente), colocou areia molhada, no outro dia agente foi ver deu 11 (onze) quilos de açúcar, só que depois eu não fiz mais, num alembro mais o ponto, mais

⁴⁴ Entrevista concedida por Cícera no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 03 de outubro de 2022.

deu 11 (onze) quilos de açúcar branco [...]. (informação verbal)⁴⁵

O desenvolvimento de técnicas, que não passaram pelo crivo da pesquisa acadêmica, evidencia a importância para a sobrevivência dos camponeses pobres, que buscam ao longo da sua existência, a construção de mecanismos para transformar a matéria prima para o próprio sustento. A camponesa Cleonice acampada a aproximadamente 16 (dezesseis) anos no Acampamento Che Guevara, explica as técnicas utilizadas para depenar galinhas após o abate:

[...] esquentar a água e ponha dentro e... (risos) amolece as penas (risos), é simples né? Sempre eu oh... que já fiz abati bastante pra o comércio, pra vender na rua, a gente esquenta a água e ponha a galinha dentro, não pode ponhar nem muito quente se a galinha, se for um frango novo aí cê não pode ferver a água né? Porque senão arranca o couro, aí se for, uma galinha, um frango mais velhos, aí cê deixa a água ferver e não deixa muito tempo né? Molhou a questão de molhou e já tirou prá não arrancar o couro [...]. (informação verbal)⁴⁶

No decorrer da entrevista vai aparecendo os “segredos,” da temperatura da água para não danificar a pele da galinha, pois, inviabiliza a comercialização.

A produção de biofertilizante, segundo Mendes (2021, p. 21) “[...] são fertilizantes naturais produzidos através da presença de microrganismos, que realizam a fermentação anaeróbica dos compostos orgânicos [...],” o camponês Barros relata que a fabricação de biofertilizante é feito com ingredientes retirado do próprio ambiente:

[...] na verdade aprendemos muito a produzir o biofertilizante, buscando alguma orientação do passado, saber sempre existiu né? São... técnicas milenares, na época da agricultura, era agricultura é... como se diz, natural, não existia nem... um ... produto químico, então utilizava muito isso, hoje, já foi se perdendo né? Mais aí tem umas...técnicas de biofertilizante e adubo natural, é tanto prá corrigi o solo e tem os fertilizantes né? Um produto que... a gente tem utilizado pouco aqui, não tem utilizado praticamente nada aqui ultimamente né? Mas existe, a gente tem, consegue fazer, já fiz, já fiz muito, hoje já não faço mais, pela questão do tempo é... mas eles são muito eficazes é difícil é, nós somos num solo, num ambiente polarizado de fungos, de vírus de bactérias, de inseto que favorece essa conjuntura aí, nesse mundo, hoje que tá vivendo nesse século XXI, e... mais se utilizar e insistir eles ... têm eficácia praticamente que no nosso quintal a gente tem utilizado muito, só quando tem um ataque mesmo radical. [...] o biofertilizante tem feito ele... tem várias técnicas de fazer né? Faz ele com o esterco de gado, esterco com cinza de fogão, é... usa o melado de cana ou açúcar mascavo, é... há algumas ervas que a gente tem chama ervas algumas plantas naturais, pode tar utilizando é, várias espécies não só uma, você pode ta colocando é... várias espécies como, a... u....fala o elemento principalmente essas plantas que emite cheiro, erva cidreira uma, a citronela é outra é... á... tem várias plantas a mamona pode também picar e colocar no biofertilizante, o leite de vaca são elementos que se faz o próprio superamargo que é um fertilizante que utiliza pra cobertura e correção e aí tem os fertilizantes né? Feitos de outros, de outras, o álcool biofertilizante de álcool, sabão, sabão de soda, o sabão neutro é... o óleo de comida tem biofertilizante feito, o enxofre é um elemento, o cal virgem utiliza na calda bordalesa na calda sufocais [...]. (informação verbal)⁴⁷

⁴⁵ Entrevista concedida por Barros no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

⁴⁶ Entrevista concedida por Cleonice no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

⁴⁷ Entrevista concedida por Barros no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de setembro de 2022.

Porém, há uma redução dessas práticas, na medida em que vão chegando as novas tecnologias, ancoradas nas técnicas que trazem o “progresso” que são inseridas nesse modelo de produção.

De acordo com Piccin; Betto (2018, p.99) o “[...] resultado da força da sociedade e dos movimentos sociais em exigir que o poder público garanta um direito: o direito à Educação do Campo [...],” o camponês tem direito à educação em consonância como o seu modo de vida. Os camponeses egressos do Acampamento Che Guevara ao concluir a graduação do curso de Educação do Campo com Licenciatura em Ciências Humanas: Filosofia e Sociologia e Licenciatura em Ciências da Natureza: Química, Física e Biologia e Licenciatura em Pedagogia da Terra, se veem obrigados a desenvolver alguma atividade que demonstre o seu aprendizado para somar às práticas já existente no modo de produção camponesa.

Para que as práticas científicas possam dialogar com os saberes populares, conforme Nascibem (2022, p.54) “[...] o saber popular é riquíssimo enquanto pensamento humano, visto que fornece estudos complexos para a academia e é uma via de consolidação da ciência [...].”

As camponesas Vanusa e Maria, egressas do curso Educação do Campo com Licenciatura em Ciências Humanas: Filosofia e Sociologia, o camponês Luiz Carlos egresso do curso Educação do Campo com Licenciatura em Ciências da Natureza: Química Física e Biologia, e a camponesa Sandra egressa do Curso em Licenciatura do curso Pedagogia da Terra, relatam as experiências adquiridas no curso superior da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Como o Tempo Comunidade (TC) não aconteceu da forma prevista no projeto do curso, os saberes científicos não puderam ser agregados aos saberes populares, utilizados na produção campesina. Mas por outro lado os egressos mesmo que de maneira isolada aplicaram as teorias adquiridas, em projetos como: Alfabetização de Jovens e Adultos, Quintal Ecológico e Ciranda Infantil. A camponesa Vanusa egressa do curso Educação do Campo com Licenciatura em Ciências Humanas: Filosofia e Sociologia, afirma:

[...] Quando você se depara em um curso de graduação igual eu tive que foi uma conquista né? Que foi uma oportunidade que aconteceu na minha vida de ter conseguido chegar lá, mesmo já com quarenta e cinco anos praticamente e poder estar retribuindo agora isso com os jovens e adultos é muito gratificante, porque as pessoas tem muita dificuldade né? De acessar a educação e aí a gente diante da realidade que cada um vive né? Das necessidades de cada um, das dificuldades, e a gente conseguiu avaliar isso tudo e chegar num acordo de conciliar essa questão de todo esse jeito nessa organização [...]. (informação verbal)⁴⁸

⁴⁸ Entrevista concedida por Vanusa no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de junho de 2022.

A camponesa Maria egressa do curso Educação do Campo com Licenciatura em Ciências Humanas: Filosofia e Sociologia, conta como foi viver essa experiência de participar de um curso de Educação do Campo, que foi resultado de muita luta da classe camponesa:

“[...] eu terminei o Ensino Médio tarde, não imaginava ir para uma universidade, aí esse curso surgiu a partir dos movimentos sociais que é a linha da gente né? Você tá dentro do movimento aí a gente se escreveu passou, fez graças a Deus, mais assim eu não imaginava, que foi uma oportunidade imensa que eu fico pensando, tem tanta gente que descarta essa oportunidade né? [...]. (informação verbal)⁴⁹

O egresso do curso Educação do Campo com Licenciatura em Ciências da Natureza: Química Física e Biologia, o camponês Luiz Carlos explica como se caracteriza a participação de camponês acampado, em um curso de graduação na Universidade Federal:

[...] nós começamos a plantar as primeiras lavouras de feijão e milho em 2008, a 14 anos, a partir do momento que a gente chegou pra li, a gente participava do encontro estadual do movimento né? Aprendizado muito bom, e por último agora a gente entrou no curso Educação do Campo, concluímos agora na pandemia on-line [...] para mim foi um aprendizado muito grande viu, eu nunca imaginava que por ser assim agricultor da roça a gente ia conseguir entrar numa Universidade Federal e aprender o tanto que a gente aprendeu, uma oportunidade muito boa [...]. (informação verbal)⁵⁰

A egressa do curso de Licenciatura em Pedagogia da Terra, a camponesa Sandra ressalta a importância de ter participado de uma graduação com conteúdo voltados para sua realidade, e as expectativas sobre como trabalhar com a realidade das crianças camponesas do Acampamento Che Guevara após o término do curso:

[...] eu fiz Pedagogia da Terra né? Que foi um curso voltado para as pessoas que estavam no campo em vários movimentos sociais, MST, MPA, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Escola Família Agrícola, na época, PJR (Pastoral da Juventude Rural) também teve representantes, então a intenção do curso era que, formar né? Pessoas que pudessem trabalhar com as crianças que estão no campo, para valorizar o campo e também para ter um currículo voltado específico porque acaba que as crianças do campo elas são muito, elas dentro dos livros, dentro das propostas que se tem é uma coisa muito urbanizada e acaba não atendendo muito as crianças que estão no campo, as ribeirinhas também [...]. (informação verbal)⁵¹

De acordo com as entrevistas realizada com os egressos do Curso Educação do Campo, constatou-se que existe algo em comum entre eles, todos compartilham das expectativas, dos mesmos percalços que são enfrentados coletivamente pela classe camponesa ao longo da história da luta pela terra.

Durante esse período de história do MST, os camponeses foram construindo por meio de um projeto de resistência o direito ao acesso nas universidades, de maneira gradativa vem ocupando os espaços, segundo Figueiredo; Veras; Lins (2016, p.62) os camponeses vão “[...]”

⁴⁹ Entrevista concedida por Maria no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de junho de 2022.

⁵⁰ Entrevista concedida por Luiz Carlos no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de outubro de 2022.

⁵¹ Entrevista concedida por Sandra no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de outubro de 2022.

adentrando as universidades públicas, pelas brechas das ações afirmativas de inclusão e pela luta histórica da Reforma Agrária [...],”recomendando que o direito a educação voltada para a realidade camponesa é fundamental para a permanência das famílias na terra.

Para (LAGE, 2013), as políticas de ocupação dos espaços na educação realizada pelos camponeses, se caracteriza como uma nova construção sendo avaliado como político e também pedagógica, pois constrói não apenas o militante, mas também o ator coletivo e um conjunto de conhecimentos que estão a subsidiar as análises das experiências mais inovadoras no campo da educação.

Figueiredo; Veras; Lins (2016, p.62) destaca que “[...] no contexto da exclusão escolar em que vivem as pessoas no e do campo, o MST, como um movimento social, quebra cercas e desmistifica questões que afirmam que a educação superior presta-se a alguns iluminados e oferta a enxada a muitos trabalhadores [...],”os camponeses organizados pelo MST, tem um histórico de conquistas por meio da luta coletiva como, mobilizações, marchas pela educação que foram fundamentais para abrir vários espaços com ações consideradas importantes para o campesinato.

As camponesas egressas, Vanusa e Maria falam sobre as práticas desenvolvidas de forma individual, após o término do curso universitário. Segundo elas, iniciaram no ano 2022, o projeto sobre Alfabetização de Jovens e Adultos e Quintal Ecológico:

[...] está sendo um pouco difícil, trabalhar esta questão dentro da propriedade, a gente adquirir o conhecimento, mas não consegue colocar totalmente as coisas em prática, aquilo que a gente aprendeu teoricamente porque é muito complicado a gente viver é, uma sociedade aonde o dinheiro fala mais alto em tudo né? Então a gente tenta desenvolver alguma coisa, algumas atividades, mais o recurso as vezes é escasso e a gente não consegue né? Desenvolver muita coisa, mais o aprendizado ele nunca é... muito né? Ele sempre é necessário então toda formação que você tem por mais que você não consiga colocar em prática dentro da propriedade, mas você tem um conhecimento que você pode abranger em outras... vias e de outras formas é... eu não consegui depois que eu conclui avançar muito mais é... tenho contribuído um pouquinho né? Com a alfabetização de jovens e adultos, que pra mim está sendo uma experiencia muito fantástica, o povo que eu consigo ajudar, na formação, é... na busca de ajudar um pouco aqueles que necessita ser alfabetizado pra mim está sendo uma experiencia é... muito boa. [...]. (informação verbal)⁵²

Com o projeto de alfabetização de Jovens e Adultos, surgiu a ideia de implantar outro projeto que é a construção do Quintal Ecológico, segundo a egressa Vanusa:

[...] e outra questão que está tentando alavancar é a questão do quintal ecológico né? De plantação de mudas e aí tem até o viveiro cidadão também que tá apoiando e incentivando essa causa, e ajudando pra que as mulheres façam um quintal em volta da sua casa, em volta da sua moradia né? Que seja um espaço mais acolhedor um espaço mais tranquilo de si viver, então o [...] trabalho que está sendo feito é esse dos... quintais [...] o viveiro cidadão é uma parceria que tá dando certo né? Então já foi feito cadastramento do povo, o povo já recebeu parte de uma doação e agora está esperando as mudas pra, pra fazer o plantio das arvores, mas tá sendo uma parceria

⁵² Entrevista concedida por Vanusa no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de junho de 2022.

bem interessante [...] isso já se inicia após na, depois que eu concluí a graduação. (informação verbal)⁵³

O projeto da implantação do Quintal Ecológico em parceria com o Projeto Viveiro Cidadão, é importante para questões ambientais e econômicas, segundo Bonavigo; Ferronato; Maia (2018, p.4) o Quintal Ecológico “[...] apresenta alternativas, de acordo com o código florestal, que podem se tornar oportunidades de renda, seja a partir da floresta já existente nas propriedades rurais, ou que precisará ser plantada nos próximos anos para regularização ambiental [...],” a construção de um ambiente arborizado em volta das moradias, além de criar um ambiente saudável pode ser rentável.

O projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos no Acampamento Che Guevara, segue o método de Paulo Freire (2013, p. 64) onde o sujeito “[...] apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever. Prepara-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler [...].”

Nesse trabalho de Alfabetização para Jovens e Adultos do Acampamento Che Guevara a egressa Maria relata como é vivenciar essa experiência, lembrando que, essa atividade teve início com o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado de:

[...] Alfabetização de mulheres camponesas do acampamento, né? Trabalhei com as mulheres mais, mais as analfabetas né? Que trabalhei e fiz uma pesquisa e entrevistei é... três mulheres analfabetas né? E assim no processo da educação, [...] assim é cansativo porque eu fiz um levantamento dentro do Assentamento inteiro, entre aspas que algumas casas você passa mais não tá, aí a você acaba não voltando né? Mais uns oitenta por cento dos moradores a gente entrevistou foi eu e a Vanusa né? Que a gente estava no outro projeto, ela me ajudou bastante, seria quase a mesma linha, mais assim depois que você conclui que você vai refletir é muito grandioso né? Muito bom mais é bem doloroso porque é um tempo que cê dedica, e a gente igual esse curso nosso é muito bom, mais pra gente que vive na roça é muito apertado né? Os períodos, os tempos, então você tem que se desdobrar mesmo senão não consegue não, mas foi muito bom [...]. No meu caso específico a professora Graça usou o meu trabalho como um projeto de pesquisa né? Da UNIR, a gente está desenvolvendo no Assentamento, Acampamento né? I... você vê o resultado né? As pessoas animadas agora a gente deu uma parada período de colheita, [...] e você vê o quanto as pessoas se importam eles querem mesmo aprender, então isso é gratificante pra gente [...]. (informação Verbal)⁵⁴

A camponesa Sandra, egressa do curso Pedagogia da Terra (UNIR), descreve quais atividades foram desenvolvidas no Acampamento Che Guevara, após a mesma concluir a graduação, ou seja, quais atividades desenvolvidas como pedagoga:

[...] eu trabalhei com as crianças de 4 e 5 anos, na época que as crianças no período de educação infantil da pré-escola, mais na época as crianças não eram assistidas dentro do Acampamento, porque só tinha uma escola multisseriada do 1º ao 5º ano. Aí, nós fizemos um trabalho durante o ano de 2007 com este público. A

⁵³ Entrevista concedida por Vanusa no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de junho de 2022.

⁵⁴ Entrevista concedida por Maria no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de junho de 2022.

gente tinha a Ciranda Infantil mais assim, que acolhia todas as crianças, mas em eventos itinerantes, por exemplo se tinha um encontro de mulheres, então era formado um espaço para que as crianças ficassem enquanto as mulheres estavam no curso, ou se era um curso de formação, um encontro, para que os adultos participassem e o espaço para que as crianças também estavam ali, não só para serem cuidadas, elas também desenvolviam atividade né? E aí nesse período a gente fez a Ciranda no caso, um espaço pra elas né? Que a gente não atendia elas todos os dias, mais 3 (três) vezes na semana, com pessoas voluntárias na época. Na época, assim como a questão do trabalho lá, era questão do trabalho coletivo né? Também, e assim como, trabalho coletivo no sentido assim das famílias né? Cada família tinha, por mais que era um Acampamento tinha suas roças, tinha né? Saídas pra época das colheitas, então eles tinham essa dificuldade de voluntários nessa época do período de roça, que era assim, era a necessidade das famílias né? Que a gente não podia contar, e a gente via assim que o número de voluntários nesse período caía, e também no ano seguinte eu e uma outra pessoa que tava na Ciranda naquele período, a gente fez um concurso público no município, e aí como a gente já não tava aquele período já de voluntariado, e aí a gente assumiu outras funções né? Pelo município, e aí a gente não conseguiu conciliar [...]. (informação verbal)⁵⁵

Segundo Freire (1996, p. 15), “[...], a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo [...],” este pensar certo, no entanto, é necessário envolver a teoria e prática, como trabalhar com a criança camponesa valorizando a importância da permanência das famílias no campo.

A educação quando trabalhada a partir da realidade local, o ser humano estabelece uma relação sujeito-objeto da qual nasce o conhecimento, que ele expressa por uma linguagem, apresentando por meio do desenvolvimento da prática, que será pelo modo de ação do indivíduo de acordo com o seu ambiente, sua forma de agir quanto sujeito. (FREIRE, 2013).

O egresso Luiz Carlos, do curso Educação do Campo com Licenciatura em Ciências da Natureza: Química Física e Biologia, ressalta que após o término da graduação não foi possível desenvolver atividades relacionadas as experiências adquiridas ao longo da formação na universidade:

[...] eu me formei aí eu não, a única coisa que a gente faz é conversar com um vizinho né? Falar sobre uma adubação coisas assim, mais assim, profissional mesmo assim desenvolvimento nenhum [...] por eu ter me formado em Ciências da Natureza muda algumas coisinhas né? Por exemplo, o uso de agrotóxico mais consciente é, a forma de plantar também, [...] eu tinha vontade de fazer uma análise de solo, mas devido a área nossa ali ter sido gradeada o ano passado não consegui coletar, mas minha vontade é fazer uma análise de solo, fazer uma adubação certinha, que a gente ver que tem resultado né? Acredito que se a gente trabalhar com várias culturas em menos áreas plantadas com vários tipos de culturas, assim feito uma análise de solo, uma adubação certinha e o resultado seria bem melhor, diminuía muito o uso da terra. Eu cheguei até conversar com uns amigos que trabalha com abelha, aí ficou parado no momento, mas eu tenho vontade de criar umas colmeias de abelha ainda próximo da lavoura, porque eu vi o resultado que a produção de café ela aumenta muito, 20% (vinte) por cento só de umas colmeias de abelha perto da lavoura de café

⁵⁵ Entrevista concedida por Sandra no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de outubro de 2022.

[...]. (informação verbal)⁵⁶

Os resultados da pesquisa, do acompanhamento do curso Educação do Campo comprovam que o fazer ciências a partir do conhecimento adquiridos junto a Universidade, não aconteceu. Talvez por esse motivo, alguns egressos não tenham entendido o projeto de agroecologia proposto pelos movimentos sociais, para isso é necessário compreender qual a função da Pedagogia da Alternância que segundo Cruz, (2017, p. 44):

Embora a pedagogia da alternância conjugue dois espaços-tempos distintos, por si só ela não educa ou forma as pessoas, ao contrário, poderá ser uma dificuldade para o sujeito integrar tais momentos formativos. Para ocorrer essa formação via PA, cabe um esforço de compreensão de ambos os espaços-tempos, numa tentativa de apreender as várias direções pelas quais caminha essa pedagogia, sendo uma delas a formação contínua e permanente. (Cruz, 2017, p. 43).

Esta formação contínua, deve ocorrer através do acompanhamento político, envolvendo as famílias e as lideranças locais do MST, no caso do Acampamento em estudo, que o curso se caracteriza como uma forma de inclusão dos estudantes nestes espaços e construir possibilidades concreta de diálogo intenso e formação com os pés fincados na realidade, mas também com a compreensão das concretas possibilidades de transformação social, protagonizadas pela ação coletiva. (LAGE, 2013).

⁵⁶ Entrevista concedida por Luiz Carlos no Acampamento Che Guevara, em Alto Alegre dos Parecis no dia 28 de outubro de 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a pesquisa foi possível entender as dificuldades encontradas pelos camponeses egressos do curso Educação do Campo com Licenciatura e Pedagogia da Terra, por não aplicarem os conhecimentos adquiridos no Tempo Universidade (TU), na produção camponesa, os saberes populares.

Nos cursos com a metodologia da Pedagogia da Alternância, faltou uma participação ativa das lideranças locais do MST, na cobrança da excussão do Tempo Comunidade (TC), como reza a matriz curricular dos cursos de Educação do Campo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR Campus Rolim de Moura.

A Pedagogia da Alternância, uma conquista do campesinato, hoje reconhecida pelo Estado que efetiva e se fortalece com o entendimento de que a relação escola-família-comunidade-sociedade implica em uma integração e uma interpenetração que possibilite romper com a dicotomia entre teoria e prática, conhecimentos científicos e saberes populares. (MEC, 2022)

Nesse contexto, logo após a conclusão do curso de graduação, os egressos buscaram de maneira isolada desenvolverem atividades como Ciranda Infantil, Educação de Jovens e Adultos, implantação do Quintal Ecológico, ambos com o objetivo de restituírem de alguma forma o conhecimento adquirido no Tempo Universidade (TU), sem o apoio das lideranças dos movimentos camponeses.

No entanto, a luta por uma educação do campo não é um projeto isolado, deve ser compreendido como uma ferramenta de conquista e permanência na terra, que ao fazer uma conexão entre conhecimento científico e saberes populares, consolida a proposta de manter as famílias no campo, fortalecendo a aliança entre campo e cidade.

A produção agrícola no Acampamento Che Guevara, continua diversificada, mas a maioria dos camponeses, por não terem condições financeiras acabam fugindo da proposta campesina de produção agroecológica e são induzidos pelas instituições estaduais, municipais e até mesmo, pela própria Universidade, no curso Educação do Campo Ciências da Natureza, que em sua matriz curricular, traz na disciplina: os agrotóxicos e o meio ambiente, que ensina noções básicas de utilização de venenos nas lavouras.

Quanto a criação de animais permanece a diversificação de espécies, para o consumo próprio das famílias e o excedente de toda a produção é comercializado no município de Alto Alegre dos Parecis - RO e municípios vizinhos.

A partilha da terra por meio da Reforma Agrária Popular, foi um avanço significativo pois as famílias camponesas foram trabalhar em suas frações de terra e produzirem, mesmo

com a ausência de políticas públicas para investimentos na produção.

O Estado não está cumprindo a Lei de Diretrizes de Base da Educação no Acampamento Che Guevara, mesmo com uma população de 300 (trezentas) famílias, não tem Escolas para os filhos dos camponeses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Expansão madeireira na Amazônia: impactos e perspectivas para o desenvolvimento sustentável no Pará. Belém: Imazon, 2002.

ABDALA, JUNIOR, R. **O cinema: outra forma de “ver” a história**, 2006. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2603>. Acesso 17 jun. 2021.

ALTIERI, M. **Agroecologia:** a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ADDOR, F; EID, F; SAN SOLO, G. D. (org.). **Tecnologia social e reforma agrária popular**. Marília, SP: Lutas Anticapital, 2021. v. 2.

ANDRÉ, E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

AMMANN, S. B. **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. 5. ed. São Paulo. Cortez, 1985.

BASTOS, E. R. **As ligas camponesas**. Petrópolis, Vozes, 1984.

Brasil. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BERGAMASCO, P. P. M. S.; FIDELIS, M. L. **Quilombos e a agroecologia:** a agricultura tradicional como estratégia de resistência da comunidade quilombola João Surá, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcilio/AppData/Local/Temp/401-Texto%20do%20artigo-916-1-10-20141127-1>. Acesso 21 maio 2022.

BONAVIGO, H. P; FERRONATO, L. M; MAIA, E. **Usar, conservar, reflorestar:** o que fazer com a reserva na propriedade? Porto Velho, Ecoporé, 2018.

Câmara dos Deputados. **LEI Nº 4.504, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1964**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4504-30-novembro-1964-377628-norma-actualizada-pl.pdf>. Acesso em 28 jun. 2022.

CALDART, R. S. **Pedagogia do movimento sem terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. et al. (org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

Câmara municipal de Alto Alegre dos Parecis-RO. **História de Alto Alegre dos Parecis-RO**. Disponível em: <https://www.altoalegredoparecis.ro.leg.br/institucional/historia>. Acesso 15 agost. 2022.

CARNEIRO, F. F. (org.). **Dossiê ABRASCO:** um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CARVALHO, H. M. **O campesinato no século XXI:** possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. 2. ed. Curitiba: editora, Vozes, 2004.

CARVALHO, G. **Patativa do Assaré:** pássaro liberto. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará,

2011.

COELHO, F. **A alma do MST?** a prática da mística e a luta pela terra. Dourados, MS: UFGD, 2014.

CARLA, C. **Cronologia resumida da guerra de canudos.** Museu da República. Salvador: IBRAM / MinC, 2017.

CPT: pastoral e compromisso em coedição com Comissão Pastoral da Terra. Petrópolis: Vozes, 1983.

Câmara municipal de Alto Alegre dos Parecis-RO. **Comunicado de recebimento de recurso e publicação** Disponível em: <https://www.altoalegredoparecis.ro.leg.br/institucional/noticias>. Acesso em: 17 out. 2022.

Consultor jurídico. **Descumprimento judicial:** Rondônia sofrerá intervenção por descumprir sentença. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2005-mai-18/stj_autoriza_intervencao_federal_rondonia. Acesso em: 5 jul. 2022.

COSTA, L. M. **Agroecologia na Amazonia desafios e perspectivas no contexto da reforma agrária:** um estudo de caso em Ariquemes–Rondônia. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CRUZ, N. A. **A práxis da escola família agrícola:** continuidades e permanências na vida de egressos camponeses. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2014.

DANTAS, A, T; SANTOS, P, S, M, A. **Formação econômica do Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009. v. 1.

DOSSIÊ no 27 do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social: **reforma agrária popular e a luta pela terra no Brasil.** Brasília: Abril, 2020.

DICIONÁRIO Online de Português. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cacaoio>. Acesso em: 9 agost. 2022.

FAUSTO, B. **História do Brasil.** 12. ed. São Paulo: USP, 2006.

FEITOSA, J. R. T. **Geografia da religião:** consolidações e fragmentações territoriais na igreja católica: a renovação carismática católica e as comunidades eclesiais de base em Rolim de Moura-RO. Curitiba, PR: CRV, 2014.

FIGUEIREDO, J. B. A; VERAS, C. I. M; LINS, L.T. (org). **Educação Popular e movimentos sociais:** experiências e desafios. Fortaleza: Impreco, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 26.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FOGAÇA, J. R. V. **"História do sabão:"** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/quimica/historia-sabao.htm>. Acesso em: 21 jul. 2022.

GADOTTI, M. **Mova, por um Brasil alfabetizado**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

Guia Geográfico. **Mapa do Estado de Rondônia**. 2022. Disponível em: <https://www.brasil-turismo.com/imagens/mapa-rondonia.jpg>. Acesso em: 12 out, 2022.

HORN, G. B; GERMINARI, G. D. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Alto Alegre dos Parecis: população**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/alto-alegre-dos-parecis/panorama>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Alto Alegre dos Parecis**. 2022. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/RO/alto_alegre_dos_parecis. Acesso em: 10 nov. 2022.

KONDER, L. **Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LAGE, A. **Educação e movimentos sociais: caminhos para uma pedagogia de luta**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

LEITE. S. J. M. **Tráfico Atlântico, escravidão e resistência no Brasil**, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcilio/AppData/Local/Temp/137196-Texto%20do%20artigo-264777-1-10-20170818>. Acesso em: 18 maio 2021.

LÊNIN, V. I. **O imperialismo, etapa superior do capitalismo**. Campinas São Paulo: FE/UNICAMPO, 2011.

LIMA, T. L. de **Do monte Nebo a Jarú: um passado a ser conhecido**. Canoas: ULBRA, 2001.

LÖWY, M. **O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

LUCENA, T. I. N. **Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira**. [recurso eletrônico]. Natal: EDUFRN, 2016.

MARX, K.; FRIEDRICH E. **A ideologia alemã: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B, Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas**. 4. ed. Tradução de Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Portugal: Editora Presença, 2011. v. I.

MARX, K.; FRIEDRICH E. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MST. Em Rondônia, acampamento Che Guevara abastece cidade com alimentos da reforma

agrária. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/10/13/em-roraima-acampamento-che-guevara-abastece-cidade-com-alimentos-da-reforma-agraria>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MARTINS, S. J. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 1981.

MATIAS, F. **Pioneiros ocupação humana e trajetória política de Rondônia**. Porto Velho: Gráfica e Editora Maia, 1997.

MEDEIROS, L. S. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro FASE, 1989.

MENDES, S. A.C. **Biofertilizante**: estudo de opinião, tendência das pesquisas e legislação brasileira. Brasília, 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Proposta de regulamentação da Pedagogia da Alternância**. Disponível em: mec.gov.br/docman/junho-2020-pdf/146891-texto-referencia-pedagogia-da-alternancia. Acesso em: 11 nov. 2022.

MOURA, C. **Sociologia política da guerra camponesa de Canudos da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

MOURA, C. **Quilombos**: resistência ao escravismo. 5. ed. Teresina: EdUESPI, 2021.

NASCIBEM, F. G. **O saber popular e o saber científico**: uma convergência possível? São Paulo: Blücher, 2022.

Nas Cinzas da Floresta. Direção de Adrian Cowell. Produção de Tv Central de Londres. Realização de Verbo Filmes. Roteiro: Vicente Rios, Auro Luz, Nélio Rios, Albert Bailey, Godfrey Kirly, Vanderlei de Castro, Clive Pendry, Stephen Bray. Rondônia: Universidade Católica de Goiás, 1990. (55 min.), DVD VÍDEO.

NOGUEIRA, J. C. A. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. A obra manuscrita de Antônio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

OLIVEIRA, E. R. **Entre a reforma e a revolução: o PCB e a revolução brasileira**. Marília, SP: editora, 2017.

PAULA, E. A. **(Des) Envolvimento insustentável na Amazônia Ocidental**: dos missionários do progresso aos mercadores da natureza. Rio Branco: Edufac, 2013.

PICCIN, M. B; BETTO. J. **Educação popular, movimentos sociais e educação do campo**. [recurso eletrônico]. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

PICOLI, F. **O capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo. Expressão Popular, 2006.

Presidência da República Casa Civil. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14 jul. 2022

SALDANHA, P. **Quilombo de Frechal**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

SALES, G. M. N. **Criação de galinhas em sistemas agroecológicos**. Vitória, ES: Incaper, 2005.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos modos e significados**. Brasília: MCTI, 2015.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. **Associações rurais: práticas associativas, características e formalização**. Brasília: SENAR, 2011.

SENA JÚNIOR, C. Z. **Capítulos de história dos comunistas no Brasil** ed.[online]. Salvador: EDUFBA, 2016.

Senado Federal. **Sesmarias e terras devolutas**. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/865/RIL158_2_20.pdf?sequence=4. Acesso em: 16 nov. 2022.

SODRÉ, N. W. **Formação histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

STEDILE, P. J. **Latifúndio: o pecado agrário brasileiro**. 2. ed. São Paulo, SP: Secretária Nacional-MST, 2003.

SOUZA, M. M.T. **Entre a cruz e o trabalho a exploração de mão-de-obra indígena no Sul da Bahia**, 2017. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/br/files/15_entre_a_cruz_e_o_trabalho_a_exploracao_de_mao-de-obra_indigena_no_sul_da_bahia_1845-1875.pdf. Acesso em: 18 maio. 2021.

VELHO, O. G. **Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento**[online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

WWF-Brasil. **Conservação da natureza brasileira**. Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/ameacas_riscos_amazonia/desmatamento_na_amazonia/grilagem_na_amazonia. Acesso em: 9 ago. 2022.

TUA SAÚDE. **Mastruz (erva-de-santa-maria): para que serve e como usar**. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/mastruz>. Acesso em: 15 ago. 2022.

UNIR. **Licenciatura em Educação do Campo**. Disponível em: <https://educampo.unir.br/homepage>. Acesso em: 29 set. 2022.

UNIR. **Conselho superior acadêmico-CONSEA**.2022. Disponível em: https://secons.unir.br/uploads/ato/485_366_366_cr_graduacao_em_regime_especial_para_pedagogia_da_terra.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

ZANOTTO, R. L. **Saberes populares: recurso para o ensino de conceitos químicos num enfoque CTS**. Ponta Grossa, PR, 2015.

Zona da Mata-RO. Perfil do Território Zona da Mata. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_216_Zona%20da%20Mata%20-%20RO.pdf. Acesso em: 5 jul. 2022.